

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Viviane Malheiro Barbosa

Mulher na roda: experiências femininas na Capoeira Angola de Porto Alegre



**Porto Alegre
2017**

Viviane Malheiro Barbosa

Mulher na roda: experiências femininas na Capoeira Angola de Porto Alegre

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Carla Beatriz Meinerz

Linha de pesquisa: História, Memória e Educação

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Barbosa, Viviane Malheiro
Mulher na roda: experiências femininas na
Capoeira Angola de Porto Alegre / Viviane Malheiro
Barbosa. -- 2017.
156 f.

Orientadora: Carla Beatriz Meinerz.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Experiência. 2. Mulher. 3. Capoeira Angola. 4.
Educação. I. Meinerz, Carla Beatriz, orient. II.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Viviane Malheiro Barbosa

Mulher na roda: experiências femininas na Capoeira Angola de Porto Alegre

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Educação.

Profa. Dra. Carla Beatriz Meinerz – Orientadora

Profa. Dra. Dóris Bittencourt Almeida – PPGEDU/UFRGS

Profa. Dra. Aline Lemos da Cunha Della Libera – UFRGS

Profa. Dra. Rosângela Costa Araújo – PPGEDU/UFBA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as mulheres capoeiristas, as que já partiram deste mundo, e as que ainda lutam e resistem para tornar a Capoeira uma arte mais igualitária entre homens e mulheres. À minha mestra Elma Silva, por ter me iniciado na arte da capoeiragem, à Alessandra Beatriz Malheiro Barbosa, porque foi a convite dela que eu conheci essa arte ancestral e aos meus queridos pais Ademir e Juçara. E, especialmente à memória do ilustre Antônio José da Conceição Ramos, o Mestre Patinho, que partiu deste mundo dias antes deste trabalho ser concluído.

AGRADECIMENTOS

Pelo que conheço da Capoeira ela tem início, mas não tem fim. Por isso, dar por encerrada a escrita desta pesquisa não foi uma tarefa fácil. Pessoas muito especiais, em ocasiões e de formas diferentes contribuíram imensamente para que eu pudesse concluir essa caminhada, sem elas eu não teria chegado até aqui, por isso agradeço:

À minha orientadora Carla Beatriz Meinerz que me ensinou os primeiros passos sobre a arte da pesquisa, me fez “tomar distância” e ver o universo da Capoeira com outros olhos. Também pelo incentivo, e acolhida nos momentos mais difíceis, além de apontar os caminhos possíveis.

À banca examinadora: Rosângela Costa Araújo/Mestra Janja, Dóris Almeida Bittencourt e Aline Lemos da Cunha Della Libera, pela generosidade e preciosas sugestões dadas durante o processo de elaboração deste trabalho.

Às seis mulheres que generosamente compartilharam suas experiências, para que este estudo pudesse acontecer, minha eterna gratidão: Elma, Alessandra, Magnólia, Inajara, Fabiane e Olori Obá.

Aos queridos amigos Cristian e Edson pelo incentivo, leitura e socorro ortográfico.

Às amigas Carolina Uceda e Renata Gusmão.

À querida colega e amiga Jaqueline Sampaio por trilhar comigo os caminhos do mestrado – do início ao fim.

Às amigas e alunas do Grupo de Estudos de Capoeira Angola N’Zambi - Porto Alegre por estarem sempre comigo e me darem tantas alegrias, pelos treinos que tanto me fortaleceram, às vezes era o único lugar em que eu podia arejar os pensamentos.

À minha família de Capoeira N’Zambi Brasília e Florianópolis – pela confiança, apoio, axé e amizade que muito me fortaleceram no projeto de qualificação e agora no final desta caminhada, além das preciosas referências teóricas e bibliográficas sugeridas para esta dissertação.

Aos meus pais Ademir e Juçara, à minha irmã Ale e minha sobrinha Violetta. Agradeço especialmente a compreensão pelas horas que foram roubadas do nosso convívio, devido ao tempo que foi preciso dedicar à escrita. Por acreditarem tanto em mim, e principalmente pelo eterno incentivo aos meus estudos.

Ao CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo apoio financeiro à pesquisa.

E, finalmente à Capoeira e aos Ancestrais.

“Inserir o novo no velho, sem molestar a raiz”

Antônio José da Conceição Ramos – Mestre Patinho.

RESUMO

A dissertação objetiva registrar e analisar as experiências e singularidades vividas por seis mulheres capoeiristas, com foco analítico no potencial educativo da Capoeira Angola na vida das mesmas. Coloca-se no contexto do tempo presente, tendo como recorte temporal a iniciação dessas mulheres na Capoeira, entre 1986 e 2016, destacando suas passagens em práticas da arte na espacialidade da cidade de Porto Alegre. Trata da Capoeira Angola enquanto campo formativo e educacional, interseccionando aspectos dessa prática cultural com questões de gênero e de pertencimento étnico racial. A pesquisa está inserida no campo da História da Educação e traz uma abordagem qualitativa amparada pela metodologia da História Oral, através do uso da entrevista compreensiva. A escrita destaca como as seis mulheres pensam e vivem a presença feminina no espaço da Capoeira Angola, evidenciando a experiência de cada uma e a compreensão da diferença que se produz no tornar-se mulher praticando e ensinando a arte da Capoeira. Compreende a Capoeira Angola como espaço de múltiplas aprendizagens, tensões e resistências, destacando temas como: tornar-se mulher, reconhecer ancestralidades, ética, equidade nas relações étnico-raciais e de gênero, vínculos com a religiosidade e solidariedade. Utiliza autoras (es) como ARAÚJO (2016) LOURO (1997), PERROT (1998), CHAUI (2011) CERTEAU (2012), SCOTT (1992; 2015) ERRANTE (2000) OLIVEIRA (2012), LAROSSA (2002; 2016). Analisa-se as mudanças ocorridas na vida das capoeiristas, com base em suas experiências vividas na Capoeira, utilizando-se a metáfora - da “pequena” para a “grande roda” (ARAÚJO, 2015) – a roda da vida.

Palavras chave: **Experiência. Mulher. Capoeira Angola. Educação.**

ABSTRACT

The dissertation aims to record and analyze the experiences and singularities experienced by six women capoeiristas, with an analytical focus on the educational potential of Capoeira Angola in their lives. It is placed in the context of the present time, taking as a temporal cut the initiation of these women in Capoeira, between 1986 and 2016, highlighting their passages in art practices in the city of Porto Alegre. It treats Capoeira Angola as a formative and educational field, intersecting aspects of this cultural practice with issues of gender and ethnicity. The research is inserted in the field of History of Education and brings a qualitative approach supported by Oral History methodology through the use of comprehensive interview. The writing emphasizes how the six women think and live the feminine presence in the space of Capoeira Angola, evidencing the experience of each one and the understanding of the difference that occurs in becoming a woman practicing and teaching the art of Capoeira. Understanding Capoeira Angola as a space of multiple learning, tensions and resistance, highlighting themes such as: becoming a woman, recognizing ancestry, ethics, equity in ethnic-racial relations and gender, ties to religiosity and solidarity. It uses authors such as ARAÚJO (2016) LOURO (1997), PERROT (1998), CHAUI (2011) CERTEAU (2012), SCOTT (1992; 2015) ERRANTE (2000) OLIVEIRA (2012), LAROSSA (2002; 2016) . We analyze the changes in the life of capoeiristas, based on their experiences in Capoeira, using the metaphor - from "small" to "big wheel" (ARAÚJO, 2015) - the wheel of life.

Key words: **Experience. Woman. Capoeira Angola. Education.**

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCA - Associação Brasileira de Capoeira Angola

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CECA - Centro Esportivo de Capoeira Angola

CESMAR – Centro Social Marista

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

FICA - Fundação Internacional de Capoeira Angola

GECAP - Grupo de Capoeira Angola Pelourinho

HD - High Definition

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

ONG – Organização Não Governamental

PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PT – Partido dos Trabalhadores

SASE - Sociedade de Assistência Social e Educacional

SMED - Secretaria Municipal da Educação

SUS – Sistema Único de Saúde

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNB – Universidade de Brasília

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, ciência e cultura

SUMÁRIO

IÊÊÊ	12
1. DAQUI PRÁ ALI, DE LÁ PRÁ CÁ	20
1.1 AS HISTÓRIAS NARRADAS ATRAVÉS DE ENTREVISTAS NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA ORAL: DA SOBREPOSIÇÃO DO USO DO CONCEITO EXPERIÊNCIAS SOBRE TRAJETÓRIAS.....	20
1.2 REVISÃO DE LITERATURA: ANDAM DIZENDO POR AÍ.....	29
1.3 QUANDO EU CHEGUEI DE ARUANDA, TROUXE O MEU BERIMBAU DENTRO DA MINHA CAPANGA.....	30
2. COLOCANDO O BERIMBAU NA FRENTE: AS CAPOEIRISTAS POR ELAS MESMAS – ENTREVISTAS TRANSCRITAS E EDITADAS	37
3. ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS: O QUE NOS PASSA, O QUE NOS ACONTECE, O QUE NOS TOCA	104
3.1 MULHERES CAPOEIRAS: VIVENDO E PENSANDO A PRESENÇA FEMININA NA ARTE.....	114
ADEUS QUE EU JÁ VOU EMBORA, PELAS ONDAS DO MAR EU VIM, PELAS ONDAS DO MAR EU VOU EMBORA.....	147
REFERÊNCIAS.....	150
APÊNDICE.....	154
ANEXO.....	156

IÊÊÊ¹.....

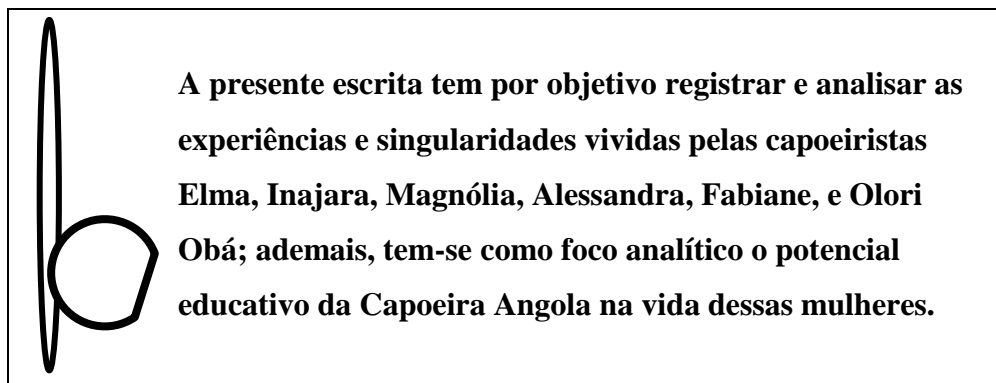
*Eu vou contar umas histórias
 Dê-me licença Oxalá
 De camaradas angoleiras
 Que lutam por seu lugar
 Elas são seis capoeiristas
 Que vieram aqui contar
 As suas experiências
 Elas têm muito pra ensinar
 Camará...
 (Ladainha - Viviane)*

Primeiramente, peço licença à Capoeira, por considerá-la uma entidade viva e, igualmente, solicito permissão aos ancestrais que dela fazem parte, para que este trabalho se concretize como dissertação de mestrado e cumpra uma de suas funções: fazer a guarda e o compartilhamento das memórias e dos saberes de seis mulheres que têm participação na história da Capoeira Angola de Porto Alegre.

Significou um desafio escutar, transcrever e fazer o registro das memórias dessas seis mulheres, e, posteriormente, compilá-lo para que tais histórias não se perdessem, ou, pior, se não houvesse o registro, talvez nunca viessem a ser contadas. Fazer o registro e destacar a relevância dessas experiências para o campo da Educação e da Capoeira Angola significa trazer informações sobre o modo como essas mulheres estão se posicionando no contexto da Capoeira em sua prática e vivência, e como isso vem repercutindo em suas vidas.

Ressalto que essa escrita se faz a partir de um olhar próprio, perpassado pelas minhas vivências como capoeirista, licenciada em Pedagogia e pesquisadora no campo da Educação.

¹ O brado do “Iêêê...” é utilizado na roda de Capoeira para anteceder o canto da ladainha, que trata da “[...] narrativa de um acontecimento, cuja motivação pode vir com um pedido de auxílio, de uma proposta de luta, de uma declaração de amor, de tristeza, etc” (ARAÚJO, 2015, p.99).



Fiz a escolha por essas seis mulheres pelo afeto, respeito e admiração que dedico a cada uma delas, na convivência dentro da Capoeira em Porto Alegre; além disso, considero-as figuras fortalecidas dentro do movimento da Capoeira Angola, cada uma a sua maneira, como irei apresentar a seguir na segunda parte. Essas mulheres se fazem representativas de pertencimentos socioculturais distintos como religiosidade, grupos geracionais, e étnico-raciais, origens familiares e profissões, assim como suas idades, entre 50 e 28 anos.

A opção pela temática que trata da condição feminina na prática da Capoeira Angola está imbricada em minha trajetória pessoal, repleta de afetos e experiências singulares vivenciadas como praticante e educadora desde o ano de 1995. No campo acadêmico, a pesquisa com Capoeira Angola e Educação teve início na graduação em Pedagogia.

Escolhi a Capoeira Angola para ser a base deste estudo porque tenho nela o meu mais profundo e desafiador campo formativo. Trata-se de uma prática contra hegemônica, envolta em fundamentos, valores e rituais que provocam atitudes voltadas para questões políticas de resistência, continuidade e preservação de uma cultura negra, ancestral e plural. Promovendo assim um campo de conhecimento de permanência que “[...] nele, tem-se consciência de que a relação de troca e de crescimento estabelecida é para a vida toda, não existindo etapa ou graduação que defina o seu término” (ARAÚJO, s/p, 2015). Como dizia Mestre Pato: “A Capoeira Angola é um constante aprender a aprender” (BARBOSA, 2013).

Na perspectiva da historiografia dominante até o momento, o protagonismo masculino sempre prevaleceu e pouco se estuda sobre a participação das mulheres, o mesmo acontece na própria história da Capoeira. Joan Scott (1992) alude à importância de irmos contra as definições históricas e seus agentes; no caso da Capoeira,

enfrentamos o mesmo dilema, a invisibilidade da presença das mulheres na história da arte, deste modo,

[...] reivindicar a importância das mulheres na história significa necessariamente ir contra as definições de história e seus agentes já estabelecidos como “verdadeiros”, ou pelo menos, como reflexões acuradas sobre o que aconteceu (ou teve importância) no passado. E isso é lutar contra padrões consolidados por comparações nunca estabelecidas, por pontos de vista jamais expressos como tais (SCOTT, 1992, p. 77-78).

Fazer o registro dessas memórias significa incluir e apresentar “pontos de vista” diferentes e inovadores, permitindo o estudo das formas como cada uma dessas mulheres realiza e elabora suas experiências, incluindo decisões estratégicas e situações de aprendizado. E, a partir disso e para, além disso, compreender as mudanças ocorridas na vida de cada uma com base em sua experiência vivida na Capoeira Angola – da “*pequena*” para a “*grande roda*”² (ARAÚJO, 2015) – a roda da vida.

A geração de mulheres capoeiristas que aqui apresento faz parte de um movimento importante para a História da Educação e da Capoeira Angola na cidade de Porto Alegre, todas fizeram parte de grupos, organizaram e participaram de eventos e ações voltadas para as questões de gênero na Capoeira Angola, e, além disso, promovem a continuidade da arte ministrando aulas em espaços formais e não formais de educação.

As mulheres veem demonstrando resistência e oposição dentro do movimento por meio do aumento de lideranças femininas em grupos de Capoeira, encontros e eventos para discussão da qualidade das relações de gênero nessa prática; do surgimento de coletivos femininos voltados para questões pertinentes às suas vivências, dando corpo ao movimento de mulheres na Capoeira, capaz de construir outras práticas culturais (CERTEAU, 2012) na vivência da Capoeira Angola; além do aumento expressivo da participação de mulheres a partir da década de 1980³.

Para que uma mulher permaneça na Capoeira, uma prática historicamente considerada masculina é preciso muita resistência e coragem, porque ao mesmo tempo

² Forma como angoleiros e angoleiras se referem à sociedade mais ampla, sendo a pequena roda os espaços dos aprendizados e práticas da Capoeira. (ARAÚJO, 2016, p.86)

³ ARAÚJO, (2015)

em que a Capoeira Angola pode ser uma fonte de alegria e aprendizado fazendo aquilo que se gosta, pode ser também fonte de embates e conflitos que as mulheres lidam diariamente, não só no universo da Capoeira, mas também fora dele.

A pesquisa está inserida no campo da História da Educação e faz parte da Linha de Pesquisa História, Memória e Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Posso deduzir que há certa transgressão dos protocolos do campo acadêmico uma vez que estou profundamente implicada no tema de minha pesquisa, e, em muitas das vivências relatadas, foi através do meu olhar como pesquisadora e capoeirista que cada história foi desenhada e elaborada a quatro mãos, por assim dizer. Lembramo-nos que, além das narrativas, é preciso também considerar a participação de quem ouviu e está contando essas memórias. Contudo, a intenção aqui não é produzir uma verdade absoluta, por isso, trata-se apenas da minha humilde interpretação. Tentei compartilhar com o máximo de fidelidade, carinho e respeito os depoimentos generosamente concedidos pelas capoeiristas.

As autoras e autores que irão participar da roda foram chamados pelas mulheres a partir de seus relatos, apenas estou fazendo a “ponte”. A teoria aqui foi elaborada/produzida a partir do que disseram as entrevistadas. Para ajudar na elaboração e formação da “roda” que aqui proponho, foi chamado à baila Maurice Halbwachs, para auxiliar a reflexão teórica a respeito da Memória; Jorge Larrosa, para o diálogo sobre Experiência; Guacira Lopes Louro, para a conceitualização e problematização da qualidade das relações de Gênero na Capoeira Angola; Michelle Perrot e Joan Scott, para a discussão sobre a participação das mulheres na História; Rosângela Costa Araújo, para pensarmos a Capoeira Angola enquanto campo formativo e de pesquisa; Eduardo David de Oliveira e a Ancestralidade, Verena Alberti e Ecléa Bosi, como fontes inspiradoras para a metodologia da história oral; e, não menos importante para compreensão da Capoeira enquanto uma prática cultural e plural, Michel de Certeau. A participação dessas autoras e autores na roda da pesquisa contribuiu para que eu pudesse *observar a roda* e compreender mais profundamente a responsabilidade e a complexidade que é materializar/fazer o registro de memórias/histórias que para mim são tão caras.

A partir de Halbwachs (1990), foi possível compreender o significado da memória como fonte de pesquisa, uma vez que ela é uma reconstrução elaborada a partir das condições do presente, e as memórias de alguém como algo que não é

somente seu e, sim, estruturado a partir do coletivo. A Capoeira é uma cultura de tradição oral, permeada por disputas e contradições, outrossim, trata-se de uma memória não homogênea, desta forma, o que foi narrado por essas mulheres não se encerra em si mesmo, a lembrança coletiva e a memória do grupo está implicada em cada depoimento.

A intenção é dar visibilidade às diferentes e controversas histórias que permeiam o universo da Capoeira Angola e de suas praticantes, para, igualmente, ampliar o espectro de histórias e o conhecimento sobre experiências e práticas, registrando-as a fim de difundi-las, reconhecendo assim “[...] a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades em uma sociedade” (HALBSWACHS, 1990, p.158).

Durante a elaboração do projeto de qualificação, a pesquisa foi imaginada na perspectiva de um “jogo”, entre mim e o desafio de levar o tema da Capoeira Angola para o ambiente acadêmico. Metaforicamente, foi preciso gingar, avançar e recuar, elaborar estratégias para realizar um diálogo criativo na elaboração da roda da pesquisa. Por isso, a minha intenção foi elaborar/pensar a pesquisa como uma “roda de Capoeira”, composta por mim, pelas mulheres e pelos autores e autoras que colaboraram para a realização dessa investigação. Assim como na elaboração e compilação das entrevistas para a análise dos elementos concernentes à pesquisa, na roda de Capoeira, muitas coisas acontecem ao mesmo tempo, além da gama de saberes necessários para a sua realização. Pois, conforme Rosângela C. Araújo a roda de Capoeira é

um espaço de trocas intensas, é na roda que valores são negociados, que estratégias são refeitas/desfeitas, atribuindo sentido e significado aos processos comunicacionais que estruturam, pela oralidade, os acervos dos tempos que ali se fundem, se interpenetram (ARAÚJO, 2016, p.85).

Agrego, neste momento, a roda de Capoeira em face da pesquisa, porque é a partir dela que se torna possível compreender, refletir, sentir e analisar aquilo que foi dito durante as entrevistas no “jogo” da relação, ou melhor, no fluxo entre entrevistadora e entrevistada.

As entrevistas foram tomando força na medida em que a pesquisa avançava, e, assim, foram ganhando o cenário desta pesquisa. Eu pretendia, além das entrevistas, reunir documentos, projetos, fotografias, qualquer material que estivesse relacionado

com a vivência das mulheres na Capoeira; no entanto, somente uma delas me mostrou algumas imagens, outra trouxe um folder, e não houve mais manifestações por esses meios. Por esse motivo, abri mão da análise de documentos e elegi como recurso a entrevista compreensiva para fins da história oral, a revisão de literatura e as análises para compor este estudo.

Na verdade, elas queriam mesmo era falar, contar suas experiências na Capoeira Angola; além disso, senti-me totalmente capturada pelas narrativas, o que me levou a escolher como destaque desta pesquisa a história oral. Trata-se de uma postura política de reconhecer, trazer a público tais narrativas, buscando reparação para a ausência de registros historiográficos sobre mulheres na Capoeira Angola de Porto Alegre.

Inspirada pelo livro *“Memória e Sociedade: lembranças de velhos”*, de Ecléa Bosi, onde as histórias ocupam um lugar primordial na obra desta autora, busquei tratar as experiências narradas com o mesmo cuidado e espaço nesta pesquisa.

Trata-se aqui de um estudo de abordagem qualitativa, amparado pela metodologia da história oral, através do uso da entrevista compreensiva. Minha pesquisa se coloca no contexto do tempo presente, tendo como recorte temporal a iniciação dessas mulheres na Capoeira Angola, de 1986 a 2016.

Empreguei como estratégia para fins da história oral a entrevista compreensiva fundamentada em Jean Claude Kaufmann (2013). A maneira de conduzir uma entrevista compreensiva propõe compreendê-la como um método extremamente mandingueiro. Kaufmann (2013) orienta que tenhamos flexibilidade, empatia, que possamos inspirar confiança naquelas e naqueles que generosamente concedem-nos uma entrevista. “O pesquisador deve ser ativo e saber conduzir o jogo, sem deixar de manter-se modesto e discreto” (Kaufmann, p. 84, 2013). Caberá também, ao pesquisador a função de conduzir a (o) depoente a uma imersão em lembranças e memórias. Dedicar-se a ouvir toda aquela pessoa para que “[...] o informante compreenda que a atitude do pesquisador, de fato, não era um blefe, uma simples máscara de polidez, mas um interesse real por ele enquanto pessoa [...]” (p.85).

Trata-se de uma conversa em torno do assunto, todavia, explicitarei, previamente às entrevistadas, as questões que envolviam este estudo. E, mesmo que as memórias relatadas em alguns momentos pareciam desviar dos meus objetivos, elas ajudaram na compreensão do contexto das experiências vividas, compondo e enriquecendo o escopo da pesquisa.

Na medida em que as entrevistadas relatavam algumas situações características, lembranças me atravessavam sem o meu consentimento, contudo, eu estava ali para escutar, não para reavivar as minhas memórias; porém, inevitavelmente, identificava-me com aqueles relatos, porque “[...] a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 1994, p.47). A cada lembrança que emergia durante a entrevista, eu também lembrava daquilo que muitas vezes senti e vivenciei, e, ainda, nós, mulheres, continuamos vivenciando.

O processo de escuta das narrativas, as leituras realizadas, a produção de dados, a elaboração deste trabalho, ou melhor, participar da “roda” da pesquisa suscitou em mim muitas questões e aprendizados, e um deles é: não mais calar diante de nenhum tipo de violência seja na Capoeira ou em qualquer outro lugar, que eu não estou sozinha, muitas mulheres compartilham dos mesmos sentimentos e vivenciam situações muito semelhantes. Mestre Pastinha dizia: “A Capoeira é amorosa, não é perversa. É um hábito cortês que criamos dentro de nós, uma coisa vagabunda. Mas na hora da dor ela se torna uma luta perigosíssima”. Mesmo existindo uma perspectiva amorosa na Capoeira Angola, a humanidade se compõe de sentimentos conflituosos evidenciados na roda de Capoeira, por exemplo. Trata-se de um espaço que oportuniza que a (o) capoeirista expresse a forma como lida com as adversidades e os desafios que ali se apresentam, torna-se visível através das atitudes e respostas dadas durante o jogo.

A minha conversa com as capoeiristas demonstrou que as mulheres lidam de uma maneira diferente diante de tipos de violências. Procurei trazer informações ancoradas na pesquisa daquilo que levantei a partir da escuta delas.

A pesquisa está dividida em três partes. Na primeira parte, apresento e descrevo o caminho teórico-metodológico que percorri para chegar às experiências e os passos da elaboração da pesquisa e revisão de literatura. Além disso, contarei um pouco da minha experiência como mulher praticante e professora de Capoeira Angola, minha implicação na pesquisa e o que motivou o desejo de levar a Capoeira Angola para o âmbito acadêmico.

Na segunda parte, apresento as histórias compiladas a partir das narrativas de memória sobre as experiências, as histórias, os aprendizados, sentimentos, alegrias e angústias vivenciadas pelas seis capoeiristas no universo da Capoeira Angola.

Na terceira e última parte, apresento o referencial teórico que orientou as análises das narrativas e a fundamentação dos conceitos atinentes à pesquisa. Ademais, discorro sobre o contexto histórico da Capoeira e a presença feminina nessa conjuntura,

a Capoeira Angola como campo formativo e educacional e o aspecto do pertencimento étnico racial que envolve e perpassa a cultura da Capoeira.

“Salve o mensageiro, um recado vai levar, avisa ao povo de Aruanda que a roda vai começar”...

1. “DAQUI PRÁ ALI, DE LÁ PRÁ CÁ⁴”

Nesta parte, busquei fundamentar as escolhas teórico-metodológicas feitas no processo de constituição da pesquisa. O título escolhido é um trecho de uma música, ou como é chamado na Capoeira, um “corrido”, ilustrativo da forma como reuni elementos, em movimentos metodológicos – “*daqui prá ali*” –, através da realização de entrevistas compreensivas com mulheres capoeiristas e, “*de lá prá cá*”, por meio da busca de outras produções acerca do tema em questão, coligindo aparatos teóricos para compor as análises. Apresento também uma revisão da literatura sobre a presença da mulher na Capoeira, buscando por outras (os) pesquisadoras (es) que tratem dessa temática, com abordagem semelhante a proposta; a seguir, relato minha iniciação na Capoeira Angola e o que me inspirou a estudar essa arte no âmbito acadêmico.

A presente investigação tem por objetivo **registrar e analisar as experiências e singularidades vividas por Elma, Inajara, Magnólia, Alessandra, Fabiane e Olori Obá; ademais, tem-se como foco analítico o potencial educativo da Capoeira Angola na vida dessas mulheres.** Para fazer uma roda com essas mulheres capoeiristas, dentro do espaço acadêmico, optei pelo aporte teórico-metodológico da história oral através do uso da entrevista compreensiva. Igualmente, fez parte desse jogo, a revisão de literatura, na busca por outras (os) pesquisadoras (es) que tratassem dessa temática com tal abordagem. A seguir explicito essas opções de pesquisa.

1.1. As histórias narradas através de entrevistas na perspectiva da História Oral: da sobreposição do uso do conceito *experiências sobre trajetórias*

Num primeiro momento, minha intenção de pesquisa era registrar as trajetórias de mulheres que ensinavam Capoeira Angola em espaços escolares. Após as orientações e sugestões propostas pela banca avaliadora na qualificação do Projeto de Dissertação, senti-me muito atraída pela ideia de reformular minha intenção de pesquisa e realizar um estudo sobre **trajetórias** de mulheres capoeiristas, utilizando a metodologia da História Oral.

A nova abordagem da pesquisa me pareceu uma oportunidade mais interessante de reconhecer, dar visibilidade e valorizar a presença e a contribuição feminina na/para

⁴ Trecho de um “corrido” - uma música com poucos versos, que se agrega ao canto de todos os participantes, autoria desconhecida.

a Capoeira Angola de Porto Alegre. Outrossim, focar em experiências que não abarcassem somente o ensino de Capoeira em espaços escolares, mas também em experiências educativas vivenciadas pelas capoeiristas no universo da Capoeira Angola, ampliando, assim, o horizonte da investigação no campo da pesquisa em Educação. No projeto de dissertação, o critério para a escolha das entrevistadas, de certa forma, era limitante, pois restringia a participação apenas àquelas capoeiristas que tivessem atuado em escolas. No segundo momento da pesquisa, o meu interesse passou a ser as **trajetórias de mulheres na Capoeira Angola** e o que essas mulheres tinham a contar sobre isso. Ainda continuei utilizando a ideia de trajetória, conquanto instigada pelas questões anteriormente descritas. Por conseguinte, fiz o convite para mais duas capoeiristas participarem desse estudo e, para minha alegria, ele foi prontamente aceito.

Nesse sentido, comecei a questionar se o conceito de trajetória não poderia estabelecer uma ideia de linearidade, passei a repensar o conceito de trajetórias e buscar aproximar-me da conceituação relativa às experiências e aos saberes daí advindos. Essa mudança se deve especialmente à forma como as capoeiristas narraram suas histórias vividas na Capoeira Angola.

Durante esse processo, percebi que o que tinha em mãos estava muito mais vinculado às experiências, aprendizados e sentimentos, do que propriamente às trajetórias em si. Num terceiro momento, a palavra trajetória remetia-me muito à ideia de caminho percorrido em linha reta, algo linear, partida e chegada. Não me pareceu adequado decidir pela palavra “trajetória”, uma vez que as mulheres ainda estão “caminhando”, experimentando e vivenciando o mundo da Capoeira Angola, algo que não se encerrou no momento em que eu desliguei o gravador, é um movimento contínuo e em transformação. Dessa forma, assim como a própria arte da Capoeira não é uma manifestação única e acabada, mas um bem cultural em transformação, aqui é compreendida como cultura no plural e prática cultural (CERTEAU, 2012).

As histórias de vida extrapolam a linearidade, existem os desvios, os rompimentos, as curvas ascendentes e descendentes, as idas e vindas; e, conforme o que foi relatado, esses movimentos foram se tornando mais evidentes.

Larrosa (2002) em “*Notas sobre a experiência e o saber de experiência*” sugere que pensemos a Educação a partir do par experiência/sentido, cuja situação pode assemelhar-se à pedagogia existente na Capoeira Angola, onde só é possível aprender experimentando, vivenciando “[...] onde educar (**e aprender**) é algo muito maior que compreender e reproduzir conteúdos, mas olhar para o mundo e tornar-se parte

implicada na produção, gestão e difusão dos conhecimentos que se refazem e se renovam” (ARAÚJO, 2015, p. 12). Assim, pareceu-me mais apropriado utilizar a palavra **experiência**, pois ela vai ao encontro daquilo que foi possível apreender das narrativas das seis capoeiristas e pela forma como a pedagogia da Capoeira está implicada nesses relatos. Para Larossa, a experiência é “[...] o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2002, p.21).

As entrevistadas, Elma, Inajara, Magnólia, Alessandra, Fabiane e Olori Obá, foram escolhidas a partir do afeto, admiração e respeito que dedico a cada uma delas, na convivência dentro e fora da Capoeira; além disso, são figuras fortalecidas e importantes dentro do movimento da Capoeira Angola de Porto Alegre. Essas mulheres se fazem representativas de pertencimentos socioculturais distintos, como religiosidade, grupos geracionais e étnico-raciais, assim como suas idades, entre 50 e 28 anos.

As informações recolhidas durante as entrevistas dizem respeito a esse pequeno grupo; isto posto, as histórias contadas neste trabalho são baseadas nas experiências vividas por elas e não têm a pretensão de generalizar contexto algum, nem servir de modelo, a intenção é registrar as memórias dessas capoeiristas. Além do mais, não confrontei os fatos relatados para analisar possíveis distorções, tampouco questioneei se era verdade ou não, minha intenção foi apenas fazer o registro e analisar o que cada uma das entrevistadas escolheu para relatar.

Para a guarda, registro e compartilhamento das experiências femininas fiz a opção pela metodologia da História Oral, visto que me pareceu a opção mais fecunda, uma vez que admite a possibilidade de reconhecer as “[...] formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas” (ALBERTI, 2008, p.165). E, ainda, permite “[...] ampliar o conhecimento sobre experiências e práticas desenvolvidas, registrá-las e difundi-las [...]” (ALBERTI, 2008, p. 156).

Proponho aqui uma pesquisa de abordagem qualitativa, que se coloca no tempo presente, tendo como recorte temporal inicial o ano de 1986, período que inicia a experiência de uma das capoeiristas na prática da Capoeira, e estende-se até o ano de 2016, ano de conclusão das entrevistas. Empreguei como estratégia, para fins da História Oral, a entrevista compreensiva fundamentada em Jean Claude Kaufmann (2013). É importante que se tenha com a entrevistada uma relação não tão formal, trata-se de uma conversa em torno do assunto, com foco nas questões que abrangem a pesquisa. Antoinett Errante (2000), inspirada por Jean Claude Kaufmann, fala da

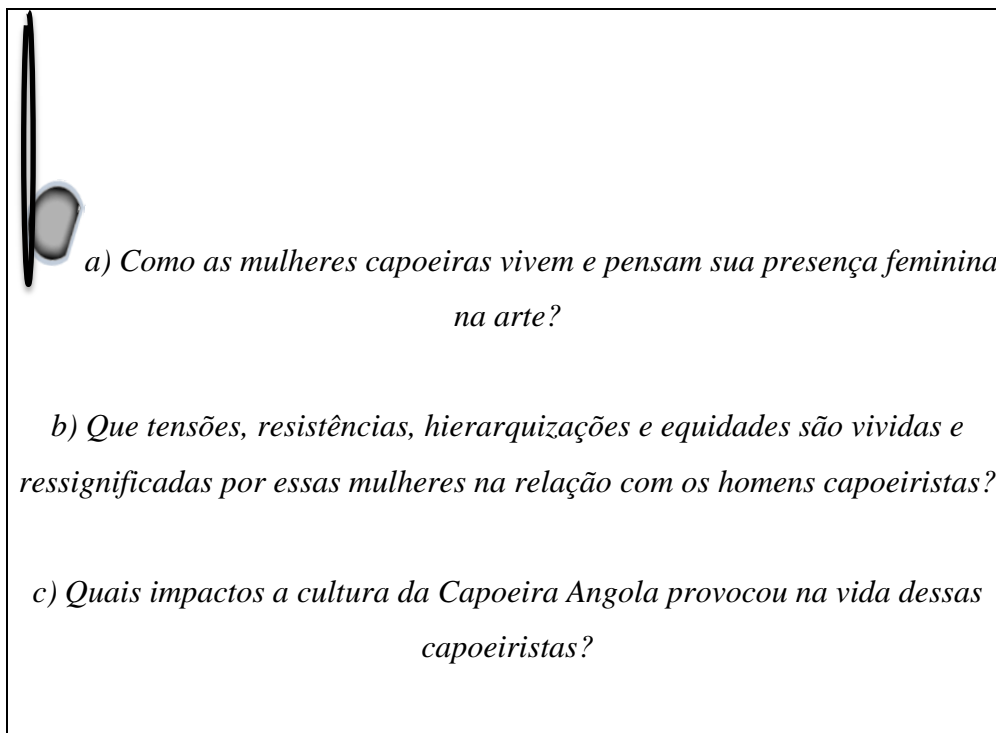
importância da “ponte interpessoal” criada entre historiador e narrador e é isso que torna o fluxo possível. A intenção foi “ouvir a pessoa toda” sem interferências, nem fechando o espectro de possibilidades de respostas, a fim de evocar as memórias em uma narrativa aberta (ERRANTE, 2000).

Destaco que, mesmo sabendo que não é possível através das entrevistas “atingir a totalidade daquilo que foi vivido” (ALBERTI, 2004), a intenção foi estabelecer elos com o que foi vivido a partir desses relatos. A lembrança do vivido vai muito mais além do que aquilo que pode ser dito, contado, narrado em uma entrevista. Reflito que não é possível revelar o todo, nem tudo foi apreendido, mas algumas pinceladas foram dadas, cujo esboço foi possível obter através das pistas fornecidas durante as entrevistas; fragmentos trazidos à tona a partir da seleção de memórias alcançadas por elas. As narrativas são fontes que não estão materializadas, que se tornarão, a partir das transcrições, transformando assim o dito em escrito.

Para a realização das entrevistas, elaborei previamente um roteiro-guia⁵, porém, como se tratava de uma conversa em torno das experiências de mulheres na Capoeira Angola, não foi necessário ficar condicionada a ele, visto que as respostas para algumas perguntas e questões que balizam a pesquisa foram surgindo espontaneamente no decorrer da entrevista. Busquei uma atitude de cumplicidade e ética no momento da escuta através das entrevistas. O roteiro foi elaborado a partir de reflexões sobre a presença feminina na Capoeira Angola, pensando na minha experiência como mulher e pesquisadora neste contexto. Portanto, quando falamos sobre nós mesmos, nosso discurso está atravessado pelo contexto em que estamos inseridos como sujeitos sociais, no qual as condições econômicas, os pertencimentos de gênero, religiosidade, raça/etnia, entre outros, estão superpostos de forma implícita ou não. Assim, a fala manifesta a constituição da realidade experienciada pelo sujeito, e a linguagem depende do contexto, uma vez que somos constituídos numa multiplicidade de experiências culturais.

⁵ Roteiro-guia em anexo

No quadro abaixo reuni as questões que direcionaram a pesquisa



As entrevistas iniciavam-se sempre com a pergunta: “*O que te aproximou da arte da Capoeira Angola?*”. Deixava que elas falassem o quanto quisessem, em raros momentos fazia alguma interferência, e, quando fazia, era porque não havia entendido algo relacionado ao contexto da situação que estava sendo narrada. Percebi também que se fizesse mais de uma entrevista com cada uma, certamente a história seria contada de um jeito diferente; o teor da conversa não mudaria no que se refere ao conteúdo geral, no entanto, alguns detalhes, outras histórias, alguma coisa sempre faltaria ou poderia ser acrescentado durante a narrativa. Sempre haverá algo de irrecuperável no passado, daquilo que passou só é possível reunir alguns fragmentos, cacos de lembranças, por conseguinte, quando somos incentivados a narrar algum fato que já passou, o que alcançamos nada mais é do que um retrato, um momento capturado e reelaborado pelas lentes do presente. De modo igual, quando contamos uma mesma história repetidas vezes nunca será da mesma maneira, posto que o passado depende do imprevisível momento presente.

Solicitei às capoeiristas, antes das entrevistas, que selecionassem e trouxessem fotografias, projetos, folders de eventos, qualquer objeto ou documento relacionado à vivência delas na Capoeira e que pudesse servir como evocador de memórias, porém,

somente uma delas mostrou-me algumas fotografias, outra trouxe um folder de evento, e não houve mais manifestações nessa proposição. Notei que interessava mais às entrevistadas falar sobre o vivido, e, por isso, me dediquei exclusivamente à análise das entrevistas e a revisão de literatura, tendo que abandonar o recurso da análise documental para compor as narrativas. As entrevistas aconteceram em lugares diferentes, três delas aconteceram na casa das entrevistadas, duas em um café no centro da cidade, e uma em minha casa. Deixei que as entrevistadas escolhessem o local onde aconteceriam as entrevistas para que se sentissem o mais à vontade possível.

A primeira entrevistada que consegui marcar um encontro foi com Inajara, marcamos na casa dela, e tudo ocorreu muito bem. Pensei que seria a entrevistada mais difícil de aprofundar a conversa, uma vez que já havia alguns anos que não nos encontrávamos, no entanto, muito pelo contrário, ela mostrou-se disposta a conversar e relatar sua história.

A segunda entrevista aconteceu na cidade de Florianópolis – SC, já que lá reside Elma, atualmente. Nosso encontro aconteceu em sua casa, um lugar bem tranquilo, onde o único barulho que ouvíamos era o canto dos pássaros. Foi uma conversa fluída e demorou em torno de duas horas e meia.

A terceira entrevistada foi Magnólia, os encontros aconteceram em minha casa. Inicialmente, conversamos por volta de duas horas e meia, no entanto, a entrevistada tinha um compromisso em seguida e tivemos que finalizar a entrevista. Depois, ela me procurou dizendo que poderíamos fazer mais um encontro, pois Magnólia sentia que deveria falar mais. O objetivo era ter uma conversa em torno do assunto, contudo, sabia que mais memórias viriam à tona, uma vez que tenho uma relação bem próxima com a entrevistada e termos vivido algumas situações críticas juntas, ademais, não queria, de forma alguma, manipular as lembranças da depoente, desta forma, se não houvesse um segundo encontro, já havia obtido dados importantes em sua fala. Nosso segundo encontro, novamente em minha casa, demorou quase duas horas, senti que a depoente compareceu mais disposta a falar, senti que ela havia se preparado, o que ajudou na complementação da narrativa.

A próxima entrevistada foi Alessandra, fizemos a entrevista na casa dela e durou cerca de duas horas. Tivemos algumas interrupções, pois Alessandra tem uma filha pequena, e, em alguns momentos, parávamos para ela dar atenção à criança, no entanto, em nada isso comprometeu a nossa conversa, que fluiu de maneira tranquila e proveitosa.

A penúltima entrevista demorou um pouco para acontecer, eu e Fabiane marcamos mais de uma vez. Por fim, por sugestão dela, encontramos-nos no Café da Cia de Artes⁶, onde fica a sede do grupo de Capoeira que ela faz parte. Marcamos em um final de tarde, ela chegou quase uma hora atrasada. Enquanto esperava, notei que outro professor do grupo de Capoeira também estava por ali; era um salão grande e era provável que ele não ouvisse o teor de nossa conversa, não obstante, aquela presença me deixou um pouco incomodada – não entendia porque ela havia marcado ali, naquele horário e se sabia que ele estaria presente. A entrevistada chegou, desculpou-se pelo atraso e demos início à entrevista. Falei um pouco sobre o andamento da pesquisa, para dar um tempo a ela para optar em permanecer ali ou não, por causa da presença do capoeirista. No entanto, até aquele instante, a entrevistada pareceu não se importar, então, dei continuidade e a conversa foi aprofundando; até o momento em que o rapaz saiu da mesa onde estava do outro lado do salão e sentou-se atrás de mim, de frente para a entrevistada, naquele instante ela baixou o tom da voz, e percebi que a presença masculina incomodou não só a mim, mas também a ela.

A última entrevista, com Olori Obá, custou um pouco a acontecer, pois marcávamos e remarcávamos, decidimos, então, a data, e combinamos que seria na parte da manhã. A entrevistada pediu que sugerisse algum local central, lembrei-me do Café na Cia de Artes e imaginei que no período da manhã não haveria ninguém por perto para atrapalhar. Porém, a entrevistada chegou bastante atrasada, quando conseguimos iniciar a entrevista, já era quase horário de almoço, e o local, de repente, ficou lotado e extremamente barulhento. Além disso, sentia que a entrevistada tinha pouco tempo para dedicar a nossa conversa, todavia, não teria outra oportunidade, pois ela estava de mudança para outra cidade por razões profissionais. Mesmo assim, tentei aproveitar o máximo daquele encontro.

Tinha sempre comigo um pequeno caderno para fazer anotações sobre impressões, sentimentos e ideias que iam surgindo conforme o movimento/jogo da pesquisa, servia também para organizar meus pensamentos sobre as situações que iam aparecendo, serviu também para registrar aquilo que não é perceptível no áudio de uma gravação, como o caso da entrevista da Fabiane, por exemplo. Também fazia anotações sobre o antes e o depois das entrevistas, sobre algo que se repetiu nas falas, alguma

⁶ Espaço artístico e cultural localizado no centro de Porto Alegre.

impressão ou sentimento, até mesmo algo de inesperado ou algum fato curioso que surgisse.

Escutei o áudio das entrevistas repetidas vezes, depois as transcrevi e enviei os arquivos digitados para cada uma das capoeiristas, para que pudessem ler o conteúdo e, talvez, incluir ou suprimir algum trecho da conversa. Nas devoluções, recebi o consentimento para utilizar as entrevistas na íntegra; refiz uma leitura atenta e sensível das narrativas, selecionei os trechos mais significativos e passíveis de análise, conforme a minha interpretação. A seguir, compilei as narrativas colhidas, estruturando-as a partir de meu olhar, por conseguinte, faz-se necessário destacar a subjetividade na participação de quem fez o registro dessas histórias. Entretanto, é imprescindível a sensibilidade e a ética desta ouvinte ao interpretar e compartilhar o depoimento generosamente concedido por aquela que narra (ERRANTE, 2000).

Depreende-se que a teoria, no que tange a entrevista compreensiva, deve ser elaborada a partir dos dados produzidos nas entrevistas; isto posto, organizei um quadro com os conceitos que surgiram, a partir do que foi dito pelas capoeiristas, desse modo, criei as categorias de análise para abranger o tema central que é: fazer o registro das experiências e das singularidades vivenciadas por seis mulheres no universo da Capoeira Angola.

Destaquei as singularidades e semelhanças entre os relatos a fim de organizar e “mapear” as categorias de análise, buscando organizar essas histórias a partir de minhas leituras. Nesse processo, defini três grandes perspectivas de compreensão das singularidades das experiências dessas mulheres:

- 1) **A Capoeira como espaço de tensões e resistências** - reúne conceitos e ideias muito presentes nas entrevistas, com destaque para superação, persistência, resistência, reinvenção de si mesma e da Capoeira, violência, machismo e sexismo.
- 2) **Como as seis mulheres pensam e vivem a presença feminina no espaço da Capoeira Angola**, tendo como ênfase a experiência de cada uma em ser mulher e a compreensão da diferença de serem mulheres praticando e ensinando a arte da Capoeira.
- 3) **Capoeira Angola como espaço de formação e múltiplas aprendizagens**, destacando temas como: tornar-se mulher, reconhecer ancestralidades, ética, equidade das relações étnico-raciais e de gênero, vínculos com a religiosidade e solidariedade.

Para a compilação das entrevistas, a fim de chegar às categorias de análise acima descritas, dei destaque e atenção às experiências das capoeiristas, e, dessa forma, alguns trechos das falas foram suprimidos, pois envolviam terceiros e não afetavam o conteúdo geral da narrativa. Apesar disso, para a análise geral das narrativas, considereirei tudo o que foi dito, sem expor nomes ou situações específicas. Janaína Amado destaca que utilizar como fonte pessoas vivas

[...] implica por parte do historiador uma parcela muito maior de responsabilidade e compromisso, pois tudo aquilo que escrever ou disser não apenas lançará luz sobre pessoas [...] mas trará consequências imediatas para a existência dos informantes e seus círculos familiares, sociais e profissionais (AMADO, 1997, p.146).

Embora tenham sido editadas pelo meu olhar, as memórias das experiências foram transcritas na primeira pessoa do singular, para dar um caráter fidedigno àquilo que foi relatado nas entrevistas. Como mencionado anteriormente, inspirei-me no livro “*Memória e Sociedade: lembranças de velhos*”, de Ecléa Bosi, onde a autora demonstra uma profunda sensibilidade e respeito pelo outro, dando luz às memórias de pessoas idosas; personagens que, em geral, são deixadas de lado em nossa sociedade sedenta por produtividade. A autora apresentou em sua obra um capítulo dedicado exclusivamente às narrativas de seus entrevistados, eles por eles mesmos. Assim como as pessoas idosas, as mulheres raramente tiveram seu protagonismo histórico reconhecido, por conseguinte, tentei buscar algo semelhante neste trabalho, a partir das narrativas de mulheres como forma de reparação histórica e social por que

Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala do Homem em geral, [...]. Célebre – piedosas ou escandalosas – as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, meras coadjuvantes da História! (PERROT, 1998, p.185).

Falar do meu lugar de pesquisadora e capoeirista é apenas revelar o meu ponto de vista, o que poderia ser muito cômodo, no entanto, trazer à baila a discussão envolvendo outras mulheres, pareceu-me uma maneira de desacomodar minhas ideias e

impressões a respeito do que não só eu, mas outras mulheres têm vivenciado na Capoeira Angola.

1.2. REVISÃO DE LITERATURA: ANDAM DIZENDO POR AÍ...

Em busca do que vem sendo publicado sobre a presença de mulheres na Capoeira, em matéria de pesquisas sobre esta temática, realizei, inicialmente, uma procura eletrônica, nas páginas do LUME – Repositório Digital da UFRGS –, Scielo, CAPES e Google Acadêmico. Utilizei os seguintes descritores: - **mulher e capoeira;** – **capoeira;** – **narrativas de mulheres na capoeira;** – **capoeira angola e gênero.** Encontrei uma expressiva quantidade de trabalhos acadêmicos vinculados à Capoeira, contudo foi possível identificar que a bibliografia sobre narrativas e experiências de mulheres na Capoeira é ínfima, se comparada à quantidade de materiais sobre a presença masculina, nesse contexto.

Encontrei dezoito artigos relacionados à mulher na Capoeira, entretanto, nenhum deles referia-se propriamente às narrativas de memórias de mulheres capoeiristas. Somente um resumo de trabalho⁷ apresentado em congresso falava sobre trajetória de mulheres na Capoeira Angola. Tentei contato com a autora deste trabalho, por e-mail, para se ter acesso a uma versão estendida do mesmo, no entanto, não obtive resposta.

Ao todo, foram encontradas duas Dissertações da área da Antropologia, dois Trabalhos de Conclusão de Curso da Educação Física – em geral, tematizando sobre a participação das mulheres na Capoeira e suas implicações –; e dois livros: “*Capoeira, Identidade e Gênero: Ensaio sobre a história social da Capoeira no Brasil*” de Josivaldo P. de Oliveira e Luiz Augusto P. Leal e “*Mestres e capoeiras famosos da Bahia*” de Pedro R. Abib.

Posteriormente, realizei a busca por blogs e páginas sobre grupos de Capoeira que fizessem menção à mulher na Capoeira. Ao todo, foram encontrados três grupos que abordaram o assunto. Continuei as buscas na *internet* utilizando como buscador: - **mulher na capoeira;** e – **grupos de capoeira em Porto Alegre**, no intuito de encontrar por mais elementos sobre o assunto, cito aqui como exemplo, o projeto intitulado Angola POA⁸, que trata de “conhecer e dar visibilidade para a cena atual da Capoeira Angola na cidade de Porto Alegre”. É um trabalho de registro áudio visual, elaborado a

⁷ Trajetórias e memórias na Capoeira Angola: narrativa de vozes femininas, de Bianca Ceron Barbosa.

⁸ Fonte: <http://www.angolapoa.com.br/>

partir do testemunho de lideranças representantes da Capoeira Angola, ao todo onze homens e uma mulher, mestra Elma. Nestes registros, a mestra e os mestres contam a respeito de suas trajetórias na Capoeira Angola, a história da formação dos grupos, linhagens as quais pertencem e trabalhos desenvolvidos com Capoeira na cidade.

Procurei verificar com que frequência aparece mulheres capoeiristas em fotografias, ou alusão às educadoras e professoras de Capoeira, nesses grupos que se expressam em sites da internet. Durante a busca por mais informações sobre as lideranças de grupos de Capoeira, encontrei uma página na rede social *Facebook* vinculada ao Grupo de Capoeira Africanamente, na qual há um mapeamento⁹ da Capoeira em Porto Alegre. Dos trinta e três grupos citados nesta pesquisa, apenas quatro possuem lideranças femininas, sendo que, em dois desses grupos, elas aparecem como co-lideranças.

Entretanto, há mulheres que atuam como educadoras da arte em espaços formais e não formais de educação, inclusive, liderando grupos, no entanto, não há registros da atuação dessas mulheres como educadoras ou como praticantes, demonstrando assim a pouca visibilidade dada à participação das mulheres nesse contexto. A presença de mulheres como professoras e mestras de Capoeira não deixa de ser uma prática singular, uma vez que a Capoeira é uma prática majoritariamente masculina na cidade de Porto Alegre. A seguir, conto um pouco da minha caminhada na Capoeira Angola, e os motivos que me levaram a pesquisar essa temática.

1.3 QUANDO EU CHEGUEI DE ARUANDA, TROUXE O MEU BERIMBAU DENTRO DA MINHA CAPANGA¹⁰

Identifico a origem da escolha pela pesquisa sobre Capoeira e Educação, durante a graduação em Pedagogia, quando bolsista do PIBID¹¹, momento em que aprofundi temáticas relativas às histórias e culturas indígenas, afro-brasileiras e africanas, ministrando oficinas de Capoeira em duas escolas estaduais, uma roda de Capoeira em uma aldeia indígena Guarani e uma oficina de Capoeira para o povo Kaingang. Tal

⁹ Fonte: <https://www.facebook.com/capoeiraportoalegre/>.

¹⁰ Trecho de um corrido da Capoeira, autoria desconhecida.

¹¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

experiência contribuiu significativamente para que eu pudesse iniciar estudos sobre a Capoeira e a Educação.

Meu trabalho de conclusão de curso foi sobre as possibilidades educativas da Capoeira Angola na escola. O desejo de seguir pesquisando sobre Capoeira e Educação é o que me levou ao mestrado e está repleto de afetos, possibilidades e inquietudes, pois identifico nessa relação uma fonte rica de insuspeitáveis situações de conhecimento e autoconhecimento (SANTOS, 1996).

Iniciei na Capoeira Angola no ano de 1995, convidada por minha irmã para participar da Somaterapia¹², nessa época, o coletivo da Soma procurava alguém que pudesse ensinar Capoeira Angola; como não tínhamos quem nos ensinasse, treinávamos assistindo vídeos de Capoeira e imitando os movimentos. Até então, eu não havia sido tocada pela arte da Capoeira Angola. Foi quando conheci a então professora Elma¹³, recém-chegada em Porto Alegre, vinda do Maranhão.

Teve início, em minha vida, uma nova fase, influenciada pela assimilação de valores e princípios fundamentados na pedagogia da Capoeira, entendendo-a como uma de filosofia de vida. Neste sentido, pode-se dizer que a Capoeira, em mim, se insere entre as práticas que possibilitam vivências e saberes transformadores, permitindo um conhecer-se a si.

Alguns anos depois, Elma e alguns alunos e alunas fundavam o grupo de Capoeira Angola N'zambi, em Porto Alegre. Foi durante esse período, que tive a oportunidade de acompanhá-la em escolas onde ela fazia trabalho com Capoeira para alunos da educação infantil da rede municipal de Porto Alegre. Destaco que, ali, iniciei minha experiência como educadora de Capoeira. Dois anos mais tarde, fui morar em São Luís do Maranhão, para aprender a arte da Capoeira com Antônio José da Conceição Ramos (Mestre Pato), o mestre da minha mestra, onde tive ainda a oportunidade de conhecer pessoas com saberes e práticas de diferentes linhagens da Capoeira, como Julio Sérvio Coelho Serra (Mestre Abelha), incluindo mestras e mestres de outras manifestações da cultura popular maranhense.

Ao retornar para Porto Alegre, continuei treinando e ensinando Capoeira em escolas municipais de educação infantil através do projeto iniciado pela Mestra Elma na cidade. Após alguns anos, o grupo N'zambi encerrou as atividades na cidade, mas o

¹² Terapia em grupo que utilizava a Capoeira Angola como método terapêutico.

¹³ Elma é uma das escolhidas para narrar suas memórias nesta pesquisa, e, além disso, foi quem me iniciou na arte da Capoeira.

trabalho continuou em Brasília- DF e Florianópolis- SC. Confesso que pensei em parar de treinar Capoeira, no entanto, surgiu o convite para fazer aulas em outro grupo, aceitei e permaneci por mais dois anos. Com o passar do tempo, alguns valores foram sendo modificados, e passei a não mais me identificar com os princípios e fundamentos daquele grupo. Cheguei a pensar que a Capoeira havia me deixado, no entanto, foi nesse momento que surgiu a oportunidade de participar da iniciação à docência e pesquisa no Subprojeto Pedagogia do PIBID-UFRGS, ministrando aulas de Capoeira em duas escolas que faziam parte do projeto. Essa vivência foi muito significativa, pois me possibilitou manter o contato com a Capoeira, resgatar os valores apreendidos durante minha vivência com meu grupo de origem, o N'zambi, e, além disso, falar por meio de apresentações de trabalhos e publicações¹⁴ acadêmicas sobre a experiência com a Capoeira nas escolas, dessa forma eu e a Capoeira continuávamos juntas.

Assim que terminei a graduação em Pedagogia, resolvi viajar à Brasília- DF para participar de uma atividade do grupo N'zambi, como uma forma de manter ativa a prática da Capoeira. Para minha surpresa, nesse evento, recebi das mãos da minha mestra o título de professora de Capoeira. Naquele instante senti grande emoção, honra e alegria, porém, quando retornei para Porto Alegre, percebi a responsabilidade que eu tinha recebido com tal título. Naquela ocasião eu não fazia parte de nenhum grupo, nem estava realizando trabalho com Capoeira, estava, inclusive, questionando-me sobre como seguir nesse universo tão importante em minha trajetória de vida.

Foi então que surgiu um convite de uma amiga capoeirista para participar dos encontros de algumas alunas do curso da Biologia da UFRGS com intenção de praticar a Capoeira. Elas se encontravam com frequência, devido a atividades comuns na universidade, e desejavam se reunir, como mulheres, para conhecer ou aprofundar suas práticas de Capoeira.

Os encontros geraram um coletivo, composto na ocasião somente por mulheres, no qual ensino Capoeira Angola desde outubro de 2014. Em março de 2015 e em maio de 2016, trouxemos à Porto Alegre mestra Elma, para realização de vivência e oficina de Capoeira, o que nos aproximou muito da mestra, por isso, recentemente, o coletivo vinculou-se ao grupo de Capoeira Angola N'zambi, e estamos acolhendo praticantes do sexo masculino também. Neste espaço, tenho a oportunidade de trocar, aprender e

¹⁴ Cadernos Pedagógicos PIBID/UFRGS: Cultura indígena e afrodescendência. Porto Alegre: UFRGS, 2013. http://www.ufrgs.br/pibid/cadernos/cad_pedagogia.pdf
ISSN/ISBN: CDU:37.

ensinar mulheres e homens que problematizam questões relativas à experiência de gênero vinculada à arte da Capoeira, baseada em aspectos atinentes aos papéis desempenhados numa sociedade ainda desigual do ponto de vista que não tratam de forma igualitária homens e mulheres.

A Capoeira entrou em minha vida de forma sutil. Quando dei início à prática, ainda não fazia ideia do valor contido na história, nos rituais e fundamentos dessa arte, e, muito menos, como as diferenças de gênero influíam nesse contexto. Digo isso porque a cada “jogo” que realizávamos durante as entrevistas, eu saía com um misto de sentimentos como desconforto, alegria e inquietação, por me identificar com alguns fatos que foram narrados pelas entrevistadas. Eu nunca tive o hábito de questionar e denunciar as situações desagradáveis, muitas vezes, provocadas pelos homens contra nós, mulheres, na Capoeira Angola; contudo, sentia-me revoltada, triste e incomodada, e suportava calada, pois parecia natural que os homens tivessem tal comportamento.

Quando comecei a praticar Capoeira, pensava que algumas atitudes se justificavam por eu não saber ainda como me colocar naquele contexto, porque não conhecia os fundamentos. Depois, com o passar do tempo, comecei a perceber que deveria ter cuidado redobrado ao jogar com alguns sujeitos, porque, dependendo da ocasião, não faziam cerimônia alguma em “meter o pé” gratuitamente, assediar, ou fazer algum gesto ou postura de desqualificação durante o jogo, ou ser testada, desafiada ou violentamente atacada. Antes de dar início à realização desta pesquisa, eu não refletia sobre isso, embora tenha havido a oportunidade de discussão em alguns momentos; o sexismo é algo tão forte e impregnado em nossa sociedade que eu não tinha um olhar crítico e aguçado para identificar esse problema. E, pior, eu não me dava conta que isso acontecia porque eu sou mulher, que esse era um problema relacionado à diferença de gênero; pensava que era algo que fazia parte da Capoeira.

Fiquei imersa na cultura da Capoeira por muito tempo, e a postura de permanecer calada diante de muitas situações, infelizmente, estava naturalizada em mim; aprende-se que se deve respeitar quem começou antes na Capoeira, o que não é errado; no entanto, o machismo predominante em nossa sociedade, onde os homens ocupam a maior parte dos espaços de poder, pode condicionar nós, mulheres, a uma atitude de naturalização diante dessas discrepâncias.

Outra questão importante a ser mencionada é que, na tradição da Capoeira Angola, o respeito aos mais velhos é primordial, o que igualmente me levou a calar diante de violências e assédio sofridos, inclusive, por parte de alguns mestres. Embora

alguns mecanismos de controle e opressão, muitas vezes, sejam da ordem da sutileza, mas nem por isso são menos violentos. Todavia, sei que a Capoeira Angola não é assim cruel e violenta; esta é a concepção de alguns capoeiristas equivocados que acreditam que são os únicos detentores desse saber e que, por isso, só eles têm o direito de ocupar esse espaço, e não as mulheres.

Pairava em mim um medo de reagir, por não querer agravar uma situação de violência que já estivesse em curso, fosse à rua ou em uma roda de Capoeira; além disso, uma sensação de estar sozinha, sem poder contar com a ajuda de ninguém, nesses momentos. Aprendi que contestar e denunciar alguém que já estava inclinado a fazer o mal através de um golpe violento proferido no jogo, só pioraria a situação, além de querer proteger minha integridade física. Acredito que todas nós mulheres sentimos ou já passamos por isso.

Quando entramos na roda para jogar, alguns aproveitam essa situação para oprimir; um homem motivado pela raiva, revoltado por algum gesto mal interpretado ou por alguma investida bem-sucedida durante o jogo por parte da mulher, pode gerar diferentes formas de violência contra ela. É importante mencionar que nem todos os homens agem dessa forma, não é uma regra, mas muitos ainda não aceitam que uma mulher tenha superioridade e atitude durante o jogo.

Mestre João Pequeno dizia: “Para bater não precisa dar pancada”, “Percebeu que vai machucar o outro freia”. Entretanto, tem gente que age por maldade; infelizmente, é um perigo real, pelo desejo de oprimir e humilhar, por não aceitar que uma mulher se imponha durante o jogo. Outrossim, uma atitude violenta pode ocorrer sorrateiramente, sem que ninguém se aperceba disso, digo por experiência própria; ou ao contrário, em alguns casos, pode acontecer a olhos vistos, pois não admitem que uma mulher ocupe determinados espaços, nem posições de poder.

Na minha experiência como capoeirista vivenciei diferentes situações de violência. Algumas eram declaradas, outras da ordem da sutileza, mas nem por isso deixavam de ser ofensivas. No início da minha caminhada na Capoeira, o que mais acontecia era ser invisibilizada. Quando passei a entender um pouco mais sobre o jogo e os fundamentos percebi que da indiferença para o ataque era apenas um passo. Entrar na roda de Capoeira significava um grande desafio, por vezes perigoso. Quanto mais experiência eu adquiria, mais intensificado se tornava o desafio. É um movimento natural para quem pratica a Capoeira, mas em alguns casos isso serve de pretexto, então

o lado negativo desta situação se apresenta, pois passamos a representar uma ameaça para alguns capoeiristas.

As experiências narradas pelas capoeiristas provocaram em mim um sentimento de identificação e cumplicidade, pude perceber que não estou sozinha, que nós, mulheres, passamos pelos mesmos problemas e sofremos com o machismo imposto pela sociedade, e que, inevitavelmente, isso afeta também as relações entre homens e mulheres na Capoeira. Entretanto, percebo que vem ocorrendo uma pressão coletiva por parte das mulheres, e de alguns homens também, para impedir que isso continue acontecendo nas rodas da vida e na roda da Capoeira.

Tocar instrumentos, ensinar, jogar, mandingar, sem competição e sem violência, podem ser exemplos de experimentações em que as mulheres se tornam protagonistas, embora ainda aconteçam com mais frequência em coletivos de predominância feminina. A conquista de uma presença que não seja secundarizada, dentro dos coletivos maiores de Capoeira, parece ser um caminho em construção nas atuais práticas da arte.

Em minha iniciação como capoeirista, fui orientada por uma mulher e devo destacar isso como um privilégio e como um marcador de diferença, pois o número de homens formadores e formados mestres é muito maior em relação às mulheres (ARAÚJO, 2008). Em rodas conduzidas pelos homens, a maioria das mulheres iniciantes, por exemplo, ou até mesmo aquelas que já praticam há algum tempo, são invisibilizadas, raramente convidadas para tocar um instrumento na bateria, muito menos para fazer o jogo com um homem. Por vezes, ao contrário, a capoeirista é desproporcionalmente desafiada a tocar e jogar, justamente para provar sua habilidade.

O universo da Capoeira Angola é permeado por questões contraditórias, porque ao mesmo tempo em que é uma prática revolucionária para o corpo e a mente, também pode ser um instrumento de opressão, dependendo de quem ensina e de como as/os praticantes elaboram os fundamentos e valores contidos nessa arte.

Fiquei instigada a aprofundar as contradições entre o discurso de libertação e algumas posturas machistas em relação à condição feminina na arte, especialmente em valores associados à Capoeira Angola, tais como liberdade, respeito ao outro, não violência, etc. Nessa prática, quando a pessoa entra na roda para jogar, independe de sua condição de gênero, há a possibilidade de vencer ou perder, antes mesmo da jogadora sair do “pé do berimbau¹⁵”, ao cantar uma ladainha, por exemplo. A sagacidade da (o)

¹⁵ Local onde as jogadoras se posicionam em frente à bateria antes de iniciarem o jogo.

capoeirista, a mandinga e esse saber não dependem de força, mas, sim, de esperteza e malandragem, como manifestação do potencial criativo.

Além da transformação que o diálogo com as capoeiristas construiu nesse processo de estudo, também foram importantes as várias descobertas construídas nas leituras e debates em torno de autoras como Perrot (1998), Louro (1997) e Hooks (2013). Essas leituras provocaram, em mim, uma sensação de empoderamento amparada pela teoria como uma demanda política vinculada às narrativas das capoeiristas. O somatório desses elementos me ajudou a compreender e digerir muitos conflitos, encontrar novos argumentos, além de ter acesso a diferentes pontos de vista, fazendo-me sentir fortalecida do ponto de vista político. Ser capoeirista e pesquisar sobre Capoeira, me fez perceber que algumas ideias estavam cristalizadas sem que eu percebesse; eu estava muito atrelada à pequena roda (dizendo da vivência dentro da Capoeira). Pesquisar sobre Capoeira, além de um grande desafio, significou a oportunidade de sair da pequena e adentrar a grande roda. Como pesquisadora, sabia que precisava sair e olhar de fora a pequena roda por alguns instantes. O que vi foi uma roda dentro da outra; busquei entrar e sair. Por vezes olhar de fora e fazer algumas pausas para poder observar e aprender com tudo aquilo que se apresentava. Era como se uma roda estivesse dentro da outra.

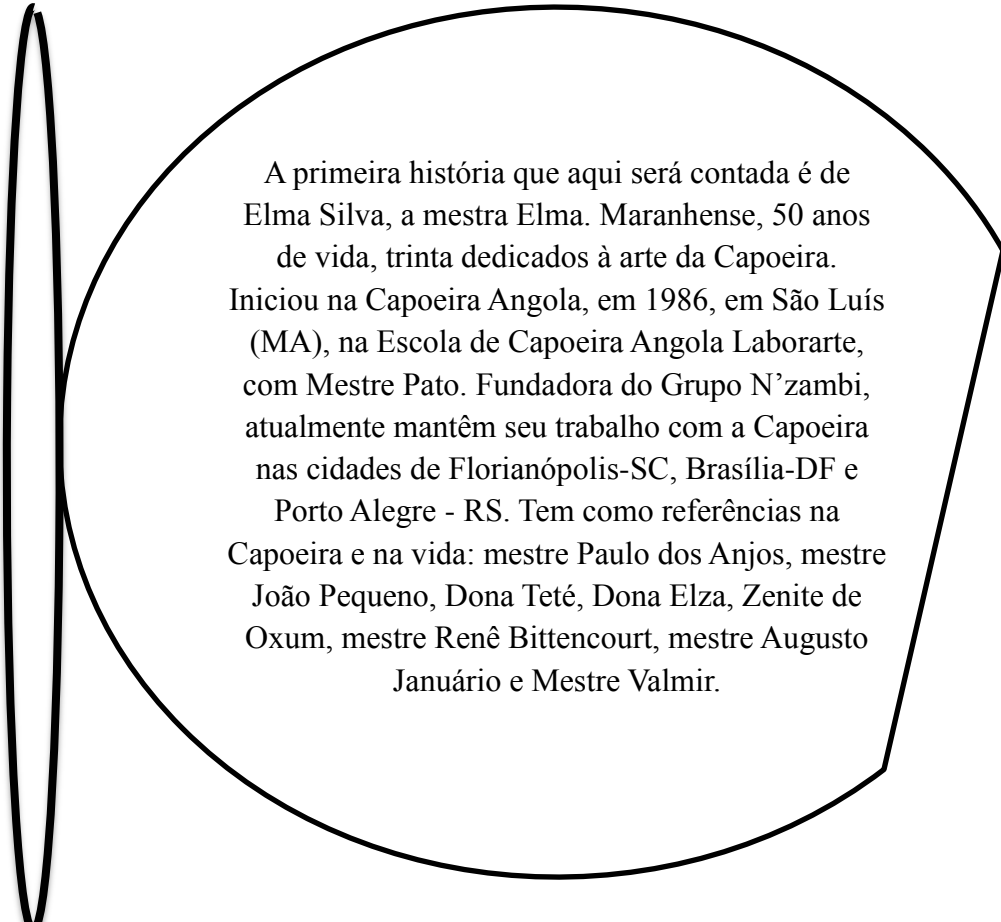
O resultado foi saber lidar melhor com as adversidades e situações de opressão no universo da Capoeira e fora dele, assim como a Capoeira, a pesquisa me ensinou muito também – da *pequena* para a *grande roda*.

2. COLOCANDO O BERIMBAU NA FRENTE: AS CAPOEIRISTAS POR ELAS MESMAS – ENTREVISTAS TRANSCRITAS E EDITADAS

A finalidade desta parte é trazer, em primeiro plano, as narrativas das mulheres capoeiristas, com maior integralidade de suas vozes e menos interrupções de minha escuta. Para tanto, nesse momento, optei por apresentar as transcrições quase completas das entrevistas; ainda sem análise, porém, com edições capazes de criar uma leitura mais fluída. Não pretendo desmerecer a importância da análise, que será apresentada na terceira parte desta dissertação, entretanto, desejei reservar um espaço diferenciado, de destaque, neste trabalho, capaz de dar visibilidade a essas experiências, reconhecendo e valorizando a potência e o protagonismo dessas vozes femininas. Tentei trazer *elas por elas mesmas* e interferir o menos possível. Essa é uma maneira que encontrei de “colocar o berimbau na frente”, como sugeriu a Professora Rosângela Costa Araújo, a mestra Janja, na defesa do projeto da presente dissertação.

Assim como me senti capturada por essas memórias repletas de alegrias, tristezas, resistências e conquistas, desejo que minhas leitoras e leitores também se sintam em relação mais direta com esse universo de narrativas e sentimentos. Nessa captura, pode-se buscar elementos como: o que elas sentem em relação à Capoeira; o que aprendem com ela; como isso mudou suas visões de mundo e como se aproximaram desta arte; o que as fez permanecer ali ou irem embora; de que forma elas reagem e sentem a oposição ou o acolhimento por serem mulheres praticando e ensinando Capoeira em um ambiente considerado majoritariamente masculino; como elas se educam e educam através da vivência na Capoeira Angola.

Na compilação e edição das entrevistas, o intuito foi montar e organizar o mosaico das narrativas, de idas e vindas das falas conduzidas pela memória, que, por vezes, era atravessada por alguma lembrança descompassada de tempo. Quando alguém narra sobre fatos que já se passaram, a organização cronológica do testemunho pode não ter uma boa forma quando é transcrita. Para que a (o) leitora (or) possa ter a visão do todo, editei as narrativas, de acordo com a sequência de acontecimentos que se sucederam no tempo das experiências dessas capoeiristas.



A primeira história que aqui será contada é de Elma Silva, a mestra Elma. Maranhense, 50 anos de vida, trinta dedicados à arte da Capoeira. Iniciou na Capoeira Angola, em 1986, em São Luís (MA), na Escola de Capoeira Angola Laborarte, com Mestre Pato. Fundadora do Grupo N'zambi, atualmente mantêm seu trabalho com a Capoeira nas cidades de Florianópolis-SC, Brasília-DF e Porto Alegre - RS. Tem como referências na Capoeira e na vida: mestre Paulo dos Anjos, mestre João Pequeno, Dona Teté, Dona Elza, Zenite de Oxum, mestre Renê Bittencourt, mestre Augusto Januário e Mestre Valmir.

“Eu não imaginava que aquela menininha lá do interior... que a Capoeira Angola fosse me transformar nessa mulher que eu sou hoje [...]” (Elma).

A força da espiritualidade que me aproximou da Capoeira Angola, me chamou. O primeiro contato que eu tive foi com o mestre Pato, organizando uma roda, e, antes, todo aquele ritual de cantos que ele trazia, essa força que eu senti – a força dos instrumentos, do berimbau. Chamou-me a atenção aquele grupo, aquela coletividade, as pessoas se organizando em prol do canto, do ritmo. E ele cantando, trazendo muitos cantos de força, da religião afro lá do Maranhão. Trazendo os pontos de mina, os cantos da Capoeira, que retratava muito a minha história (eu tinha vindo do interior do Maranhão) – aquele jeito popular de cantar, de falar das coisas lá do lugar.

O canto como um elo mesmo, eu sentia que era como uma reza, e me chamou muito a atenção. Por um lado, eu precisava muito me preparar, São Luís é uma cidade

que a gente acaba se sentindo muito vulnerável enquanto mulher. Tinham acontecido umas coisas na minha vida, e eu sentia que eu precisava me preparar corporalmente.

Atuava também no teatro, precisava de uma atividade que eu conseguisse me expressar mais através do corpo, que tivesse ações, ancestralidade. E não tinha me encontrado em outra arte, foi a Capoeira que me levou para conhecer a minha cultura, a cultura popular. Falando do bumba-meu-boi, do tambor de crioula, da cultura afro, indígena, foi através da Capoeira. Entrei e mergulhei na Capoeira, eu percebi onde é que eu estava, de como eu falo, quem eu era, o que era meu ali, da minha cultura.

O fato dessa transição do interior para a capital, você vai mudando muito – isso eu já estava há doze anos na capital, quando eu conheci a Capoeira. Eu tinha me afastado muito da gente do interior, ligada aos mais velhos, do campo, da vida do interior. A Capoeira me trouxe através desses cantos, me levou para conhecer minha cultura, dos maranhenses, foi através dela que se fez esse elo. Foi o que me chamou muito ali, e foi me fortalecendo a cultura, a identidade, a espiritualidade, meu corpo, minha vida.

Não me lembro da minha vida antes da Capoeira, como eu era, o que eu queria fazer. Ela foi essa ferramenta de me reconhecer enquanto mulher, enquanto cabocla.

A gente tinha uma escola, tinha um mestre ali, a figura do mestre, da tradição, que ele levava dos mestres dele e se organizava dessa forma. Tinha a relação dos mais novos respeitar os mais velhos; os velhos mestres que estava ali na figura do mestre Pato, que vinha trazendo a figura do mestre Sapo, do mestre Canjiquinha, e, paralelo a isso, a gente tinha as mestras e mestres de outras manifestações populares de São Luís.

Bebi da fonte de Dona Teté, que era uma mulher negra, lavadeira, e, na hora que se vestia, pegava sua caixa¹⁶, virava assim um empoderamento muito grande. Uma figura de grande importância, de grande valor na cultura. Aquilo foi me reforçando e dando um norte do que é nossa cultura, de quanto valor ela tem e quanto empodera e alimenta a nossa autoestima, fortalece a gente enquanto ser humano, enquanto mulher. A forma como ela organizava a gente, o cacuriá¹⁷. Era uma benzedeira, mulher forte, era uma mãe, uma mestra, e, ao mesmo tempo, era uma criança, brincava, ria, tomava

¹⁶ Instrumento parecido com um pequeno tambor.

¹⁷ O Cacuriá, ou Cacuriá de Dona Tetê, é uma dança típica do estado do Maranhão. Essa dança é apresentada durante a Festa do Divino Espírito Santo da região. Fonte: <http://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/cacuria.htm>.

gosto, se divertia, tomava cachaça... Esse jeito popular de viver e entender a vida, de compreender.

Então, eu fui crescendo na Capoeira e tendo essas referências na minha vida e na Capoeira, eu também fui percebendo como era rica em valor. É muito peculiar da vivência do povo tradicional, a herança do povo da terra, que tem uma grande riqueza humana. Dar continuidade a essa riqueza humana que a gente perde por conta da cidade, outro ritmo, e eles ali segurando na resistência; então, para mim, a Capoeira foi a fonte que eu vi que era resistência.

Eu tinha tanta certeza dentro de mim que eu queria ser uma zeladora da Capoeira Angola, que para mim foi tranquilo. Com muita responsabilidade, com muito compromisso, com muito cuidado. Quando chegou a hora da minha formatura de professora e quando Pato veio me reconhecer como professora da escola, a primeira mulher professora, eu senti uma necessidade muito grande que eu precisava levar a outros lugares essa cultura, onde eu fosse ela estaria comigo.

Mulher, capoeirista, e aquela dificuldade do próprio lugar, da cultura onde era o lugar da mulher. Não tinha capoeirista mulher na época, a referência era sempre do masculino; as referências femininas, eu fui buscar nas mestras de tambor de crioula, nas coreiras¹⁸, na mestra de cacuriá Dona Teté, na Dona Elza, que é mestra de carço¹⁹; aí, me deparei com aquela figura do mestre Pato, que era homem, tinha um sistema de educação patriarcal. Surgiu a necessidade de sair de lá, e a vontade também pelo próprio momento, a cidade vai se consumindo tanto que já não tem mais espaço para você caminhar dentro dela, ela vai se fechando.

Quando meu mestre me formou, eu tive ali a certeza que o casamento estava feito, eu e a Capoeira, e que ele estava me reconhecendo. Agora, é meu caminho, eu também tenho que contribuir individualmente, no sentido de estar longe do mestre,

¹⁸ Mulheres que dançam Tambor de Crioula.

¹⁹ Dança do Carço é mais conhecida na cidade de Tutóia-MA. A origem do Carço é vaga, tendo surgido, possivelmente, de uma dança africana trazida pelos escravos que seguiam a tradição de seus antepassados. Há ainda quem atribua aos índios Tremembés, a origem da dança. Os brincantes são “puxados” por uma líder, geralmente a melhor cantora e dançarina, conhecida como Rainha do Carço. O som é tirado de quatro caixas (tambores) e uma cabaça envolta em sementes de Ave-Maria e de Pau-Brasil (Fonte: <https://poemia.wordpress.com/2009/06/07/danca-do-caroco/>).

levar agora um trabalho para poder dar referência a ele e retornar aquela confiança que ele estava me passando.

Veio, então, a oportunidade de sair de São Luís, na verdade, eu queria ir para Salvador, estudar mais; mas surgiu a oportunidade de ir para Porto Alegre, trabalhar, e eu fui. Eu dava aula de Capoeira em uma escola de natação, e tinha várias mulheres treinando comigo; e uma delas foi dar oficina de biodança em Porto Alegre, e começou um trabalho lá. Ela e um amigo meu que treinavam com o mestre Pato.

Ela deu um mês de oficina, e voltou para São Luís, e não conseguiu mais retornar à Porto Alegre, e ela veio me dizer: “Eu comecei um trabalho em Porto Alegre, a pessoa de lá gostou muito, e surgiu teu nome”. E nisso estava tudo arrumado para eu ir para Salvador. E eu disse: “Pra onde?” Ela disse: “Porto Alegre, sul do Brasil, e vai lá dar uma oficina de um mês”. A proprietária deu a passagem e organizou tudo, tinha quinze dias para ficar em uma casa, entrei em contato, e estava tudo certo. Só que eu não falei nada pra ninguém. Teve uma roda na sexta-feira, terminou a roda e falei: “Tô indo embora”. Peguei meus berimbaus e vim embora para Porto Alegre, para ficar quinze dias. Cheguei num dia, no outro já estava dando aula. Eu fiz uma pequena divulgação e apareceram pessoas interessadas e começaram a treinar.

Tinha um grupo que treinava sozinho, o pessoal da SOMA, na Cia de Artes, numa ocupação, e eu também fui para lá dar oficina. Cheguei à Porto Alegre, início de novembro, e, dia 20, a gente fez uma roda, dia de Zumbi, dia da Consciência Negra. Foi um divisor de águas, e ali fiquei. Terminou a roda, e as pessoas queriam fazer oficina. Eu falei: “Fico até dezembro”. Fiquei dois meses dando oficina para esse grupo, era de umas trinta pessoas, e já tinham experiência com a Capoeira, mas houve uma identificação da gente, eles querendo aprender Capoeira Angola, e eu ali, com o pouquinho que eu tinha, queria partilhar. E, no encerramento, eles falaram: “Por que você não fica aqui? A gente abre um grupo, a gente organiza um lugar pra você ficar, a gente quer aprender a sua Capoeira”. E fui ficando...

Fui à Brasília consultar meus orixás, saber se era propício, se era isso mesmo. Lá, eu vi que era, que eu tinha uma missão naquele lugar. Voltei à Porto Alegre, e a gente começou o Solta Mandinga, em 1996. Quase 80% do grupo eram mulheres, e aí começamos a mudar essa postura de que só homem podia tocar, cantar e jogar Capoeira. E começou a despertar dentro do próprio movimento da Capoeira: “Que mulheres são essas?”, “Que grupo é esse?”.

Incomodou porque algumas mulheres começaram a me procurar para treinar, mulher chama mulher, e foram treinar comigo. Isso gerou uma situação extremamente desagradável do machismo imperando, mas a gente segurou firme, e continuamos o nosso trabalho. Eu acreditava na Capoeira e acreditava em mim, as pessoas também, ali, no grupo, era uma família muito forte, era um mundo à parte.

Começamos a trazer o mestre Pato, em 1997, no primeiro aniversário do grupo, aí, trouxemos o mestre várias vezes. Fizemos a primeira roda dentro do Mercado Público, uma roda linda, estava o mestre Churrasco, um mestre da Capoeira gaúcha, que eu tenho o maior respeito e que me recebeu muito bem. O mestre Pato, me forma contramestre. Isso gerou um problema sério, porque não tinha contramestre em Porto Alegre, de Capoeira Angola, a que tinha era eu, sou mulher, nordestina, aí complicou, e as dificuldades e os obstáculos se ampliaram mais, e gente trabalhando contra foi aumentando; mas, nós tínhamos a Capoeira com a gente, ela é uma entidade viva. A gente cuida dela, zela, alimenta, ela não nos abandona e vai caminhando junto com a gente. O reconhecimento, o apoio, o respeito do mestre pelo nosso trabalho, era a continuidade do trabalho dele.

Ousamos mais um pouquinho e começamos a levar algumas outras pessoas de outras linhagens de Capoeira, do mestre Pastinha – GECAP, Valmir, que também é uma referência pra mim, realmente foi um cara que eu aprendi muito em palavras e na prática também, foi muito interessante à ida dele lá.

Fui para Salvador, fiquei três meses, e o grupo, em Porto Alegre, segurando o trabalho, dando um alicerce econômico para eu ficar lá pesquisando a Capoeira Angola. Eu fiquei um pouco com o mestre Valmir e com mestre Renê. Em 1998, levamos Augusto, Boca do Rio e Valmir. E, com o Solta Mandinga, eu fiquei 1996-97 e 98, fiquei três anos orientando, dando aula para esse grupo.

Quando eu volto dessa experiência em Salvador, desses três meses, para Porto Alegre, eu já não me identifico mais com aquele trabalho. Eu queria ir para as comunidades, periferias, escolas. Esse grupo que eu trabalhava era (composto de) muitas mulheres, homens, mas a maioria era de classe média, branca, universitários,

tinha um embasamento político de anarquismo e também era muito voltado para uma questão terapêutica, apesar de todo ritual. Tinha muito esse foco, e, aí, aquilo já não estava me satisfazendo, eu queria sair, continuar aquilo que eu deixei em São Luís, dar aula em periferia. Queria procurar o meu povo.

Foi em fevereiro de 99, quando eu saí, saíram comigo uns nove alunos, que se identificavam com a proposta de Capoeira que eu estava querendo, acreditavam na Capoeira e em mim. E, juntos, em seis de maio de 99, a gente resolveu fundar o Grupo de Capoeira Angola N'zambi, nome do Deus, o Criador, povo de Angola, ao qual eu pedia permissão lá para o meu terreiro, para os orixás, se eu poderia por esse nome no meu grupo, disseram que ia ser muito afortunado.

Surgiu o N'zambi com outra proposta, de levar a Capoeira Angola para quem não tem oportunidade, principalmente na cidade de Porto Alegre, que ficavam na periferia, nas escolas, e a gente queria trabalhar com crianças da primeira infância; levar a atividade para as escolas, principalmente da cultura negra brasileira, porque é muito forte a cultura alemã. A população negra em Porto Alegre é grande, tinha alunos negros comigo e resolvemos focar o trabalho do N'zambi, era uma ferramenta poderosa para educar nesses valores de coletividade, solidariedade e ancestralidade.

Levamos os projetos batendo na porta das escolas, a gente não ia à Secretaria de Educação, porque não tinha oferta. Quem me ajudou e orientou, e estimulou, nesse projeto foi a Vânia Araújo, ela participava do nosso grupo assistindo, nunca praticou a Capoeira corporalmente, mas estava ali na presença, gostava muito do grupo, da nossa roda, de como a gente se organizava, da estrutura, de como levávamos as relações. A gente fez um mapeamento das escolas que poderiam estar abertas à proposta da Capoeira.

A primeira escola que bati na porta foi a Cantinho Amigo, que se localiza em frente ao ginásio Tesourinha, e atrás fica a comunidade da Lupicínio Rodrigues; a população negra ali é grande, uma comunidade carente de um monte de coisas, de questões sociais, econômicas, culturais, e a gente percebeu que ali era um lugar que poderíamos desenvolver o trabalho.

As professoras começaram a perceber que ali, na Capoeira, tinha uma ferramenta maravilhosa para trabalhar; aí, fazia a ponte, pegava muita coisa da Capoeira, músicas temáticas, questões folclóricas, e levamos esse questionamento: o que é folclore e o que é cultura popular? A gente dialogava com a escola, a escola era muito aberta. A gente chegava ali marcado de muito carinho, muito respeito, eles ouviam a gente, e nós

ficávamos o dia inteiro na escola. Depois, acharam tão importante que aumentaram para duas vezes na semana. A criança levava o pai para treinar com os adultos, e o pai ficava encantado pela criança ali se desenvolvendo.

Levamos mestre Bigodinho para essa escola, mestre Renê de Salvador, negro, uma referência da cultura popular, ficaram um dia lá com as crianças. A diretora da escola, participando das reuniões da Secretaria de Educação, levou a proposta da Capoeira Angola através do relato da experiência com a Capoeira. E resolveram incluir oito escolinhas de praça no projeto Capoeira Angola para crianças durante quatro anos, em 2000, 2001, 2002 e 2003.

Fizemos o primeiro Encontro Infantil de Capoeira Angola em Porto Alegre, em 2002, que foi o mestre Pato, mestre Renê, os pais dos alunos; foi um encontro belíssimo. Eu também estava fazendo um trabalho, no bairro Sarandi, com adolescentes, uma comunidade carente, tinha uns cinquenta alunos treinando dentro de uma igreja, a comunidade nos recebeu muito bem. Ampliamos nosso trabalho, levando a Capoeira Angola do N'zambi com este embasamento: a Capoeira como ferramenta de educação.

Fiquei em Porto Alegre de 95 a 2003 e vou para Brasília para procurar outros que estavam precisando da Capoeira e de mim como uma ferramenta dela. Eu estava fazendo um curso de Educação Física em Porto Alegre, aí, fui para Brasília ver se terminava, e não consegui, por questões mesmo da academia, que eu achei muito complicado, e vi que não era o que eu queria, e também ter que pagar uma universidade, que era particular, eu não consegui; vi que isso não era pra mim.

Eu fui a uma roda de Capoeira na UNB, de um grupo de um cara de Goiânia, tinha umas dez pessoas. Chegando lá, tinha o grupo N'Zinga, da mestra Janja, eu não conhecia o grupo de Brasília ainda, conhecia ela. E, nessa roda, eu participei, o pessoal me recebeu super bem. Sempre que podia, eu ia às rodas lá, até que um dia, esse rapaz disse que não queria mais dar aula porque estava com um problema, que ia ter que ir embora por problemas pessoais, e disse: “Se vocês querem continuar, procurem a Elma, que é uma pessoa que pode”. Eles foram me procurar, e começamos fazer um trabalho de Capoeira na UNB. Passaram uns dois meses, e abrimos um núcleo do N'zambi,

muitos alunos eram da UNB e outros não. Eram aquelas oficinas de curso de extensão, e ficamos lá seis meses.

Depois, fomos para a Casa do Maranhão, porque na universidade estava restrito demais, e, lá, eu comecei mais uma vez levando o trabalho, e foram aparecendo pessoas nesse perfil também de universitários, mais homens brancos; e, depois, foi aparecendo mulheres com crianças, e, também, iniciei um trabalho em uma escola que ficava dentro da Casa do Maranhão, a maioria filhos de maranhenses. E foi interessante, porque ali, em Brasília, você encontra pernambucanos, paraibanos, baianos, sergipanos, mas muitos maranhenses; eu estava em casa, aí voltou a força da minha cultura.

Eu comecei um projeto com periferias no Recanto das Emas, fiquei lá um ano, um trabalho bem bacana, e também um trabalho dentro do terreiro, porque a gente da minha família abriu um terreiro lá. E a gente começou a fazer um mapeamento dos moradores do bairro, íamos de casa em casa ver quem morava, quantos filhos, e percebemos que 90% eram mães solteiras vindas do Piauí e Maranhão. Abrimos um projeto dentro do terreiro, que a gente recebia as crianças e as mães. As mães aprendiam a costurar, e as crianças aprendiam Capoeira e tinha reforço escolar, a gente ficou uns dois anos trabalhando nesse projeto. A comunidade começou a entender como funciona o terreiro e qual era a nossa proposta.

Eu trazia os alunos lá do Plano, acadêmicos, classe média, para conhecer as cidades satélites do DF, e iam, passavam o sábado inteiro dentro do terreiro, junto com a Capoeira, ela era o alicerce. O mestre Pato foi pra lá, sempre levando o mestre, sempre que podia e posso.

O trabalho do N'zambi tem muito forte a questão da mulher, as mulheres tocando, cantando, se empoderando, sentindo que ali é o espaço delas e das crianças também. Transformamos em um espaço nosso, no entanto, é muito comum na bateria do N'zambi mulheres tocando e cantando, puxando treino, falando da sua experiência. Naturalizou-se, enquanto que para outros que chegam e falam: “Oh, bateria só de mulheres!”.

É uma diversidade grande de classes sociais, de culturas, porque são pessoas do sul, do DF, do nordeste, do norte, são culturas que ali se entrelaçam porque a gente tem uma coisa em comum: a gente ama a Capoeira. É ela que nos une. Toda a força, todos esses valores espirituais da coletividade, tudo que ela traz é o que nos fortalece para estarmos aí no nosso dia-a-dia.

A gente trabalha para tentar retornar para a Capoeira Angola o que ela nos dá, o que ela nos deu, e é muito interessante porque ela está nesse imaginário da gente simbolicamente, nesse mundo invisível que a gente não vê, mas sente e percebe. Por isso que eu falo que ela é uma entidade viva pra nós, porque a gente se relaciona com ela dessa forma, nós a alimentamos porque a gente sabe o quanto ela nos alimenta.

Eu não imaginava que aquela menina lá do interior, que a Capoeira Angola fosse me transformar nessa mulher que eu sou hoje, com tantas pessoas que estão em volta; é uma forma de se identificar, é peculiar, e é da gente, se formando durante a nossa caminhada, eu digo nossa porque eu não caminhei sozinha e não caminho sozinha. Eu estou falando aqui da minha vivência, mas, agora, vem tanta gente na minha mente que fizeram essa caminhada. A cada dia, se eu me torno mestra, quem me faz eu me tornar mestra são meus alunos, eu aprendo todo dia e acho que é mais isso a relação de horizontalidade humana que tem na Capoeira Angola, é o respeito pelo ser humano independente da função, da graduação; a gente respeita a todos, o respeito é horizontal não porque você é mais ou menos, mas porque você está.

A hierarquia, ela se dá pelo reconhecimento daquele que está ali atendendo a comunidade, ele tem uma postura hierárquica e está servindo à comunidade, não numa relação de poder acima dela. No N'zambi, a gente trabalha dessa forma, como nossos descendentes indígenas, nas comunidades indígenas e nas africanas. Nossa referência é toda do terreiro, a nossa forma de organização, a forma de beber nessa fonte.

Desde que eu me afastei do dia-a-dia do meu mestre, que eu fiquei dez anos, após esses vinte anos que eu estou longe, as minhas referências são do terreiro de umbanda da minha família, as entidades, os orixás, a mãe de santo, mamãe pequena, ogã, uma ekédi, que é o cargo que eu ocupo dentro do terreiro. Em meio a essa hierarquia, nós temos posições, porque nós servimos o terreiro e a comunidade de lá. Eu trago essa mesma vivência, essa forma para dentro do nosso grupo, a fonte é o terreiro. Como viviam nossos antepassados, nossos ancestrais, que trazem essa forma divinamente. E eu tento trazer isso para os meus alunos, meus companheiros de estudo, para minha troca.

Como diz meu mestre: “A gente não tem aluno, a gente tem companheiro de estudo”. Eu me sinto acariciada, muito feliz, quando reconheço isso, a caminhada fica leve, a gente vê que não está só, e não faz nada só. Mas a gente não se esquece de quem veio antes de nós, do seu valor, os que passaram, que deram suas vidas, que tiveram todo sofrimento por conta de estarem preservando esses valores. Não deixando o sistema colonizador, essa visão simétrica, visão de subalternidade, de dominador e dominado, de opressor e de oprimido. A gente não trabalha com essa forma.

Respeita porque aquele ser ali está a serviço, está preocupado com a comunidade, está querendo ajudar, melhorar, contribuir, não individualmente, sempre com ações coletivas. Brasília tem essa característica da relação da cultura do terreiro do Vô Congo com o grupo N’zambi, ali está minha família, minha mãe, eu aproximo minha família da família da Capoeira, e me fortalece muito essa união. Eu fico muito forte, empoderada. Mesmo sem estar em uma reunião discutindo o que é empoderamento, feminismo, me sinto ali muito forte. Começo a perceber que eu venho de uma herança indígena Awá-Guajá que está lá, e eu vou mais fundo ainda no terreiro, me leva para um mergulho fundo na minha essência, da minha origem, que é cabocla.

Às vezes, eu questionava muito o fato de eu não ser negra, e por que essa paixão, essa identificação? E essa missão com a Capoeira Angola que é da cultura africana, o que era isso? De outra vida né? Que eu vim nessa vida para fazer, para me revelar. E aí também minha força cabocla, que a Capoeira é negra e cabocla.

Sou descendente dos Awá-Guajá, um povo nômade, aí vem a explicação do meu nomadismo, eu estou aqui e acolá. Essa forma de viver vem desse povo, são coletores, e eles têm uma característica muito forte, que é a incorporação, que é a função espiritual de saber se isso é bom para caçar, o que dá para colher. Isso tudo me dá uma força muito grande, eu ver a força que é a mulheres do terreiro, e o feminismo que é de poder ali, não é um feminismo que vem de fora, acadêmico, branco, enlatado dos Estados Unidos, da Europa, não! É o feminismo caboclo, popular, é ele que me orienta.

Em Brasília, fico lá sete anos, e vou para Florianópolis, por questões pessoais, ficar mais perto da natureza e ver também como eu posso contribuir, e fico um ano,

dando assistência para quem ficou em Brasília levando o trabalho. Chego aqui e vou trabalhar com o projeto Aroeira, que é dentro dos morros, conhecer também as periferias daqui. Um trabalho com adolescentes, e vou ao Ribeirão da Ilha e começo a trabalhar lá, abro um espaço na Associação Comunitária para crianças e adolescentes. Ribeirão da Ilha foi a primeira cidade aqui do sul da ilha de Florianópolis, a população negra é maioria nessa região. Em 2008, abro um núcleo do N'zambi aqui e trabalho dentro dos conselhos comunitários com um pessoal mais maduro, dando essa base, mas sempre viajando para Brasília e Porto Alegre dando orientação.

Chego aqui em Florianópolis, pouca Capoeira Angola, um ou dois grupos bem isoladamente, e a missão de reunir eles novamente, reunir a Capoeira Angola para fortalecer a Capoeira Angola daqui. Eu vim em 2008, 2016 vai fazer oito anos que estou aqui.

Chego à Floripa em 2007, comecei o trabalho em 2008, aí eu abro um trabalho para apresentar a Capoeira Angola para essa comunidade, eu percebo que só tem futebol como recurso de divertimento, de encontro. Em Florianópolis, a cultura do lugar é de acordo com o clima, com as temperaturas, com as estações, então, isso vem influenciando na Capoeira. Um ritmo mais tranquilo, mais ilhéu como dizem por aqui. Chega aqui, e encontra o berimbau que é conhecido como “cungo”, por conta da cabaça. A madeira que a gente encontra aqui para fazer berimbau não é a beriba da Bahia, é a madeira da região. A Capoeira, aqui, ela vem se apresenta no lugar, ela influencia o lugar, mas ela também é influenciada pela cultura local, como o mestre Sapo na década de sessenta foi para São Luís - MA e percebeu que o Bumba-meu-boi podia contribuir. É uma ilha, e tem isso em comum com São Luís, mas ilhas com características peculiares, diferentes.

Nas cidades que eu cheguei, que a Capoeira era vista como muito violenta, onde a violência imperava, onde jogar Capoeira era negócio de valentão, então, ela não entraria numa escola, por exemplo. Quando eu entrei levando a Capoeira Angola, foram receptivos, inclusive, ali era outra proposta, era desconstrução disso. A Capoeira não era violenta, a Capoeira é uma ferramenta de educação, ali eu ser mulher abriu

possibilidades. Mas, tive muitos momentos desagradáveis, difíceis, de chegar e as pessoas dizerem que eu não ia conseguir fazer um trabalho por eu ser mulher, que quem ensinava Capoeira era homem, de ser impedida de entrar em encontros de Capoeira – me impediam por eu ser uma ameaça e isso porque estavam vendo na Capoeira um mercado, uma mercadoria a ser vendida. Quem desse o melhor lance ficaria com a melhor parte do bolo.

As mulheres estavam começando a participar da Capoeira, e, é claro, elas iam procurar outras mulheres, e isso ameaçava os homens. Os homens sentiam-se ameaçados não é só porque eu era mulher, mas porque eu jogava, tocava, cantava e porque eu incluía quem fosse.

Fui proibida de entrar em encontros, de dar aula em lugares, ameaçada por fazer um trabalho, inclusive, ameaçaram meus alunos. Vinham com um discurso de desqualificação, desvalorização, de me retirar de rodas, situação extremamente constrangedora e violenta. Violência de várias formas psicológica, moral, sofri tudo isso na minha caminhada, mesmo sendo mestra, depois de formada, e a gente vai aprendendo e se fortalecendo. Até eles entenderem que eu não vou brigar por mercado, eu quero é ficar conquistando o meu espaço. Jogar minha Capoeira que é tocar, cantar, quero também que as mulheres façam isso. E, também, que as pessoas entendam que a Capoeira não é essa coisa violenta, os valentões ficam lá pra trás. Capoeira é cultura, é educação, está nas universidades, nas escolas.

Eu sofri muito, mas nunca desisti. Voltava triste, mas no outro dia estava lá de novo porque tinham pessoas que precisavam de mim e da Capoeira. Não é fácil, toda vez que vinha isso, eu me lembrava dos meus ancestrais, que eles passaram coisas bem piores. Chegava a um lugar, me olhavam e faziam comentários, aí eu me retirava da roda, impediam de tocar, de cantar, ou eu tinha que provar que jogava demais. Tem que tocar, cantar, aquela cobrança por ser mulher. Mas foi tudo vencido. Eu nunca estava sozinha, tinham pessoas do meu lado que acreditavam em mim e na Capoeira, eu acredito em mim, sempre acreditei. Nunca precisei deixar a Capoeira por conta disso. Eu sabia que aquilo não era da Capoeira, mas daquele capoeirista equivocado, mas não era dela.

A mulher na Capoeira representa força, a força da Capoeira Angola está muito nas mulheres. A Capoeira Angola, ela é feminina, porque ela agrega, reúne todos sem olhar a quem, de braços abertos. Isso pra mim representa muito a mulher, no sentido também de ser dura quando precisa ser, também ser leve e suave quando precisa. É dura

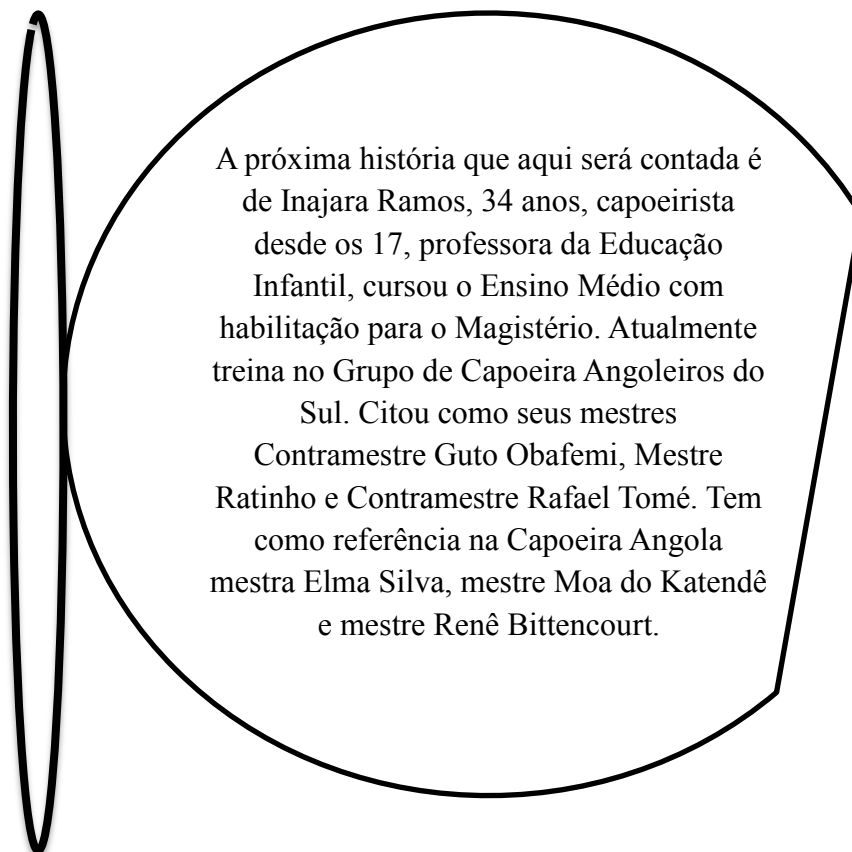
e suave. É rápida e lenta. A força que ela tem das tempestades, das ventanias em determinados jogos, rodas e canto. O próprio “mulher livre” é esse novo feminismo que está surgindo dentro da Capoeira Angola, esse jeito de praticar é onde as mulheres estão se colocando. A ginga vem de um nome de uma mulher. Capoeira, pra mim, é essa força da mulher. A força de que venha o que vier, ela está sempre se transformando. Se você for ver na história da Capoeira, ela se transformou, está sempre aberta à flexibilidade da mudança. A Capoeira é amorosa, mas ela é perversa também. É o bote da cobra, é o poder da mudança, das estratégias, da mandinga.

A Capoeira, a gente vai cuidando, zelando dia-a-dia, mas, surpreendentemente, ela vai dando, às vezes, muito mais do que a gente pensa que possa merecer. Ela sempre dá muito mais do que eu mereço, do que eu dei para ela. Ela me dá tanta alegria, me levou para tantos lugares, conheci tantas pessoas maravilhosas, que me formaram enquanto ser humano, que me formam, me ajudam, me orientam. Ela me surpreende por tudo que ela me deu e que me dá, ainda é pouco o que eu faço, do que eu venha a fazer por ela.

Para mim, é tudo que eu penso, tudo vem dela, do princípio dela que eu vou analisar alguma coisa, é o princípio da Capoeira que me orienta, do fundamento dela que eu me relaciono com as pessoas. Através dela, eu consigo ser mais generosa, compreender as pessoas, me colocar no lugar, na situação.

Tudo que ela me dá, todo dia, ela me presenteia, todo dia, eu acordo, eu agradeço por ela ter me encontrado, por essa missão. Então, eu agradeço, eu sou uma pessoa muito feliz nessa vida por ter me dado essa missão. Por ter colocado tantas pessoas maravilhosas no meu caminho, mesmo aqueles que chegaram a querer impedir minha caminhada, eles também foram importantes, não tenho rancor, de nada, nem de ninguém.

Eu acredito muito no poder de resposta da Capoeira, no retorno dela. Sou muito grata. Ter me oferecido tantas pessoas na minha caminhada, todos esses presentes, tão valiosos que ela me dá, pérolas, essas pessoas do meu lado e tudo que eu conquistei por acreditar muito nela. Ela nunca me abandonou em nenhum momento, nos momentos mais difíceis da minha vida, ela nunca me abandonou.



A próxima história que aqui será contada é de Inajara Ramos, 34 anos, capoeirista desde os 17, professora da Educação Infantil, cursou o Ensino Médio com habilitação para o Magistério. Atualmente treina no Grupo de Capoeira Angoleiros do Sul. Citou como seus mestres Contramestre Guto Obafemi, Mestre Ratinho e Contramestre Rafael Tomé. Tem como referência na Capoeira Angola mestra Elma Silva, mestre Moa do Katendê e mestre Renê Bittencourt.

“As minhas oportunidades começaram através da Capoeira, é o fio condutor de tudo [...]” (Inajara).

O que me aproximou da Capoeira Angola foi a necessidade de encontrar uma referência enquanto pessoa negra, uma referência positiva. Como eu cresci em um ambiente aonde a cor da pele era feia, o cabelo era feio, as atitudes das pessoas negras, na maneira de ser, eram feias; tinha que se moldar, tinha que ser diferente. Não podia ser muito alegre, não podia dançar muito, não podia brincar muito, porque daí passava do limite. Aqui no Sul, a gente é muito retraído, retraída, principalmente a mulher.

Eu queria achar uma maneira de mostrar às pessoas que tinham a mesma cor da pele que eu que elas não eram bandidas, não eram pobres, não eram marginalizadas, não eram feias ou mal arrumadas, não eram coitadas, eram pessoas que tinham um porquê de viver naquela situação. Mas, que tinham uma verdade, um valor.

Eu era bem criança, tinha aquela novela Sinhá Moça, a versão antiga. Aparecia muito a questão dos escravos; eles falavam, interagiam sobre a questão da liberdade. E não foi a Sinhá Moça que os libertou, eu prestei muito atenção nisso, foram eles que se

libertaram. Onde mostraram o que eles queriam, que tinham forças, que não eram coitados, que eram pessoas capazes, e foi com os movimentos que um ator mostrou, eram movimentos de Capoeira; quando eu vi aquilo, ele com a mesma cor que a minha, com o mesmo cabelo, aí, eu disse: “Eu quero ser assim!”.

Dizem que a Capoeira é dos negros, eu sou negra, quero fazer Capoeira. Eu não me identificava com nenhuma outra coisa que não fosse a Capoeira, precisava me identificar com aquilo que era referência da minha cor. Tinham coisas de infância que eram todas para brancos, eu não me sentia mal porque tinha a Xuxa – até gostava –, mas, eu tinha consciência que aquilo ali não se parecia comigo. Aquela mulher não podia ser minha referência porque eu não me parecia com ela, e a sociedade fazia bastante questão de mostrar isso; e a família também fazia questão de mostrar isso. Quando a gente vive numa família, ela é prejudicada por aquela sociedade que está ali oprimindo. Às vezes, os próprios familiares se tornam opressores da gente. E essa opressão, eu sinto; muito menos agora, mas, muito pelas questões de ser preta mesmo, a cor da pele, no cabelo, de como se manifestar, de como se movimentar. Só que eu vou ser sempre dessa maneira.

A única maneira que eu sabia que eu ia poder me libertar era fazendo a Capoeira, porque eu via que era o momento onde dava pra cantar, tocar, dançar, bater palma e ser aquilo que estava dentro de mim, que estava querendo sair e que era reprimido. Um cara da Capoeira que passava em frente a minha casa disse: “Tu não pode fazer porque é coisa de menino”.

Quando eu comecei a trabalhar, a gente morava no Rubem Berta, tinha o movimento da Capoeira no CESMAR²⁰, aonde meus irmãos começaram a fazer Capoeira. Eu disse: “Vou fazer Capoeira!”. A pessoa que dava aula era uma mulher, ela dava aula de Capoeira Regional e era muito criticada porque dava aula de Capoeira. Ela foi importante para dar essa minha mobilidade dentro da Capoeira; onde eu consegui chegar na Capoeira, foi através dela. Fazia um trabalho bem organizado, ela não tinha um conhecimento tão vasto, não um tinha mestre, talvez fosse isso que deixassem eles muito magoados com ela. Nessa época eu tinha uns dezessete, dezoito anos.

Quando eu entrei na Capoeira, já fui invadindo, me apropriando dos espaços que eu sempre acreditei que era meu, e acredito que é. Dei aula ali, mas isso aí tá estranho, está faltando alguma coisa, um pouco da musicalidade; mas eu sabia que não era aquilo.

²⁰ Centro Social Marista.

Ela começou a me colocar para conhecer as Capoeiras que existiam aqui, falou de outros mestres e eventos. Comecei a frequentar atividades de um grupo de Capoeira Regional, visitava grupos, ia às rodas. Depois dali eu participei do I Fórum Gaúcho de Capoeira, lá estavam todos que hoje estão aí, que são contramestres e tal.

Na época, eu trabalhava na Educação Infantil e ia aos encontros da SMED²¹, tinha Capoeira através de oficinas nas escolas, e um professor me convidou para conhecer o trabalho que ele fazia na Associação de Moradores do Rubem Berta. Não fui diretamente, a vida foi indo para outro lado. Um tempo depois, ele me convidou para ir fazer aula no espaço onde ele estava trabalhando com Capoeira Angola. É o lugar que eu estava esperando, essa é a Capoeira que eu quero fazer, onde eu quero ficar, onde me encontrei.

Comecei a ir lá no ano 2000, em 2002, eu comecei a trabalhar em uma escolinha como professora; passou um tempo, e me convidaram para dar aula de Capoeira: “Eu não sou professora de Capoeira, eu não tenho como ensinar Capoeira, eu estou treinando com um professor, sou muito nova na Capoeira, vou conversar com meu professor e depois te digo”. Ele falou que eu já podia dar aula para criança, e, ainda: “Vai fazer aquilo que eu te disser, porque tu consegues, eu vou te ajudar, porque eu estou contigo”. Isso fez com que eu tivesse a autoestima lá em cima. Uma referência pra gente, por fim, diante de tudo que a gente vive; ter uma referência, ver que é verdadeira, uma pessoa negra, é maravilhoso. Era um homem, as pessoas sempre querem saber: “Não tem uma referência mulher?”. “Não, não tem!”. No caso, a referência é masculina.

E ele se tornou uma referência. Mais que um familiar meu, ele era uma pessoa assim, que tudo era por ele, porque é negro, cabelo de trança, já tinha um carro. E a gente que mora assim, em periferia, fica sonhando com as coisas. A gente via que era uma pessoa que já está bem sucedida, parecia que ele já era formado, sabia falar muito bem sobre as questões raciais já naquele tempo, dava uma aula muito boa, sabia tratar bem as pessoas. Então, quem não queria ser como ele?

Era a minha primeira turma de Jardim e a primeira turma de Capoeira – hoje eles têm 19 anos. Dava aula e ensinava Capoeira para eles, acho que era duas vezes por semana, a gente fazia com os recursos que tinha, depois foram comprando os instrumentos. Nós fizemos um trabalho de consciência negra e lotamos a escola, trouxemos uma vereadora negra, que estava em evidência na época, e mais dois

²¹ Secretaria Municipal de Educação.

convidados, e teve uma mesa de conversa. A minha turma homenageou o mestre Paulo dos Anjos, apresentou Capoeira e dançou *Jamming* do Bob Marley, esse foi o primeiro evento que eu fiz com a Capoeira, foi com essa turminha, e, depois dali, só veio a continuar, só veio a crescer meu trabalho com a Capoeira.

Quando eu saí dessa escolinha, eu fui morar em Santa Catarina, e lá não tinha nada o que fazer – levei os berimbaus e todas as coisas. Viram-me: “Ah, tu é de Capoeira?”. Naquela época, fui com ânsia, aquela coisa de querer que todo mundo faça Capoeira também. Eu hoje penso que podia ser uma falta de respeito com as pessoas: se as pessoas não querem e insistir; mas, sei lá, aquilo era muito orgânico. Fiquei lá seis meses e consegui alguma coisa, que eu acho que as pessoas com mais tempo de Capoeira não conseguiram: consegui um espaço para dar aula na Pinheira, em Santa Catarina – que é um lugar que dizem que são racistas – eu sentia mesmo –; mas, eu não estava nem aí, continuava na busca daquilo que eu queria.

Eu queria dar aula, queria lutar Capoeira. Primeiro era em uma escolinha, mas aí ficaram cheio de dedos, não deu muito certo, acho que muito pela questão racial também. Continuei insistindo e consegui um espaço tipo uma Associação de Pescadores, um espaço enorme, era o espaço dos sonhos de quem gosta de dar aula de Capoeira. Tinha umas redes de pescadores, era todo um ambiente voltado para a coisa nativa. Usava o nome do grupo que eu havia deixado em Porto Alegre. Consegui fazer camisetas, fizemos uma roda no centro da Pinheira. Vinte camisetas, a gente conseguiu patrocínio num lugar onde diziam que são racistas, que não queriam, que não podia uma mulher negra conseguir vinte camisetas com o patrocínio do comércio local, no entanto, foi só isso, se encerrou ali.

Depois eu volto à Porto Alegre e começo a trabalhar em uma escola, indicada pelo X, onde ele havia começado. Um colega do grupo estava saindo, e ele me indicou para dar aula – consegui muitas coisas boas lá. Ali, eu senti bastante preconceito por eu ser mulher, enquanto tinha algumas professoras que apoiavam: “Agora que vai ter uma mulher, vai parar um pouco a função de namorarem o professor de Capoeira”; outras questionavam: “Por ser mulher, será que sabe mesmo?”, “Será que dá aula mesmo?”, “Será que sabe?”, “Tem graduação pra isso?”; e, aí, começaram a implicar por não ser homem. E, por eu ser mulher, eu tenho outra forma de lidar com tudo.

Eram quatro escolinhas, tinha que dar aula nas quatro durante a semana. Recebia bem; hoje eu tenho as coisas que eu tenho por causa desse lugar; onde eu moro hoje, se eu tenho a minha casa e tudo, foi por causa desse lugar que eu trabalhei. Mas eles queriam muito tirar a Capoeira, porque a Capoeira estava dando muito custo, e tem essa coisa da desvalorização da Capoeira. Quando eu comecei a treinar, foi um momento de valorização pela prefeitura que tinha, era do PT (Partido dos Trabalhadores), e tinha a questão cultural, a Descentralização da Cultura²². A cultura estava em evidência aqui, era muito bom.

A partir do momento que a Capoeira, coisa de negro, começou a assumir um papel educacional, os educadores e as educadoras de Capoeira começaram a ser valorizados como educadores sociais, na questão do aluno que começou a ver aquele professor, aquela professora como referência, nada mais tinha valor, só a Capoeira. Isso incomodou muita gente na escola.

Eu saí dessa escola e comecei a fazer outro tipo de trabalho, larguei um pouco a Educação Infantil. Eu não queria mais dar aula de Capoeira por causa dessas coisas da gente não ser valorizado. Porque pra dar aula, a gente precisa aprender com alguém, e esse alguém, isso, tem um valor, não é assim uma coisa que deve ser tratada como nada. A gente precisa ter os instrumentos, a gente precisa se locomover, se alimentar para dar aula. Não querem reconhecer, não querem pagar.

Apareceu um cara que era aquele lá do tempo que eu fazia aula com a professora de Capoeira Regional, perguntando se ele poderia me indicar para dar aula em Viamão. Lá, eu fui para dar aula, na Lomba do Pinheiro, salário pouco, muito pouco para fazer dois papéis: educadora e oficina de Capoeira. E, mais uma vez, eu sofri preconceito por ser mulher. “E será que dá aula mesmo?”, “Será que sabe?”.

Na escola, não sabiam que existia Capoeira Angola, eles não tinham esse conhecimento, achavam que só existia Capoeira que dava corda²³ e que eu estava inventando uma Capoeira pra mim, achavam que a Capoeira Angola era uma coisa que eu inventei. Eu fui dar aula sozinha, estava sem grupo, tinha saído do antigo, por

²² Programa da Prefeitura de Porto Alegre que oferecia oficinas artísticas e culturais em bairros da periferia.

²³ Faixa de graduação utilizada na Capoeira Regional.

divergências. Não era mais o grupo que eu tinha iniciado, a proposta não era a mesma, as coisas estavam um pouco diferentes. Eu, quando eu não gosto e não posso mudar, eu me retiro. Naquele grupo, além das questões financeiras, a leitura que eu fiz é que ele estava valorizando mais os que tinham condições de pagar. Têm pessoas que chegam no grupo tomando conta, um pouco sem respeitar os que estavam lá antes.

Precisava falar com alguém: “Estou dando aula em um lugar, eu estou sem grupo e eu preciso de um respaldo”. A primeira apresentação eu fiz sozinha, mas eu vi que a coisa mudou, cresceu, e eu ia precisar uma hora ter alguém pra responder. Na Capoeira, a gente precisa ter um grupo, ter um mestre e tal. Falei com outro mestre de Capoeira Angola, e ele: “Começa a vir aqui com a gente, tu vai aprendendo algumas coisas e vai passando pra eles”.

Teve outra apresentação na escola, e fizemos as coisas noutros moldes; aí lotou, mas, eu sempre tendo que provar. É por causa de visibilidade, não é nem por nada mais, é um reflexo da sociedade, e as pessoas reproduzem, até mesmo dentro da Capoeira. E a sociedade sempre colocou o homem como o ser mais forte, que sabe mais, e as mulheres ficam num padrão de que quem trabalha é o homem e a mulher fica dentro de casa e cuida dos filhos.

É refletido também nos esportes, não só na Capoeira. A mulher tem que estar fazendo outra coisa, tem que estar se preparando pra casar, cuidar da família, menos para estar protagonizando uma coisa de valor para a sociedade. Se não tiver valor para a sociedade, pode fazer, mas no momento que se torna visível, um exemplo pras as crianças, para as pessoas, aí incomoda; por quê?

As minhas oportunidades começaram através da Capoeira, é o fio condutor de tudo: de educação, de respeito ao outro, de saber a sua vez de parar e ouvir. Por isso que eu acho que a Capoeira tem esse valor educacional.

E, naquela escola, eu vi esse desafio, e, depois, um colega de grupo quis me desafiar mais, mas, eu não queria um desafio desses, eu fiz de conta que não entendi. Ele queria que eu fosse dentro da vila e fizesse o trabalho. Não, eu já tinha passado por uma coisa bem difícil que era ter entrado ali e ter que impor respeito, por eu ser negra, só tinha eu como mulher negra de uma maneira diferente, porque a gente que é capoeirista, a gente não é um padrão.

Eu vejo bastante, nas instituições, que tem pessoas negras, mas elas são padrão, se nivelam às outras e parecem todas iguais. Todas gostam das mesmas coisas, todas usam cabelo mais ou menos parecido e, quando a pessoa chega de outro jeito, uma

roupa colorida, com trança no cabelo, um turbante, isso choca dependendo da sociedade, dependendo da comunidade que a gente entra.

E, quando esse colega de grupo falou que eu tinha que dar aula dentro da comunidade, eu falei: “Não! Eu já sofri ali dentro”. Eu moro no Rubem Berta, pego dois ônibus pra ir e pra voltar, não é que eu esteja achando que a comunidade, a vila onde tinha as crianças que faziam Capoeira, não mereça, mas eu não tenho essa condição. Eu não posso chegar num lugar que já tinha a coisa dos traficantes lá e dizer: “Agora eu vou fazer uma roda aqui”. E eu nem sendo de lá. Tem coisas que a gente não precisa fazer, e a gente só aprende com o tempo. É um trabalho social, mas, aí, também, a pessoa vai lá pra levar um tiro na cara? Não! Tem que ter um pouco de jogo de cintura, e, aí, usar a Capoeira nesse momento.

Eu preciso tá junto com alguém me ensinando, eu estava treinando com o segundo grupo que fiz parte, mas não me adaptei a maneira de jogar; eu fui criada em outra família, vamos usar esse termo. Eu não consegui me adaptar a essa família por várias coisas, algumas coisas deram certo e outras não. Começou até ter diferença de ideias, e eu sou uma pessoa que eu inflamo, eu boto pra ferver o caldeirão e falo coisas.

E, em termos de Capoeira, de movimentação, eu não estava conseguindo assimilar os movimentos do fundamento daquele grupo. Hoje em dia, eu faço coisas que são de lá, mas aquilo estava desgostoso pra mim, estava sentindo um pouco de machismo do tipo: “Mulher tem que vir bonita pra roda”, assim como racismo de algumas pessoas nas brincadeiras, nas piadas. Eu penso que eu não tenho mais idade para ouvir e ficar quieta, e, se fala, é porque é muito braba. O discriminado é sempre o culpado. Instigam pra tirar do sério. O mestre me deu muita abertura para eu tocar, e uns colegas perguntavam: “Por que ela? Por que pra ela?”, parecia que tinham um pensamento, uma intenção: “Vamos, quebrar ela no jogo pra ver que ela não é aquilo tudo”. Provocações.

Quando eu já não estava mais no grupo, me falaram assim: “Ah, cansou do machismo?”. E eu falava: “Não vou me abaixar para homem nenhum”. “Mas tu tem que entender que fulano tem mais corpo que tu”. “Eu tenho que deixar ele me bater na roda?”. “Se vocês e outras pessoas deixaram e saíram do grupo por causa dessa pessoa comigo vai ser diferente, eu não vou deixar”. Vou apanhar? Pode ser que seja, mas não vou admitir que uma pessoa viesse me hostilizar pela Capoeira, que a única coisa que ele podia fazer era no jogo. Esse tipo de machismo: “Eu vou usar a força contra ela, já que ela é cabeça pensante”.

Eu tenho 34 anos, eu não preciso ir pra uma roda de Capoeira pra me machucar, pra apanhar, nem pra dar nos outros. A não ser que queria, se pedir tem, mas não precisa. Capoeira enquanto Educação não é isso.

A Capoeira Angola traz mais a questão circular mesmo, todos são importantes, todos têm uma contribuição a dar. A Capoeira Angola tem diversos fundamentos que fazem com que se consiga compreender como pessoa e se relacione melhor ali dentro da roda e da sociedade. Não teria como ser outra arte, também não teria como ser a Capoeira Regional, porque a proposta é diferente, é uma proposta competitiva.

Eu posso dizer que, pra mim, a Capoeira Angola é minha identidade, é uma coisa que sempre esteve comigo, só que eu não sabia. Essa herança que veio dos meus antepassados. A Capoeira, ela evoluiu bastante, ela vem evoluindo com o mundo e com a sociedade; mas, ela não perde a importância singular que tem de transformar uma pessoa em uma pessoa melhor. Esse poder de transformação que a Capoeira Angola tem, eu acho que, por mais que ela evolua, ela não vai se perder, esse pra mim é o grande motivo pelo qual eu escolhi a Capoeira Angola, pelo poder de transformação que ela tem, apesar de todas as singularidades; apresentando um monte de coisas dentro dela: a musicalidade, a parte corporal, do canto, a parte artística teatral, tudo isso engloba um conjunto de coisas que formam o ser humano, ele se torna diferente através da Capoeira Angola. Dentro do espaço da Capoeira, o que eu tenho..., eu não posso falar de outra coisa, eu tenho que falar do que eu vivi.

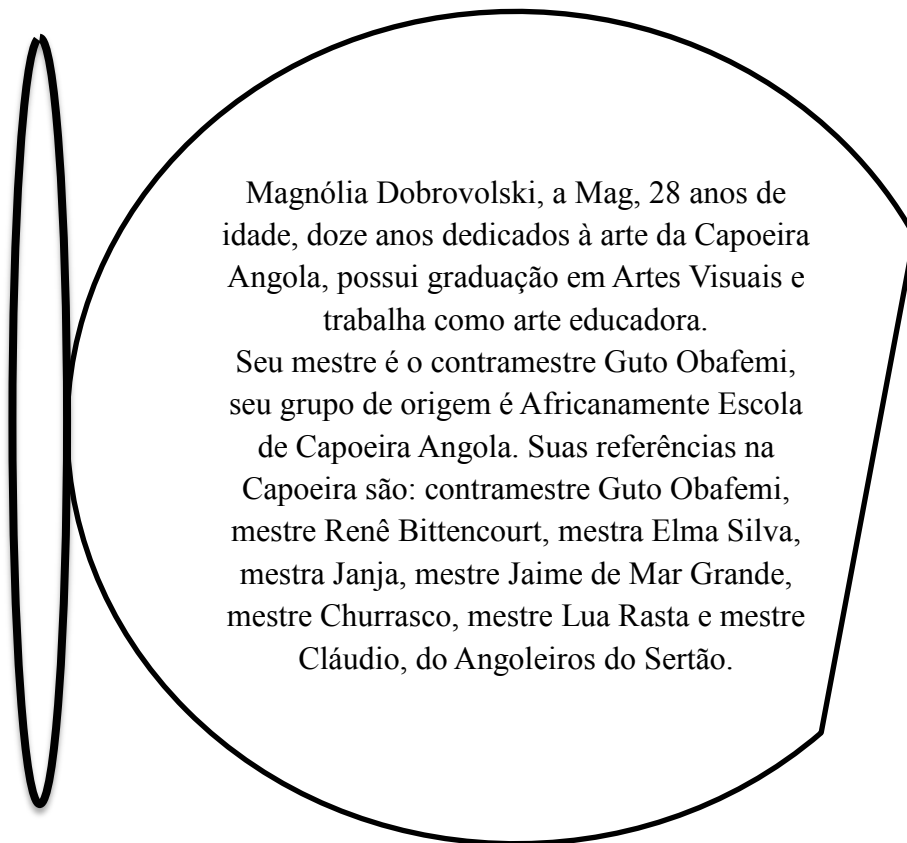
Eu e uma colega sofremos críticas por a gente dizer que tem um espaço dentro da Capoeira aqui em Porto Alegre, no qual eu chego a qualquer grupo e sou bem recebida e me é oferecido o berimbau, instrumento pra tocar. Eu não sei se por ser mulher, mas isso é uma facilidade que eu adquiri com muito tempo de trabalho dentro da Capoeira, com muita insistência, com muita dedicação, por estar ali.

Como a mulher não tem tanta visibilidade, a partir do momento que aparece uma mulher que toca, que joga, que canta, eles vão querer mostrar... Para quem chega numa roda de Capoeira e não vê (mulheres), vê vários homens; a gente sabe como os homens ainda estão com dificuldades em entender a capacidade da mulher, então, quando ela se vê no meio de homens e consegue visualizar mulheres, que tenham os mesmos direitos,

que se posicionam de igual pra igual com os homens; isso é bom; não de uma maneira violenta, mas de maneira tranquila, que todos têm o seu direito de estar nos espaços.

A gente que já tem um tempo, e estar na roda de Capoeira quando a gente tem essa facilidade de chegar, de tocar, de cantar, por ser mulher, é um espelho para quem está assistindo. Exemplo de vida e de superação. Determinados grupos ainda não estão preparados para ter mulher ali como protagonista. Eles não podem negar, ela está ali, mas podendo não deixar ela se destacar, eles não vão deixar, mesmo sabendo que ela tem potencial, de igual para igual, não perde em nada.

Ser mulher dentro da Capoeira é trazer vida, é trazer vontade de vencer, de se superar.



Magnólia Dobrovolski, a Mag, 28 anos de idade, doze anos dedicados à arte da Capoeira Angola, possui graduação em Artes Visuais e trabalha como arte educadora.

Seu mestre é o contramestre Guto Obafemi, seu grupo de origem é Africanamente Escola de Capoeira Angola. Suas referências na Capoeira são: contramestre Guto Obafemi, mestre Renê Bittencourt, mestra Elma Silva, mestra Janja, mestre Jaime de Mar Grande, mestre Churrasco, mestre Lua Rasta e mestre Cláudio, do Angoleiros do Sertão.

“Não adianta só um brilhar, só um voar, só um cantar. Capoeira não é só um, é todo mundo” (Magnólia).

Eu, com quatorze anos, comecei a participar de um coletivo anarquista; a gente se encontrava em um espaço e fazia cartazes para eventos, propagandas e tal, e desse coletivo surgiu a vontade de fazer um espaço coletivo, uma ocupação. Nessa ocupação, tiveram várias vivências, oficinas. Nesse período, a gente sofria muita violência, perseguição de grupos neonazistas aqui em Porto Alegre, a casa era frequentemente atacada.

Primeiramente, a gente treinou Muay Thai, meio que no empirismo, e, em seguida, recebemos um público que veio do Fórum Social Mundial, um pessoal punk, que jogava Capoeira em Campinas. Jogavam Capoeira Angola e eram discípulos do Mestre Jogo de Dentro, eles deram umas oficinas e foi o primeiro contato. Depois dessas vivências no Fórum Social Mundial, eu viajei à Florianópolis, foi a primeira vez

que eu tive aula em um grupo, em uma academia. Fui a um treino através de uns amigos que me levaram lá. Quando eu voltei à Porto Alegre, eu procurei um grupo que fica no centro da cidade, perto de onde eu estava morando na época, que era uma outra casa coletiva de ocupação, ficava na Voluntários da Pátria. Ali, eu me aproximei bastante de algumas pessoas desse grupo de Capoeira, que também tinham uma vivência anarquista.

Não fiquei nesse grupo, na época, porque eu não entendia a dinâmica. Primeiro, eu estava muito dentro de outro coletivo, que tinha outros valores, e entrar num grupo de Capoeira Angola, assim; - tinha desde a mensalidade, do uniforme, da pontualidade... Eu não estava preparada para viver, tinha dezesseis anos e não me identifiquei tanto. Também tinha um rapaz, que dava aula aos sábados, que tinha uma postura bem agressiva, e ele começou a passar os treinos durante a semana, quando eu treinava, e eu não me identificava com ele e saí. A visão dele de Capoeira, o jeito de treinar, de se movimentar, acho que meio careta, uma onda que desvirtuava do resto do grupo; eu via o resto da galera bem libertária. Fiquei treinando com os punks na ocupação, tive sorte de vários amigos que traziam informação, e a gente trocava e se alimentava com isso; teve um amigo que veio de São Paulo, vários grupos de lá, uns punks e um pessoal de Campinas. Tive também uma vivência com um mestre aqui de Porto Alegre, uma amiga queria conhecer esse mestre, e acompanhei ela, em 2006 ou 2007.

No início da minha vida de Capoeira eu não tinha grupo, eu fui curiosa, fui perguntando, fui indo, e fui achando que eu podia ir ver com meus próprios olhos, a Capoeira me deu isso: de ir atrás das coisas. Onde eu passava, eu queria conhecer; fui para Florianópolis, treinei Capoeira; aí fui para São Paulo; eu fui atrás de Capoeira em Atibaia, Campinas, Uberlândia, Brasília, procurei o grupo da mestra Elma; fui indo, assim, e também foi me fortalecendo.

Fui vendo como as pessoas que estão dentro da Capoeira, de uma linhagem, que te dizem: “Tu tens que treinar vinte anos, só aqui, para depois conhecer, quem sabe um dia”. Como eu não tinha alguém que me orientasse nesse sentido, eu era mais cara de pau, ia indo, ia vendo, sempre deu certo, eu tive sorte. Eu fui vendo que eu não estava sozinha, estava acompanhada, na verdade, dos meus orixás, meus guias estavam comigo, sempre, com certeza.

Em 2007, eu fui viajar, fui até Fortaleza, trabalhando com arte de rua, e fui conhecendo alguns grupos de Capoeira. Eu cheguei à Porto Alegre em um domingo, e, na segunda-feira, tinha uma atividade no Africanamente. Um amigo entrou para esse grupo e ia puxar um bate-papo sobre vegetarianismo e me convidou. Até lembro a data,

20 de janeiro de 2008. Eu entrei e não parei mais, me identifiquei com o grupo, com as pessoas, com o axé ali do lugar, fui me envolvendo.

Comecei a treinar e passei a acompanhar meu mestre nas oficinas, e, antes eu tinha aprendido tocar um pouco de tambor com a galera punk; assim, tinha tambor em casa, pandeiro – enquanto tu tens possibilidade de estar em contato com os instrumentos, tu te envolve. Fui desenvolvendo um pouco, e isso abriu as portas para eu acompanhar ele nas oficinas.

Nós fomos a muitas escolas em Porto Alegre, em espaços SASE²⁴, vários lugares; aí eu fui vendo que eu podia ser educadora. Em seguida, eu comecei acompanhar ele numa oficina que era no terreiro do Baba Diba, na Vila São José. Era um projeto inspirado nesses projetos de igrejas, de fazer encontros de jovens aos sábados. Era um encontro de jovens e crianças com valores do axé, do batuque, tinha Capoeira, jongo, dança de orixá e contação de história. Eu comecei acompanhar meu mestre, e ele logo passou a titularidade da oficina.

Tive a oportunidade de me aproximar daquela comunidade e trocar, levava um pouquinho da Capoeira que eu sabia. Alguns, ali, até sabiam mais Capoeira do que eu, porque já tinham tido mais vivências com Capoeira do que eu. E, em troca, eu tinha direito de fazer as oficinas de dança de orixá, tambor, jongo. Isso foi uma escola muito forte para mim. Na época, também participei da revisão do projeto político pedagógico – eu cresci muito naquelas reuniões, estudos de textos, conheci o Ubuntu, através do pessoal do terreiro. Eu aprendi muito naquela comunidade e dei aula de 2009 a 2011, que foi quando terminou o projeto.

Depois, eu dei aula em um lugar que a Vivi me convidou, era uma escola em Esteio, um projeto do Mais Educação²⁵. Foi uma experiência, como educadora, que eu tive e foi bem legal, eu dei aula de artes e Capoeira por alguns meses. O próximo trabalho foi em um projeto na Associação de Moradores da Vila Tecnológica, ali na Vila Farrapos, dei aula por três anos para crianças de todas as idades.

²⁴ Serviço de Apoio Socioeducativo.

²⁵ O Programa Mais Educação [...] constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica (Fonte: <http://portal.mec.gov.br/pibid/pibid/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/16689-saiba-mais-programa-mais-educacao>).

Dei aula também em um projeto de extensão chamado Resistência Feminina, de uma amiga que é professora no Colégio de Aplicação da UFRGS, ela escreveu o projeto para oferecer Capoeira Angola para mulheres e, ao mesmo tempo, para os filhos delas; então, elas poderiam se encontrar e terem esse tempo exclusivo para elas, enquanto podiam ficar tranquilas, pois seus filhos estavam tendo uma atividade também de Capoeira, e, depois, podiam se encontrar e partilhar essa vivência.

Trabalhei dois anos nesse projeto, era em um abrigo para mulheres que sofriam violência doméstica, chamado Casa Lilás, que é gerida pelo Ilê Mulher, uma ONG aqui de Porto Alegre. Foi um lugar que eu aprendi muito, porque é outra perspectiva de Capoeira, não chegava e dava aula simplesmente. Chegava e conversava com uma mulher que estava muito fragilizada, às vezes, a voz dela nem conseguia sair direito, então, tudo ali era muito terapêutico. Todos os nossos encontros, ali, eram de fortalecimento de consciência do que é ser mulher, a violência que o mundo coloca em cima da mulher e como a gente pode sobreviver, se fortalecer, construir e superar. A palavra superação apareceu muito nesse projeto para mim.

Eu entendi que a Capoeira me pareceu um potencial ótimo para as mulheres, porque a gente precisa estar toda a hora se superando, e a Capoeira é esse exercício. Desde tu se expor, cantar, desde gingar, até o dia que tu consegue dar um aú²⁶; nunca imaginei que pudesse conseguir fazer isso. A gente vê que pode conseguir várias outras coisas que nunca imaginou, é uma coisa quase que exponencial.

A Capoeira me ensinou esperar, ter a vez de falar, de ouvir, a atitude na hora certa; não deixar passar, me doar para os outros, chegar e saber do meu potencial de poder ajudar, construir uma coisa coletiva. Comecei a me ver como possível educadora, acompanhando meu mestre dar oficina, aula em lugares. Eu fui vendo que tem pessoas que querem esse pouquinho que eu já sei, se interessam e podem se alimentar disso. Então, tu começa a ver que é possível multiplicar, mesmo sabendo pouquinho.

Eu tive outras experiências com a Capoeira também, participei de um grupo musical chamado Eduardo Branca e a mitologia africana, tocando berimbau. Era um show que esse artista montou, e fomos para o Uruguai para tocar berimbau. A Capoeira abre várias portas e possibilidades. Também conheci vários lugares com a Capoeira, muitas pessoas, então, são muitos benefícios.

²⁶ Movimento da Capoeira conhecido como “estrelinha”, mãos apoiadas no chão e pernas para cima fazendo um semicírculo no ar.

Recentemente, trabalhei em uma instituição que tem um Programa para jovens egressos da FASE²⁷, que estão em conflito com a lei, que cumpriram pena ou tem alguma sentença ainda. Eles vão para esse Programa e recebem oportunidade de cursos, e eu trabalhei na área de arte e cultura, com Capoeira. Eu entrei numa quinta-feira e encontrei um capoeirista que trabalha lá há vinte anos com Capoeira Contemporânea. Aí, ele me chamou para conversar: “O que tá fazendo aí, Mag?” “Eu estou trabalhando”. E ele: “Com Capoeira?” “É”. Eu nem terminei de falar e ele: “Mas tu tinha que ter me pedido permissão! Eu já trabalho aqui há vinte anos, tu tinha que ter me pedido permissão. Não, aliás, não era tu que tinha que me pedir permissão era o teu mestre que deveria ter me pedido”. “Não, calma! Me escuta: Eu não vou trabalhar na instituição inteira, eu vou trabalhar em um Programa, e é um trabalho temporário. Eu fui selecionada, não foi nem por causa da Capoeira, porque eu não tenho formação de Capoeira, eu sou professora de artes, e pela minha trajetória com mulheres em situação de violência, por isso me selecionaram. Eu não vou concorrer contigo, não vou ocupar aqui. Até poderiam ter te chamado, eu não sei porque não chamaram”. Ele: “Tá, eu não sabia”.

Já no início do trabalho eu tomo uma dessas, aí, começaram acontecer os primeiros encontros com Capoeira, e os outros colegas do próprio Programa, que já tiveram vivência com Capoeira, se acham autorizados a querer dar palpite e a querer ensinar junto e a contar história, sabe? É um atropelamento sempre.

Teve um até que me disse: “Se eu tivesse continuado a Capoeira, eu poderia estar dando aula aqui no teu lugar”. E outro: “Magnólia, o que tu acha de colocar defesa pessoal na tua aula?”. E eu: “Não, Capoeira é uma defesa pessoal, eu acredito muito no poder dela”. E ele: “Não, mas isso aqui...” E pegou meu braço com força para me mostrar um jeito nem sei de quê. “Eu já fiz defesa pessoal, mas a que eu fiz é uma autodefesa feminina e eu não misturo com a Capoeira, porque eu respeito a Capoeira”. “Eu só ensino o que eu aprendi com os mestres”.

Esse cara se acha no direito de querer dizer tudo aquilo para mim, chega a ser assim, muito escancarada a falta de respeito. Imagina se eu chegasse à aula dele de jiu-jitsu e dissesse: “Quem sabe tu te coordena melhor antes de fazer tanta força”.

²⁷ Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul.

Em 2010-2011, um amigo que é antropólogo, na época, estava terminando a graduação e fez um projeto para pesquisar a Capoeira e colocou em um edital de pesquisa sobre Capoeira Angola em Porto Alegre. Assim que o projeto foi aprovado, ele começou a pensar em outras possibilidades além de escrever, mas entrevistar os mestres, e, nesse meio tempo, nós dois ganhamos dos nossos irmãos máquinas fotográficas dessas que filmam em *HD*. Eu fui fazendo contato com os mestres e não foi fácil, porque eles são meio esquivados para esse tipo de coisa, então, demorou algum tempo.

Como não tinha verba para uma produção audiovisual, o apoio era só para escrever um relatório, e a gente fez tudo no amor. A gente lançou tudo na *internet*; primeiro, em um site, a gente achou que ia ter repercussão fora de Porto Alegre, porque, sempre quando a gente viaja para outros lugares, as pessoas dizem: “Capoeira Angola em Porto Alegre? Nem sabia que tinha”.

A gente vê o Angola POA como um mosaico, uma pesquisa que cada pedacinho é diferente do outro, uma cor diferente da outra. Um jeito diferente de levar a Capoeira, que os mestres vão contando as suas trajetórias e que a gente consegue entender um pouco como a Capoeira Angola foi se consolidando aqui em Porto Alegre.

A gente sabe que essas pesquisas que ficam somente no campo da escrita são muito restritas a uma cultura letrada. Só quem é próximo das bibliotecas vai conseguir acessar, e, na Capoeira, a gente tem um público mais diverso. Talvez na *internet*, ela abranja outros públicos e pode ser repassado e reproduzido em escolas, em locais que possam valorizar o ofício dos mestres em Porto Alegre. Outra importância que a gente vê no Angola POA é poder contribuir para visibilidade da cultura negra, que é bem forte aqui, mas a visibilidade não. Os meios de comunicação fortalecem que a gente acredite que Porto Alegre só tem a cultura eurocêntrica, mas é muito pobre ver a cidade desse jeito. Ela é muito mais rica e diversa, então, valorizar a Capoeira daqui é importante.

Foram acontecendo várias coisas nesse meio tempo, uma delas foi um afastamento do meu grupo de Capoeira, meio natural, porque eu era bem envolvida, comprometida, estava todo dia lá e tal. Começou esse afastamento porque eu comecei ir bastante para Maquiné, uma cidade do interior, nos finais de semana. Eu comecei a perder muitas rodas de final de semana, então isso já mudou um pouco a relação.

Depois, no ano de 2015, tiveram muitas pressões coletivas das meninas dentro do grupo por desejo de ter espaço, encontros, irem a atividades que interessavam a elas, atividades feministas, e, por outro lado, teve muita pressão de outros membros do grupo e do mestre em querer controlar um pouco esse movimento. Isso desgastou muito nossa relação, porque eu fui uma das meninas que mais pressionou nosso interesse, que era participar das atividades e se encontrar e tal, propor atividades feministas ali que gerassem reflexão, e isso desgastou muito a minha relação pessoal com a liderança do grupo. Após as férias de verão de 2015 para 2016, quando eu retornei das férias, eu não estava me identificando, não me sentia à vontade, sentia uma relação ruim, mudou. A questão da própria amizade. E resolvi ter uma conversa franca sobre como eu estava me sentindo, que eu preferia dar um tempo e ver o que eu queria, fazer outras caminhadas. Além disso, eu me formei, comecei a sentir vontade de sair de Porto Alegre, buscar outras coisas.

O grupo, antes de eu entrar, já tinha um movimento forte de mulheres, quando eu entrei, em janeiro de 2008, já estava sendo organizado um evento chamado “Adão, Adão, cadê Salomé, Adão?”. Várias mulheres participavam antes, criaram um evento para tratar das relações de gênero na Capoeira e, principalmente, provocar a Capoeira Angola em Porto Alegre.

Foi um evento que gerou vários frutos, trouxe várias referências femininas, que éramos carentes, somos carentes. Isso foi uma coisa que trouxe muitas alegrias para o grupo, para mim, como capoeirista. Acho que um dos pontos fortes do grupo era esse evento. Só que, desde 2011, não aconteceu mais, a última referência feminina que veio foi a contramestra Tati do Rio de Janeiro.

Nesse meio tempo, tudo muda. As pessoas mudam, então, o perfil do grupo mudou também, na minha visão pessoal. Entraram muitos, principalmente homens, da Capoeira Contemporânea, com valores da Capoeira Contemporânea, e não foram atualizados os valores que eram mantidos ali. As pessoas que tinham um perfil libertário no grupo, vários artistas, pessoas comprometidas já há mais tempo com a Capoeira Angola, foram saindo, e essas outras pessoas foram entrando.

Começou a ter muita disputa desse grupo mais novo que entrou, querendo disputar com o pessoal mais antigo. Quem ia preparar a roda, quem ia tocar berimbau, quem ia jogar essa disputa por visibilidade. Ficou muito tempo sem ter esse bate-papo sobre a mulher na Capoeira. Em seguida, várias mulheres engravidaram e tiveram que parar de treinar, e ficaram fragilizadas, como um ser individual e potente dentro da roda.

Senti, principalmente, que essas mulheres começaram a querer se fortalecer de novo, só que de outra maneira. Mudaram os objetivos das mulheres, mais como capoeiristas mães, violência doméstica que começou a aparecer, relatos, denúncias. Então, começou a entrar em um campo mais íntimo. O que antes era abordado como qualidade das relações de gênero como um grupo de Capoeira, começou a ser abordada a qualidade das relações de gênero na intimidade dos casais, e isso é uma coisa muito complicada, delicada, porque a gente já entra em outro espaço, o espaço privado das pessoas, e começa a gerar medo também nos homens: “O que aquelas mulheres estão falando?”, “O que elas estão abrindo? Qual vai ser a reação das outras?”. E isso foi bem complicado nesse período.

A Capoeira é um círculo de troca de informações. Conhecimento, tu encontra o mais velho, o mais novo e tu vai aprendendo. E a Capoeira Angola, ela tem um projeto que é quase um projeto de vida. Ela é devagarinho, ela é aos poucos, vai demorar muito para a gente aprender, mas, ao mesmo tempo, ela vai alimentando e vai conseguindo se ver envelhecendo ali, sem ficar velho. A Capoeira Angola, pra mim, ela é um caminho que eu posso percorrer acompanhada de outras pessoas. Porque ela é muito mais do que isso, ela é ouro. Muito mais do que a gente pode imaginar.

Para mim, ela vai se revelando, e, quando vê, a gente pode ser bem recebida em qualquer lugar do mundo, conhecer lugar que a gente nem imagina, pode conhecer pessoas que te abrem portas para outras artes como a música, a dança, o teatro, as artes visuais, a educação. Então, através da Capoeira, eu pude aprender várias coisas, eu aprendi a me comprometer, a estudar, a me conhecer como gente dentro da Capoeira Angola. Através da Capoeira, eu quis estudar, fazer faculdade, aprendi a me dedicar realmente para alguma coisa e saber que tinha capacidade para isso. A Capoeira, ela dá tanta coisa que eu ainda nem descobri tudo o que ela pode dar.

Tem uma coisa que acontece na Capoeira Angola quando a gente vai tendo contato com os mestres, eles são senhores de uma cultura bem humilde, simples, que se tu não tivesse na Capoeira, ia passar por ele na rua, e não ia nem imaginar que toda aquela sabedoria está dentro daquele corpo, daquele ser. Isso me fez abrir os olhos para outros senhorzinhos, senhorinhas, que estão perto da gente convivendo cotidianamente,

que também tem um poço de sabedoria popular. A Capoeira me fez ficar mais atenta para as pessoas, o que elas guardam dentro delas.

Por enquanto, eu tô nesse caminho, pode ser que ela me apresente outras coisas. E a Capoeira Angola também tem uma característica que tem muito a ver com ir atrás das coisas, ser curioso, ir conhecer, se botar no mundo, nem que seja ir a outro bairro para conhecer um capoeirista diferente ou pegar uma estrada ou avião pra um lugar que nunca foi. Acho que isso é estar vivo. Capoeira é um movimento, se eu tiver perto da Capoeira eu vou estar viva, eu vou estar nesse movimento.

Como eu entrei na Capoeira mais jovem, ainda era adolescente, eu estava num processo, vivendo coisas com o coletivo libertário, sem muitas regras; então, eu fui me socializando de novo dentro da Capoeira. Tinha terminado o colégio e estava sem saber o que eu queria da minha vida, se eu queria estudar, se eu queria trabalhar, o que eu queria ser. Não sabia quem era eu no mundo. Eu estava convivendo só com pessoas muito parecidas, que estavam também nessa fase, sem saber o que queriam. Às vezes, quando a pessoas tem liberdade demais, ela não sabe como aproveitar, a Capoeira foi me formando como uma pessoa mais capaz de viver no meio da diversidade. Isso me fez crescer muito como pessoa e a ser mais tolerante, mais consciente.

No projeto Angola POA, se fosse só o Marco, teria muito mais resistência, a gente via o jeito que os mestres tratavam ele, não só por ser homem, mas por ser novo na Capoeira e não ser conhecido. Já eu, senti facilidade. Os mestres, às vezes, ficam receosos quando chega um homem na roda, até quando é pesquisador; e eu, já por ter esse meu jeitão assim, acho que os mestres lembravam de mim por eu ser uma pessoa diferente, tatuada, de *dread* e também por ser mulher, o tratamento era outro, muito mais aberto, disponível quando era eu que tratava.

Por outro lado, é a dificuldade por ser mulher que eu sinto, não só no meio da Capoeira, mas a dificuldade que é ir para a Capoeira, andar na rua. A roda de Capoeira é sempre de noite, sexta-feira, muitas vezes é na periferia, para a gente ir nesses lugares tem que estar muito disposta, muito entregue. No meio da Capoeira, nunca tive um namorado capoeirista que chegasse comigo, era sempre eu sozinha, eu e minhas amigas, alguns amigos.

Algumas vezes, em situações de roda, se tu não está querendo ser tratada como uma mulher, daqui a pouco cantam uma música “Menina Bonita”; tu está ali para jogar Capoeira, a pessoa parece que quer todo o tempo te lembrar que tu é uma mulher, em vez de te lembrar que tu é uma capoeirista.

Já sofri assédio dos capoeiristas, dos mestres. Em uma situação que eu consegui dar a volta, consegui colocar minha vontade, expor qual era a minha intenção. Mas, acaba virando até normal. Se eu estou tocando e tem dois homens tocando ao meu lado, sempre vão pedir pra mim, sempre vão achar que eu estou cansada, que eu não consigo que eu tenho que passar o berimbau. Eu sempre faço questão de negar, a não ser que seja um mestre, uma mestra. Eu acho que é muito machismo querer que as mulheres sempre passem o berimbau. Isso acontece em todas as rodas, isso é uma violência, mas a gente está tão perto de outras violências que isso acaba se tornando normal, já sei que vou pra uma roda e vou ter que lidar com isso.

Tem a história da roda de Capoeira no Largo do Zumbi, essa história começou junto eu e a Karine, a gente treinava no mesmo grupo, recém começando a Capoeira, era 2010 e a gente estava nesse grupo desde 2008. Tínhamos nossas vivências como punk e nosso *rolê* de Capoeira, mas muito jovens, de idade e de Capoeira.

A gente estava dando um *rolê* na Cidade Baixa, verão, na época tinha uma história de ocupar o largo do Zumbi com atividades culturais, e estava sendo sempre nas quintas-feiras. A gente sempre encontrava uns capoeiristas e estava começando amizade com pessoas de outros grupos. E a gente: “Essa atividade aqui no largo, faltava uma vadiação de Capoeira, vamos puxar essa história para gente se encontrar. Já tem as rodas dos grupos, aquela coisa oficial, vamos fazer uma coisa extraoficial, boêmia, da gente se encontrar e vadiar uma Capoeira no meio desse largo tem tudo a ver”.

Os guris que eram do nosso grupo conheceram a roda de Caxias - RJ, que eu a Karine havia conhecido em 2009, e adoraram a roda. Eles queriam fazer uma roda e a gente convidou eles para irem à roda do largo do Zumbi. E eles chegaram dominando, fortaleceu um monte a roda e tem até hoje. Só que hoje em dia, a galera conta a história que os guris começaram. Seria tão mais rico se a gente contasse que essa história tinha mulheres, gentes de outros grupos. Já poderiam estar mais sensibilizados para o jeito de contar a história sem ocultar as pessoas. E isso serve a um grupo de Capoeira específico, que tá colocando o nome dele ali na história que não era para ser, era para ser coletivo.

Para mim, Capoeira me fortaleceu muito como mulher, até nessas questões que a gente estava falando dessas pequenas violências, essas coisas chatas, e também me

fortaleceram de certa forma porque como eu convivi antes em um coletivo que era muito restrito, com pessoas que se diziam libertárias (diziam pelo menos), antimachistas. Tinham algumas situações que eu não era exposta, e, quando eu comecei a me expor mais ao machismo, eu comecei a ter que lidar também com situações, e tu vai ter que saber lidar, e isso me fortaleceu.

Eu vejo que mudou bastante a minha vida, o meu posicionamento como mulher no mundo. Eu sei do machismo, eu sei do problema que é chegar numa roda sozinha na Bahia, mas eu vou ir e vou lidar com isso, e vou sair de lá mais fortalecida. Eu vou saber que vai ter homens que vão vir falar, mas eu vou ter que ter uma resposta, uma postura. É melhor de que se eu não me expusesse a nada, só no meu canto, dentro da minha casa ou num grupinho que só pensa parecido comigo.

A mulher é a flecha da mudança; no mundo, se tiver uma revolução, vai nascer da mulher. As mulheres precisam ser guerreiras, não só no campo da ideia, mas na prática; Capoeira traz isso, e isso é prática, é encontro. Não adianta a gente estar num canto lendo um livro de Capoeira, a gente tem que se juntar para fazer o axé. Ser mulher no universo da Capoeira tem que ser coletivo, tem que ser a flecha para a gente conseguir mudar a situação, lembrar os outros camaradas que estão na roda que a gente tem que estar junto, não adianta só um brilhar, só um voar, só um cantar. Capoeira não é só um, é todo mundo.

Quando uma mulher canta na Capoeira, que canta com a alma, é quando eu mais me emociono. Eu me lembro quando vi a mestra Elma cantando pela primeira vez, ela cantou para Oxum pedindo agô²⁸ para começar a oficina dela. Eu fiquei muito impressionada com aquilo. Eu acho que a mulher tem esse poder mágico por ter os nossos segredos, nossa fase da lua, que já nos faz um ser que entra em transe naturalmente todo mês. Agora, na Capoeira, a gente vai descobrindo esse poder e vai se encontrando, e é coletivo. Quando tem uma mulher na roda, a energia é diferente, e quando ela é empoderada, é mais ainda. Essa palavra está sendo muito usada hoje. Para mim, poder e liberdade são duas situações que me lembra da imagem que são as portas abertas. Quando eu estou empoderada, as portas estão abertas para onde eu quiser ir, quando eu tenho liberdade, também.

Eu acho que ter poder é conseguir construir uma situação que as pessoas confiam em ti, e tu também sabe quem tu é, confia nas possibilidades; quando eu não

²⁸ É um termo utilizado na religião umbanda que significa pedir licença ou permissão.

tenho esse poder, parece que está tudo fechado. Eu também não consigo imaginar empoderamento individual ou uma liberdade individual, acho que é um processo coletivo e contagioso, tanto a liberdade, quanto o empoderamento.

Uma vivência bem triste que eu tive, foi uma vez quando a gente foi convidar um mestre para participar do evento Adão, Adão, cadê Salomé?, que o nosso grupo estava organizando. A gente chegou, estava acontecendo o treino, ficamos ali olhando, e, quando chegou ao final, a gente conversou com o mestre sobre o evento e que queríamos convidá-lo, e ele disse: “Ah tá, tudo bem, só que não tem mulher no meu grupo. Eu até gosto que nem tenha, por que mulher só dá incomodação, só vem para namorar, aí, depois, tem briga, elas não querem treinar, não querem aprender, elas só vem procurar namorado e acabam não ficando”. Isso foi uma coisa bem triste, e foi logo quando eu comecei a treinar. Ele falou na lata, e a gente ficou meio sem saber o que dizer.

Quando é mulher, e chega sozinha, não chega com um namorado do lado, eles acham que têm o direito de se aproximar de um jeito desrespeitoso, de não te levar a sério, são várias situações.

Certa vez, eu fui a uma roda de largo, festa, não é roda de Capoeira Angola ou Regional, é uma roda de tudo. Tinha até uns mestres que eu conhecia, mas eu fui meio que sozinha ou fui com a Karine, não lembro. Eu estava jogando, era jogo de compra²⁹, e, aí, entrou um mestre que eu já conhecia e fiquei tranquila. Ele, em vez de jogar comigo, me pegou, me levantou, tipo no colo acima da cabeça e girou comigo no ar e me jogou na galera que nem show de rock e gritou: “Olha a mulher aí!”.

Às vezes, a gente nem lembra que é mulher, vai só vivendo. E as pessoas vão lembrando a gente. Normalmente, são de formas ruins, invasões ou descrédito. Porque quando a gente tá no meio da Capoeira, está só querendo se divertir, viver, querendo sentir o momento. Aí vão acontecendo coisas, e a gente percebe que aconteceu porque eu sou mulher; por exemplo, dentro da Capoeira, tu está treinando, aí, chega alguém novo para treinar contigo, e ele não quer encostar o pé em ti. Tu vê que com os outros ele encosta. Eu falo: “Encosta, por favor, eu quero aprender”. É aí que tu lembra.

Quando a gente tá na rua, também, a mesma coisa: tu sai na rua, só quer ir comprar um pão, encontrar não sei quem, levar o cachorro para passear, e aí vem alguém e te lembra, te aborda, te invade com o olhar ou com palavras ou fisicamente.

²⁹ Momento em que uma terceira pessoa interrompe “comprando” o jogo com um dos jogadores que está dentro da roda.

Invade teu espaço. E a gente tem que estar sempre se firmando e tendo uma resposta na ponta da língua, tendo uma atitude pronta para não deixar passar, pra não ficar remoendo aquilo.

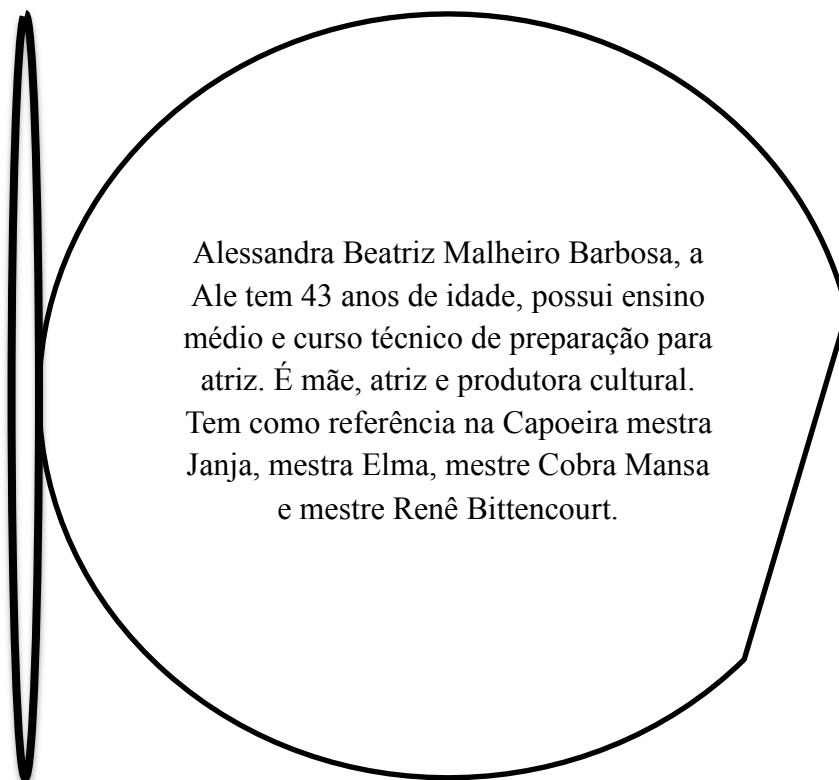
Na Capoeira, tu vai vendo que é uma contribuição que a gente pode fazer para dentro do espaço da Capoeira, é a sensibilidade do olhar do cuidado com o outro. Eu vejo várias mulheres que trazem isso nessa atitude, trazem um exemplo que é para todos. Uma coisa que falta é essa energia feminina da atenção, do cuidado, de calma, de respirar, de ouvir, de perceber o outro. Desde criança nos ensinam a cuidar do outro, e isso está faltando no mundo, a pessoas não querem cuidar, nem perceber o outro.

Quando a gente está na Capoeira, a gente se expõe para toda a roda. Não é fácil para ninguém, é sempre superação. A gente expõe nossos medos, nossos pontos fracos, nossa insegurança. Um homem jogando com uma mulher ou tocando e cantando e não sendo tão bom quanto ela, acho que eles se sentem humilhados e não aceitam isso, é da própria criação deles.

As mulheres, como eu estava falando, têm um olhar sensível de perceber o outro. Eu vejo também que muitas delas, quando entram na Capoeira, estudam a Capoeira, pesquisam e se apropriam de forma profunda, não só para ficar forte e bater nos outros, mas procuram entender, ir atrás da filosofia, da cultura. Vejo várias mulheres querendo se apropriar do samba de roda e estudam, de certa forma, isso deixa os homens com medo. Só pode ser medo. Não conseguir perceber que isso fortalece todo mundo é uma fragilidade, uma insegurança muito grande.

Eu acredito, quanto mais pessoas fortalecidas tivermos, mais seremos fortalecidos coletivamente. E vai ser melhor para todo mundo, a gente vai poder ir além. Agora, se a pessoa tá com medo e quer ser só ela a redentora do poder e do conhecimento, a oportunidade desses recursos, isso acaba sendo uma ameaça. E esse espaço, eu não sei por que os homens sempre questionam quando tu quer ir atrás de uma mestra, quando tu quer encontrar com as tuas amigas, estar só entre mulheres. E isso não é só no meu grupo, em vários grupos existe isso. É recorrente.

Quando a gente começa a procurar as razões disso, só consigo encontrar essa da ameaça de se expor, porque, de certa forma, eles acham que a gente é inferior. Tu ser exposto por alguém que é “inferior” a ti, para eles é pior. Só que ninguém é inferior a ninguém, se tu já parte desse pressuposto que a gente é inferior, o medo domina. E isso é presente na história da humanidade. Na Capoeira isso também se reproduz.



Alessandra Beatriz Malheiro Barbosa, a Ale tem 43 anos de idade, possui ensino médio e curso técnico de preparação para atriz. É mãe, atriz e produtora cultural. Tem como referência na Capoeira mestra Janja, mestra Elma, mestre Cobra Mansa e mestre Renê Bittencourt.

“[...] o anseio por liberdade, por uma Capoeira livre, por homens e mulheres livres; não é só das mulheres, é dos homens também” (Alessandra).

O que me aproximou da Capoeira Angola? Eu não sei explicar direito, é algo misterioso, inexplicável. Quando a gente se aproxima de uma arte como a Capoeira é um chamado, uma identificação misteriosa. Nada explica concretamente, e, sim, é um chamado espiritual.

Eu ia ao Brique da Redenção³⁰, via as rodas de Capoeira Regional, gostava, achava legal, mas tinha alguma coisa que para mim “não batia”. Conversei com um amigo: “Eu gosto das rodas de Capoeira, mas tem alguma coisa estranha”. Comentei algo do tipo. E ele: “É porque tu não conhece a Capoeira Angola”. Eu lembro nitidamente dele dizer isso. Esse amigo me levou até o mestre Churrasco, isso nos anos 90, o mestre tinha uma banca ali na Redenção, vendia uns berimbaus pintados e trabalhados artesanalmente e ficava toda a tarde tocando para chamar a atenção, dava uma atmosfera muito legal.

³⁰ Feira de artesanato que acontece no parque Farroupilha, mais conhecido como parque da Redenção.

Fui apresentada ao mestre Churrasco e ele falou de um lugar que era ali na UFGRS, no Instituto de Artes, numa galeriazinha onde era o espaço de um grupo de teatro que cedia para o grupo de Capoeira. Quando eu cheguei lá, fiquei sabendo que era um grupo da Soma, na época, era obrigatório praticar Capoeira Angola e a galera tinha o mestre Churrasco como professor.

Comecei a fazer aula com ele, nessa sala, que era emprestada, e a gente não tinha a chave do espaço. A filha de uma integrante do grupo, que tinha 4 ou 5 anos de idade, subiu na grade e bateu o cadeado, não tínhamos como fechar a porta de ferro. O pessoal comprou um cadeado novo, e, aí, o grupo de teatro nos expulsou do espaço. Ficamos sem lugar para treinar e fomos para o gasômetro, na época era primavera-verão, e a gente podia treinar na rua. Mas o mestre se aborreceu com a galera, a gente não pagava em dia, era muito jovem, não tinha organização, e começou a mandar o irmão dele dar aula pra nós. O irmão dele começou a ensinar sequência de Bimba e cacetear a galera, aí decidimos dar um basta, porque a gente não ia ficar sendo oprimido.

Acabei me envolvendo com a Soma, participava do coletivo e tal, e ficamos um tempo sem mestre. Uma das pessoas do coletivo conseguiu uma sala na Cia de Artes, que era da Caixa Federal, servia para os funcionários fazerem ginástica, era um monte de academias ali antigamente, também tinha um grupo de teatro da Caixa.

Quando fomos treinar, não tinha elevador, mal tinha luz, não tinha nada. Subíamos seis andares de escada, a gente dizia que era o aquecimento para a Capoeira, e lá treinávamos com o mestre “vídeo”. Buscávamos os poucos registros que tinham na época, era o mestre João Grande, mestre João Pequeno, e era isso. Conseguíamos acessar alguma coisa do mestre Canjiquinha, mestre Pastinha, algumas filmagens, e a gente treinava assim.

Foi quando a gente ficou sabendo que tinha uma capoeirista na cidade, aí, uma amiga foi fazer para saber como era, e não era uma capoeirista daqui. E essa amiga foi conhecer e trouxe a notícia que ela era muito legal. Nessa época, a gente procurava Capoeira Angola, mas não tinha muito aqui em Porto Alegre. Parecia que a Capoeira Angola estava lá no exterior, com o mestre João Grande, e, na Bahia, com o mestre João Pequeno. Aí a gente convidou a Elma para dar oficina pra nós, e foi amor à primeira vista; ela começou a dar aula, já tinha uma turma e era bem forte o coletivo, um coletivo anarquista aqui da Soma.

A Elma era uma pessoa aberta para conhecer mestres de outras linhagens. Ela era aberta, disponível. A gente trouxe gente de Pernambuco, da Bahia, do Rio de Janeiro, do Maranhão. A melhor coisa que acontecia na semana era a roda do Solta Mandinga, e a gente criou uma tradição, conseguindo ancorar a Capoeira Angola aqui em Porto Alegre. A gente ia atrás de pessoas que a gente tinha como referência de Capoeira Angola. Trouxemos mestre Pato, mestre Valmir, mestre Cobra Mansa, mestre Boca do Rio, foram bons anos de muita produção.

Nessa época, eu sentia o machismo de uma forma mais pesada, não era uma discriminação como é hoje em dia, que é sutil quanto à mulher, era muito mais pesado. Como eu estava envolvida com o pessoal da Soma, que tinha uma proposta libertária, então, o machismo ali ficava diluído.

O preconceito era contra a liberdade de expressão, um dos professores que tivemos antes da Elma, sempre que ele podia tirava onda das mulheres, nas fotos, no jogo. A gente não se dava conta que aquilo era machismo, mas preconceito contra a liberdade de expressão; e, como a gente era um grupo anarquista, uma prática de liberdade, de autogestão, a gente sentia o preconceito com o todo, não só certas coisas. A gente não conseguia separar as coisas, pra nós era tudo junto, não tinha essa questão de homem - mulher. Claro que a gente era machista, tínhamos tantas neuroses para trabalhar, a gente considerava o machismo uma neurose.

Houve um grande racha na Soma e no grupo de Capoeira, tudo era muito ligado. Fundamos, com a Elma, o grupo N'zambi, e eu comecei a perceber o universo cruel da Capoeira; até então, parecia que eu estava protegida. Eu estava num QG libertário da Capoeira, que era a galera da Soma. Quando aconteceu esse racha, a gente percebeu o universo da Capoeira como era machista, preconceituoso, reprodutor de muitas questões sociais que até hoje estão aí.

Eu estava sem grana, desempregada, e peguei o projeto do grupo para dar aula; depois que eu consegui escolinhas para dar aula, eu fui barrada, disseram que eu não tinha condições de dar aula, sendo que já fazia seis anos que eu praticava Capoeira, e me dedicava pra caramba. Todas as rodas, eventos, eu estava lá. Eu trabalhava com criança, de babá, e fazia animação de festa infantil, e fazia, paralelo a tudo isso, teatro.

No momento que fui barrada pela pessoa que orientava, me decepcionei bastante e saí da Capoeira, me afastei de tudo, mas segui com o teatro. Quando eu estava dando esse tempo da Capoeira, eu fui para a Bahia, conheci um amor e fui tentar morar lá. No início, eu fugia da Capoeira, estava traumatizada. Via uma roda de Capoeira, ia para

outro lado. Lá pelo segundo mês que eu estava lá, procurei o mestre Valmir para fazer aula, ele me conhecia de quando veio pra cá (*Porto Alegre*) dar oficina. Fiz aula também com o mestre Cobra Mansa, ele é muito marcante pra mim, porque me lembra muito o mestre Churrasco, o jeito moleque dele.

Fui à roda do mestre Moraes e não me deixaram entrar; não podia ficar sentada na roda; não podia jogar cantar, porque eu não tinha camiseta de grupo; só podia ficar na plateia assistindo. Fui à roda do mestre João Pequeno e fui acolhida de braços abertos, na mesma noite. Treinei também com alunos do mestre Plínio, num sobrado que tinha uns punks junto, eu lembro direitinho, tinha uma biblioteca com vários livros de Capoeira, isso em 2001.

Voltei à Porto Alegre e procurei o grupo Solta Mandinga, ainda tinha esse nome o grupo, e quem vinha, de vez em quando, dar uma assessoria era o mestre Boca do Rio; aí, veio a sugestão de trocar o nome para Zimba. Eu fui uma das pessoas contrárias, para variar; uma das únicas. Eu tinha feito parte daquela história, daquele grupo, e achava que não deveria mudar, não era só para ser do contra, mas achava que não havia a necessidade.

Nessa época, havia uma colega de grupo que dava aula na Descentralização, aí ela disse: “Nesse ano, vai tu apresentar teu currículo para dar aula pelo grupo”. Era uma época que a Descentralização estava dando mais abertura para a Capoeira Angola. Quem ajudou a abrir esse caminho foi a Elma, na época. Fui e comecei dar aula pela Descentralização, e comecei a participar das reuniões da Semana da Capoeira, foi aí que deu um rolo.

Eu era a única angoleira e estava lá para propor a vinda do mestre do grupo. De forma alguma eles aceitavam trazer um capoeirista de fora, e eu batalhando pela Capoeira Angola. A liderança do nosso grupo não queria dar oficina no evento, e me disse: “Se tu quiser participar dessas reuniões, participa. Se tu quiser fazer, tu faz, a gente no máximo vai te apoiar”.

Na véspera desse evento, a liderança do grupo me expulsa do grupo, porque eu estava propondo também uma aula mais cedo para quem nunca tivesse feito Capoeira. Eu percebia que na pedagogia da Capoeira, todo mundo faz aula junto, tanto quem está

no início, como quem começou já faz algum tempo; eu percebia que, muitas vezes, as pessoas acabavam desistindo porque não tinham atenção.

Eu estava sozinha, sem grupo, acho que foi um dos desafios mais fortes da minha vida. Dar aula na Semana da Capoeira sem o apoio do grupo... Os caras da Regional brigaram comigo durante o tempo todo, mas, no final, eles já estavam meus amigos. Cheguei lá e disse: “Vou dar oficina e preciso de um aparelho de som”. E eles: “Como assim? E o teu grupo?”. Conteí o porquê, eles não acreditavam. “Foi expulsa do teu grupo porque tu quer dar aula? O que mais a gente faz é incentivar os alunos a darem aula”. E quando eu disse o tempo de Capoeira que eu tinha, eles ficaram mais apavorados ainda. Eles vendo toda a minha batalha ali, mesmo brigando comigo, estavam me testando o tempo todo. Briga por mercado, por espaço. E aí o T. e o G. P. me deram apoio, fizeram a bateria pra mim e botaram todos os alunos deles para fazerem minha oficina. Eu cheguei no ginásio Tesourinha para dar a aula e parecia um exército, todo mundo de branco. Aí, caiu por terra todo o preconceito que eu tinha com a Regional. Eu vi o quanto eles são disciplinados e dedicados.

De novo, fiquei sem grupo, triste, chateada, fiquei um tempo sem treinar. Aí, fui morar na Cidade Baixa e vi que um amigo meu, de longa data, dava aula de Capoeira em um espaço no mesmo bairro. Fui lá perguntar se eu poderia fazer aula de Capoeira e comecei a treinar com esse amigo... há uma coisa que é muito contraditória na Capoeira, em geral, ao mesmo tempo em que se fala em liberdade, - pergunto: que liberdade é essa? -, tu não tem direito de treinar com a camiseta que tu quer, a calça que tu quer. A Capoeira é uma arte vagabunda, no sentido de que era feito por pessoas que estavam na rua. Historiadores passam essa informação de que foram os negros jogados na rua, os africanos escravizados que criaram a Capoeira. É uma manifestação de cultura ancestral dos africanos, não era uma coisa formalizada como é hoje. E esse ímpeto, essa base visceral da Capoeira, é usado como um argumento para oprimir, para impor normas e regras em cima de uma liberdade, e de uma tradição.

O mestre dele veio conversar comigo e perguntar o que eu queria com a Capoeira, eu respondi que eu queria fazer Capoeira com outras pessoas, eu queria trocar. Esse meu desejo é usado como um argumento do tipo: “Se tu quer treinar, então tem que fazer tal coisa”. E, aí, eu vou, me encanto com a Capoeira desse mestre, e vou treinar na Restinga, todo o sábado à tarde, muito legal a vivência. E ali era também um momento de rompimento, um novo momento desse grupo.

Eu me lembro da última reunião que eu participei, dei minhas sugestões, minha contribuição, e disse: “Vou me afastar um pouco, porque estou trabalhando muito na produção de um espetáculo que não tem patrocínio, a gente está bancando tudo do próprio bolso”.

Fiquei um tempo sem treinar, e, quando eu retorno, fico sabendo que está tendo uma roda no espaço que ficava perto da minha casa. Pedi licença, perguntei se eu podia cantar, sempre gostei de cantar por causa do teatro. Foi tudo numa boa, joguei e tal, e fui embora. Quando deu uma calmada, voltei a treinar, e não era mais o meu amigo que dava as aulas, mas o mestre novo fez cara feia pra mim. Perguntei a ele o que estava acontecendo, ele não respondeu. Veio um aluno e disse: “Tu não anda te comportando bem, tu te afastou, o mestre não gostou”. E eu digo: “Ele mandou recado pra mim? Por que o mestre não fala comigo?” Aluno: “Tu não tem que falar com ele, tu tem que falar com os alunos mais velhos, perguntar o que anda acontecendo”.

Se ele tem problema comigo ele tem que resolver comigo, não com os outros alunos. Fui e perguntei ao mestre: “O que eu te fiz? Eu devo alguma coisa?” E ele: “Tu te afastou”. “Eu avisei que ia me afastar”. “Ah, mas tu chega na roda e quer cantar”. Sim, qual é o problema de chegar na roda e querer cantar? Eu pedi permissão. Eu não cheguei de sola, fazendo um show. Eu cheguei no pé do berimbau e pedi licença, conforme o rito.

É um espaço onde não existe espaço para a liberdade de expressão e, sim, um modelo, tem que seguir aquele modelo, aquele perfil. E, para mim, perfil e modelo são no teatro, cada personagem é de um jeito. Eu sou do meu jeito, quer me aceitar que me aceite. Fui expulsa pela terceira vez.

Surgiu o convite, então, por parte de uma amiga: “Vamos fazer um grupo de Capoeira de mulheres?” Eu respondi: “Tá doida?” Na época, saiu o edital Capoeira Viva. Eu disse: “Olha aí A., uma oportunidade da gente montar um coletivo de mulheres”. Surgiu a ideia, em vez de fazer um grupo, vamos dar início a um coletivo de mulheres, no qual qualquer angoleira, independente de grupo, possa participar. Olha a nossa ousadia!

Fizemos uma berimbalada no centro da cidade, em um evento da Semana da Consciência Negra. Em 2007, pensamos em um nome para o coletivo, e surgiu Teresa de Benguela, esse nome tem história, e a gente começou a estudar a história de mulheres na Capoeira. A gente começou a elaborar um projeto, e, de início, eu propus o estudo de

mulheres que participavam da Capoeira ou africanas que fizeram parte da história do Brasil e que colaboraram com os quilombos.

Começamos a fazer ações voltadas para questões da mulher, participamos do Dia Internacional da Não Violência contra a mulher, o Dia Internacional da Mulher através da Secretaria da Mulher, no governo Rigotto; ações singelas, como simplesmente pegar o berimbau e ir tocar na Redenção, termos um espaço onde todas pudessem tocar, tirar dúvidas, conversar num clima tranquilo de igual pra igual, sem aquela pressão de ser a melhor, de ser o pupilo do mestre. Liberdade de novo! Eu estava propondo uma coisa que eu tive um tempo com a Elma, liberdade! Todo mundo era igual. A gente lutava contra uma coisa maior, que era a opressão do capitalismo, da sociedade. Tocar berimbau, cantar, ensinar umas às outras coisas bem simples e, além disso, dar apoio quando alguma de nós estivesse realizando algum trabalho.

Em fevereiro, uma amiga entra em contato e me convida para o evento Adão, Adão, cadê Salomé, eu aceitei e convidei as meninas do coletivo, achei que era propício, era um evento voltado para as mulheres. Acabei entrando no Africanamente, simpatizei com essa ideia. Fiquei alguns anos nesse grupo, colaborando com a história do evento, e, aos poucos, fui me desligando do Teresa de Benguela, que já estava com uma proposta muito política de uma das integrantes, e eu não queria entrar nesse jogo político, para mim, a questão da mulher na Capoeira era o mais importante e, não, articular politicamente, nem medir forças com ninguém.

O evento Adão, Adão era organizado pelas mulheres, e fazíamos as reuniões pensando o evento sem a participação dos homens. E, no ano que mais “bombou”, o evento começaram a cogitar a ideia de que os homens participassem. E, novamente, eu fui a única que não concordei com isso e me retirei das reuniões, porque, para mim, perdia a característica principal do evento.

Isso foi motivo para eu ser rechaçada, hostilizada a ponto de levar uma rasteira em uma roda de Capoeira que não era do nosso grupo, mas de alguém lá de dentro. Não foi bem uma rasteira, foi um pontapé na panturrilha de uma maneira muito estúpida. A única pessoa que prestou socorro foi uma mulher, a Mag.

Fui reclamar com a liderança do nosso grupo, e me foi colocada a questão do meu tempo de Capoeira, sendo que não foi respeitada nenhuma circunstância relativa ao fato de que o cara tinha 1,80 de altura. A liderança do grupo não estava presente e nem quis tomar conhecimento da questão. Eu entendi o recado, que era “saia!”, saia daqui com a sua ideologia, sua liberdade e seu posicionamento. Levei esse chute, torci meu

pé, perdi espetáculo, perdi dinheiro, e nem sequer o colega que me machucou ligou uma vez para saber como é que eu estava. Que família é essa que o irmão tá lá em cima de uma cama e o outro nem liga para saber.

Depois dali eu vi que tinha que dar um tempo da Capoeira. Todo esse movimento sobre a questão da mulher estava me dando essa resposta.

Eu pratico Capoeira desde 93, então, são vinte e três anos; teve alguns intervalos, mas é como dizem: a Capoeira nunca te deixa, e tu não deixa a Capoeira. E, de alguma forma, assim quando eu não estava treinando, eu levei a Capoeira para a minha arte, para a minha expressão artística. Eu entrei em um show para jogar Capoeira, em uma música, e acabei dançando outras músicas do show. A Capoeira me levou a uma *performance* poética de uma artista plástica que trabalha com terra. E, também, a Capoeira era a minha base.

Quando eu retornei da Bahia, que eu estava sem grupo, eu fiz a preparação física do elenco de uma peça teatral que eu participava, coreografei também uma cena de jogo de Capoeira entre dois atores.

A Capoeira, para mim, significa ancestralidade, uma mistura de culturas africanas que resultou numa coisa muito linda, a Capoeira Angola. É uma expressão de liberdade, rica em criação, porque não foi uma coisa assim pensada de uma forma didática, ela foi criada espontaneamente por uma necessidade do corpo.

Uma coisa que tem na Capoeira Angola é o contato com o chão, o *partner* mais fiel do ator é o chão, assim como é da Capoeira; algo semelhante entre duas coisas que eu sempre fiz: o Teatro e a Capoeira. Para mim, essa é a essência, porque a Regional é muito aérea, é muito em cima; e a Capoeira Angola, não, é ligada ao chão, aos ancestrais. Uma vez, eu assisti a um espetáculo boliviano que os atores ficavam escutando o chão, era muito parecido com Capoeira – a cosmovisão, eu associo a isso o quanto eu, como capoeirista, me descobri artista de rua.

Vários mestres foram artistas de rua porque tem essa ligação direta, isso que me chamou sempre na Capoeira Angola; mas o que me cansou foi a questão da formalidade que tentam colocar; no entanto, isso deveria se dar naturalmente. Claro que as pessoas demoram um pouco para entender, mas, tudo isso não precisa ser colocado do jeito que

é. Isso vai ser feito de forma orgânica. Com entendimento é muito mais produtivo para a Capoeira e para as pessoas, eu acho que não precisa ter toda essa formalidade.

A minha descoberta, como artista de rua, foi quando eu entrei em um grupo de teatro, em 97, e uma pessoa me disse: “Ah, tu é capoeirista? Quando abrir a caixa, eu quero que tu dê um mortal”. Eu não sabia dar mortal, eu dei um aú de costas. A Capoeira sempre foi meu passaporte para o teatro, foi todo o meu suporte.

A mulher na Capoeira, eu acho que representa tudo, e, ao mesmo tempo, é feito de tudo para não ser nada. Os capoeiristas dizem que a Capoeira é feminina, eles sabem disso, mas eles tentam abafar isso o tempo todo. Eu vejo tantas mulheres dizerem: meu mestre isso, meu mestre aquilo para serem aceitas em um grupo de Capoeira. A gente sabe que um grupo não se faz sozinho, a mulher precisa ter contato com outras pessoas, ser reconhecida na comunidade.

Sempre existiu mulher na Capoeira, mas isso não é divulgado, e pouco é mencionado. O que tanto falam, na Capoeira Angola: “Não é a força é a malícia”, até mesmo a ginga vem do nome de uma mulher.

Na época que eu estava na Descentralização, aconteciam dois eventos, o Forunzinho (evento para crianças) e a Semana Feminina de Capoeira. Era um evento dentro da Semana da Capoeira de Porto Alegre e tinha uma verba reservada. Eu, a C. e a D., a gente conseguiu se unir e elaborar um projeto bem simples para arrecadar esse dinheiro. Eu fui ao evento, e deu o maior quebra pau das mulheres porque eram de grupos diferentes e por causa dos mestres. Foi horrível.

Não havia uma discussão ideológica, a gente tentou puxar um bate-papo, mas não rendeu em nada, simplesmente, não queriam falar sobre isso. O que eu quero dizer é que houve várias tentativas de um entendimento sobre a importância da mulher na Capoeira, tanto que o poder público tinha uma verba reservada para a Semana Feminina de Capoeira, só que fazem de tudo, tanta força para que isso não aconteça, que, de certa forma, acabam conseguindo; a ponto dos capoeiristas dizerem que as mulheres querem ser que nem homem. As mulheres, às vezes, se expressam de uma forma agressiva, violenta, porque é uma maneira de conseguir abrir um espaço, uma lacuna nesse meio tão hostil para as mulheres. Isso é visto de uma maneira desconfiada, mesmo entre

aqueles que dizem defender e preservar a Capoeira, eles não se dão conta ou fazem de maneira pensada, mas não deixam que outras pessoas se apropriem da Capoeira.

Usam fotos de mulheres nos cartazes, foto de mulher nua, argumentando que é do Caribé. O cidadão pega a figura de uma mulher nua para discussão de mulher? É, no mínimo, a visão de que a mulher, o corpo dela, é um objeto de uso. Eles pensam numa forma de poder, propriedade deles. Os professores pensam que as alunas são propriedade deles.

Fazem de tudo para que a mulher não seja nada. Assim é na sociedade, nos meios de comunicação, mas, na Capoeira, isso é visto a olho nu. É papo para uma noite inteira. A Capoeira, ao mesmo tempo, é oprimida, foi considerada crime, porque ela traz essa coisa libertadora, revolucionária; é uma via de duas mãos - ao mesmo tempo em que liberta, tu pode estar livre, mas nem tanto.

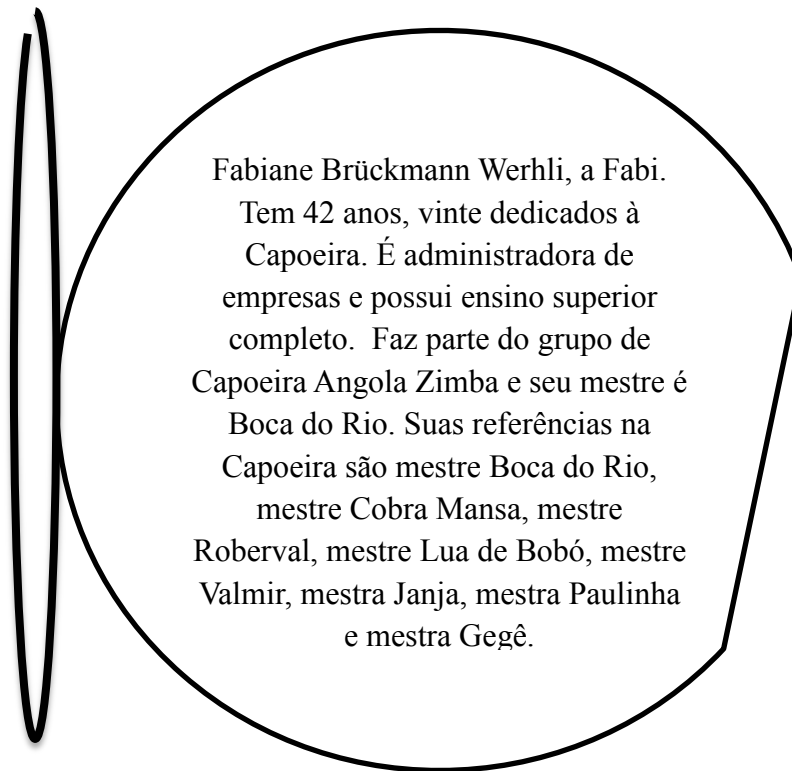
Dá para argumentar de várias formas que a mulher é tudo, mas ao mesmo tempo é nada, na Capoeira. Tem a lenda que o berimbau era o corpo de uma menina. Tudo que tu vai explicar da Capoeira é ligado à simbologia da mulher; e por que isso não é respeitado? Por que a mulher não é respeitada? É um medo que a sociedade tem.

E, por pensar desse jeito, eu não me encaixo em grupo nenhum – pode até ser um grupo feminista, não concordo com tantas regras e tantas hierarquias, elas existem, mas tem que se dar de forma natural, não por imposição. Quando eu ouvia alguns capoeiristas falarem: “Eu não sou de grupo nenhum, sou da Capoeira do mundo”, pra mim, soava meio estranho aquilo; eu não criticava, mas eu não entendia o porquê, porque na época eu vivia num grupo que presava pela liberdade.

Eu percebo que esse incômodo, essa opressão, não incomoda só as mulheres, nessa sociedade machista, não são só as mulheres que sofrem, os homens também e sofrem muito. Só que eles têm o papel de dizer que não sofrem. E tudo que eles sofrem, reproduzem com as mulheres; eles são cobrados o tempo todo para serem viris, machos. Acho que esse sofrimento é geral. O sofrimento e o anseio por liberdade, por uma Capoeira livre, de homens e mulheres livres, não é só das mulheres, é dos homens também.

Eu não nasci pra sofrer, batalhei muito para viver, não vou ficar sofrendo por causa da Capoeira. Eu sei que o mundo da Capoeira é muito grande, ao mesmo tempo, ele é micro quando tu tá num grupo de Capoeira; e ele é macro, no momento que tu sai e conhece outros grupos, outros mestres. Aí, sem, tu vê o quanto ele é grande e que tem,

sim, uns rebeldes acolhedores, que estão nesse mesmo movimento de rebeldia, de liberdade.



Fabiane Brückmann Werhli, a Fabi.
Tem 42 anos, vinte dedicados à
Capoeira. É administradora de
empresas e possui ensino superior
completo. Faz parte do grupo de
Capoeira Angola Zimba e seu mestre é
Boca do Rio. Suas referências na
Capoeira são mestre Boca do Rio,
mestre Cobra Mansa, mestre
Roberval, mestre Lua de Bobó, mestre
Valmir, mestra Janja, mestra Paulinha
e mestra Gegê.

“Nós, mulheres, temos que fazer, temos que mostrar na fala e na conduta que a gente sabe o que a gente tá fazendo” (Fabi).

Eu conheci a Capoeira Angola espontaneamente. Eu estava na beira da praia, com uma amiga, que já fazia Capoeira, e ela cantou uma ladainha. Eu fiquei ouvindo, e ela perguntou: “Tu quer que eu te mostre uns movimentos?” Benção, rabo-de-arraia, e, a partir daquele momento, eu me interessei; na mesma semana, eu procurei um grupo, o Cone Sul, do mestre Cerqueira. A partir dali, eu comecei a treinar, isso em março de 1995.

Treinei uns meses com o J., também, que era ainda da Capoeira Regional, e, depois, fui treinar com o G. P. e fiquei ali essa época, 97-98. Depois, passei um tempo morando em Florianópolis, sem treinar. Quando eu volto de lá, vou treinar novamente com o G. P.

Em 99, eu participo do 1º Fórum Gaúcho de Capoeira, que veio o mestre Augusto Januário, mestre Moraes e o filho do mestre Bimba. Eu participei de todo o fórum, e aquilo mexeu bastante comigo, principalmente as coisas que o mestre Moraes

falava relacionadas à Regional e a Capoeira Angola, que eu não conhecia até então. A minha amiga tinha me falado, mas eu não tinha contato, não sabia o que era Capoeira Angola, o que era Capoeira Regional, só que era Capoeira. E o mestre Moraes dizendo que aqui não existe Capoeira Regional, a Capoeira de Bimba; aí, eu comecei a pesquisar, e fez um nó na minha cabeça.

Eu sei dizer que ele fez uma oficina, durante o final de semana, na Usina do Gasômetro, e as pessoas tinham que enviar um currículo para serem aprovadas para essa oficina. Naquela época, eu era fominha por Capoeira, e, eu e o J., decidimos ir até lá para conhecer o mestre, conversar com ele. Quando a gente chegou e olhou a lista de pessoas que tinham sido aprovadas, pelo menos quarenta por cento não tinham comparecido. Eu falei para o rapaz que estava na portaria: “Se as pessoas não vieram a gente tem direito”. E ele: “Mas vocês não são professores”.

Tinha nós dois e mais algumas pessoas, todos desistiram; acho que a gente ficou uma hora ou duas ali parados, só sei dizer que chegou um momento que o cara não aguentava mais a gente ali e falou: “Tá! Entrem!”. Eram, tipo, umas onze da manhã, mas já estava rolando a oficina há bastante tempo. Eu lembro que a gente entrou, e todo mundo nos olhou, não conhecia quase ninguém. Lembro muito da mestra Elma lá porque fiz o treino com ela de dupla, e ela me deu uns toques, me ensinou, eu não sabia nada de Capoeira Angola, fazia Regional, então, tu imagina eu lá; ela me ensinou a fazer um rabo-de-arraia no dia. Isso ficou bem gravado na minha mente, e, quando o mestre Moraes começou a cantar, eu me apaixonei pela Capoeira Angola, naquele dia. Então, foi isso, ali, praticamente, foi o primeiro dia que eu conheci a Capoeira Angola mesmo, eu decidi: “É isso que eu quero pra mim”.

Eu lembro que fiz oficina todo o final de semana, lembro que eu saía das oficinas e ficava ouvindo o mestre falando, foi a primeira que eu ouvi falar na palavra ludicidade. E ele assim: “O que tá se perdendo na Capoeira Angola é a ludicidade”. Várias coisas que ele falou, na época, mexeram comigo, terminei aquela oficina, no final de semana, e, na segunda-feira, falei para o meu professor: “Não vou mais fazer Capoeira contigo”. Ele: “O que aconteceu?”, “Tu não tá me ensinando Regional, tu tá me enganando, tu não tá me ensinando a Capoeira de Bimba!”. Aquilo mexeu muito comigo, até hoje em dia eu me arrependo da forma como eu saí, assim meio de mal com ele. Às vezes, a gente se encontra e dá risada, mas, na hora, eu fiquei meio assim, fui dura demais.

Eu lembro que o J. passava em rodas e só tocava, eu também ia assim, mas fiquei distante da Capoeira, no geral, pensando o que eu ia fazer, que caminho seguir. Daí, resolvi procurar o R., como ele era amigo do Cerqueira, tinha sido do mesmo grupo. Eu fiz uma oficina com o Y, foi na mesma época, em 2000, se eu não me engano, aqui no Solta Mandinga. Quando eu vi aquele jogo, o cara dançava e jogava ao mesmo tempo, virava uma cobra, coisa mais linda do mundo, eu olhei aquilo e disse: “Ah, é essa Capoeira! Que Capoeira mais linda!”. Só que, daí, eu me aproximei de Y, fiz oficina e acabei ficando amiga do A e do resto do grupo. A gente começou a ficar amigos mesmo, e, depois que o mestre Y foi embora, eu passei a frequentar as rodas do Solta Mandinga. Comecei ir sempre nas rodas, só que eu treinava com o R., e o A chegou e disse: “Tá, Fabi, qual é a tua? Tu vai à minha casa, janta comigo, tu vem nas rodas aqui, porque tu não vem treinar no nosso grupo? Tu tem mais afinidade com a gente do que com ele”. E eu: “Boa pergunta, também não sei”. Eu não tinha parado pra pensar nisso, a coisa foi acontecendo naturalmente. Eu fiquei desempregada e decidi ir para Salvador passar um tempo, fui lá para buscar a Capoeira.

Em 2000, no mesmo ano que eu conheci o mestre Moraes, cheguei para o R. numa boa e falei: “Eu tô me identificando demais com a Capoeira do mestre Y, tô pensando em ir pra Salvador, dar um tempo por lá, pesquisando Capoeira, e não acho justo sair daqui sem te dizer nada, depois voltar, e dizer agora que eu conheci a Capoeira dele não quero mais, porque provavelmente é isso que vai acontecer”.

Eu já queria dizer na época que eu ia treinar com o A, aí eu usei esse argumento de ter que ir para Salvador pra sair do grupo. Porque, também, tem aquela coisa chata quando sai do grupo, tem aquela coisa de ter que dizer. E ele levou na boa: “Fabi, beleza, vai buscar teu caminho”.

Fiquei um mês em Porto Alegre treinando com o A, antes de ir para Salvador, em dezembro de 2000. Eu já tinha ido em julho do mesmo ano, fiquei, mais ou menos, um mês treinando com o mestre Y, nas férias do trabalho. Pensava que se a empresa me demitisse, iria morar em Salvador.

Eu estava com a ideia de procurar emprego, mas sabe aquela coisa de não acreditar na história, quando fui, já fiquei procurando trabalho por lá. Pensava: “Depois do carnaval, ali em início de março, vou voltar para minha terra e vou encarar lá de novo”. Só que aconteceu de eu fechar uma entrevista de emprego na Bahia, antes do carnaval, em um polo petroquímico. Fui selecionada, daí, liguei para os meus pais e falei: “Consegui o emprego da minha vida!”. Um emprego bom, o salário também,

parece que caiu do céu, e já estava treinando lá com o Zimba, em Salvador, já fazia uns dois meses.

Naquela época o grupo estava muito forte, a gente fez apresentações na Petrobrás, no Solar União, tinha uma orquestra linda de berimbaus na época. Passei um ano maravilhoso da minha vida. Fiquei treinando no Zimba, colada no mestre Y, João Pequeno, FICA, ABCA, só o GCAP que a gente não frequentava. Íamos à roda do mestre Lua Rasta, todas essas rodas tradicionais.

Eu fiquei trabalhando nessa empresa até dezembro de 2002, e decide voltar a morar no sul, mas vou para Santa Catarina, que meus pais e minha irmã estavam morando lá nesse tempo. Fico lá até 2003. Eu tive umas crises de depressão porque: imagina, tu ficar treinando direto, ia a todas as rodas de Capoeira em Salvador, e, de repente, vou para uma cidade que não tem Capoeira Angola. Eu ligava para o mestre e dizia: “Tô em depressão aqui, eu treino sozinha, mas quinze minutos parece que eu treinei duas horas”.

Lembro como se fosse hoje, tinha uma garagem que eu treinava sozinha, sentava, ficava olhando pras paredes: “eu não acredito no que eu tô fazendo aqui”. Aqueles arrependimentos que dá.

Enfim, daí o mestre me diz assim: “Fabi, pega umas pessoas que tu conhece, qualquer pessoa que queira aprender Capoeira, e tu ensina”. Eu disse: “Tá, mas eu não tenho condições de ensinar”. Ele: “Tu pode não ter condições de ensinar, mas, pelo menos, um rabo-de-arraia, o que tu aprendeu aqui, o básico, tu tem condições de ensinar. No momento que tu está ensinando, tu pratica junto”.

Comecei a dar aula, em Criciúma, no ano de 2003, fiz um evento “Quem nunca viu, venha ver Capoeira Angola, em Criciúma”, desse folder que te mostrei. Tinha que fazer tudo sozinha. Fiz a arte, fui conseguir gráfica para dar apoio, pedi ajuda para minha irmã com as passagens para o mestre, também consegui apoio de uma distribuidora de frutas, consegui também almoço e jantar. Saiu até nota no jornal local. Na época, não tinha *facebook*, a minha divulgação era ir aos lugares. Como eu vinha sempre para Porto Alegre, convidei todos os grupos de Capoeira daqui, lá em Criciúma, divulguei também para um pessoal que fazia Regional lá. Fui para Florianópolis, no Angoleiros, Sim, Sinhô, e tinha mais um grupo, se não me engano. Aquelas coisas de divulgar boca-a-boca, tinham os cartazes num lugar; sei dizer que, no dia do evento, não esperava que fossem tantas pessoas.

Em 2003, eu fiquei com um problema de saúde meio grave, tive que fazer quimioterapia; então, tive que me afastar um pouco da Capoeira, apesar de que não me afastava totalmente, porque continuava indo nas rodas, treinando, mesmo com problemas de saúde. Eu morava em Criciúma, mas, eu não estava bem lá, fiz uma terapia pessoal e decidi que ia morar de novo em Salvador.

Em junho ou julho de 2004, vou para Salvador, fico um tempo, depois, eu volto para o sul, para pegar minhas coisas, para ir de vez para Salvador, em meados de 2004. E vou procurar o mestre, eu tive uma relação com ele, fomos casados, naquela época de 2000 a 2002, tem que falar né? Volto e falo pra ele assim: “Tô voltando para Salvador, eu sei que a gente teve a nossa história, mas tu é meu mestre, não tenho com quem treinar, e aí, tu vai me aceitar aqui ou não?”. E ele: “Venha treinar!”.

Fui treinar com ele, foi maravilhoso para mim em termos de Capoeira, só que a gente ainda não tinha se resolvido, então, foi um período bom e ruim ao mesmo tempo, porque, ao mesmo tempo, em que a Capoeira era boa, a nossa relação não estava bem resolvida ainda. Nós não conseguíamos ter uma relação mestre-aluno que hoje nós temos, graças a Deus! Mas, na época, foi bem difícil.

Mesmo assim, eu tive lá firme e fui forte, continuei no grupo. Até que chegou um dia que, por causa da atual mulher dele e meu namorado na época, tivemos uma discussão boba, isso em início de 2006. E eu fiquei perdida, vou treinar Capoeira onde agora?

Fui treinar com um trenel formado por ele, em um condomínio, não tinha camisa de grupo, um pessoal meio alternativo, mas, pra mim, eu estava no Zimba ainda, mas não era com o mestre. Treinei lá bastante tempo até que teve um dia que o mestre chegou e disse que tinha tido um sonho, e, no sonho, ele foi avisado que eu estava treinando lá. “Não quero ela treinando contigo”, disse ele para o trenel. Tive que sair e fui treinar com o mestre Roberval, fiquei, mais ou menos, um ano, até ir embora de Salvador. Também era cobrada, só estava lá treinando, eu não conseguia fazer parte de outro grupo, porque, pra mim, eu ainda era Zimba, foi muito forte o que eu vivi lá, as amizades que tive, as vivências.

Em março de 2007, quando decidi voltar para o Rio Grande do Sul, vou atrás do trenel do Zimba, só que ele estava dando aulas no espaço do Zimba, segundas e quartas, e o Y dava aula terças e quintas. “Tô indo embora para o Rio grande do Sul, e, até eu ir

embora, eu quero treinar contigo, e, aí, tu vai me deixar treinar aqui? Escondida do mestre?” E ele: “Vem treinar. Se o Y chegar aí, eu me entendo com ele”.

Eu fiquei de março a junho treinando com ele, sem o Y saber, eu treinava em dois lugares, saía do Roberval e ia direto para o M. Eu era fominha por Capoeira, em Salvador, treinava todos os dias. Faltavam umas duas semanas para eu ir embora, isso era julho de 2007, aí o Y entra, e eu gelo: “O que eu faço? Paro? Sento? Caminho? Vou no banheiro? Ou continuo?”. Continuei treinando, baixei a cabeça, e ele entrou com uma cara assim, daí foi de boa. Chegou o final do treino e ele fala assim: “Eu estou sabendo que tu vai para Porto Alegre e acho que tu pode dar uma grande ajuda para o A lá, o Zimba de lá está precisando de gente pra ajudar, vai ser bom, eu acho que tu deve fazer isso”. E foi assim que eu voltei pro Zimba.

Voltei para Porto Alegre e ajudava o A puxar treino, ele era o trenel do grupo, o responsável. O A trabalhava em um banco e, às vezes, não sei por quais motivos, ele ligava pra mim às 18h, o treino era às 19h30: “Fabi, não vou poder ir hoje, puxa o treino pra mim?” Então, eu aprendi a puxar treino sem organizar, sem pensar no que eu ia dar, até porque convivi com o Y, e ele é assim.

No início, foi difícil, principalmente, pelo lado machista da história, porque naquela época eu senti um pouco. Apesar da pessoa não falar, tu sente, tu sabe: “Ah, mulher puxando treino”. Eu sentia os olhares. Até hoje rola um pouco isso. O que acontece é que os homens têm essa mania de acharem que, para fazer um bom treino de Capoeira, tem que fazer mil e um movimentos, tem que fazer macaco, isso e aquilo, acrobacias. Na Capoeira Angola antiga, nem existia essas acrobacias, eu sei que existe hoje em dia, mas tudo bem. Não pensam na parte de diálogo, de pergunta e resposta, na expressão corporal que eu aprendi com meu mestre.

Eu senti um pouco de preconceito, tipo: “Eu sei fazer tal movimento, a Fabi não”. Eu dava treino numa boa, mas não queria assumir nada. Sentia preconceito por parte de alguns alunos; dos líderes do grupo, pelo contrário, o A e o B vinham de outra história, outra vivência. Só que alguns homens que faziam aula, eu não sentia aquela coisa escancarada, mas tu sente. Teve um dia que eu estava puxando o treino, estava só eu de mulher, e os alunos estavam discutindo sobre futebol no meio do treino. Eu sempre fui muito assim, de não querer dar aqueles treinos que, às vezes, tem mestre que

fica gritando, sou calma, faço o movimento e tal, nunca fui de ficar pegando no pé das pessoas, elas tem que saber que estão ali pra treinar. Nesse dia, eu tive que me impor, desliguei o som e disse: “Vocês vieram aqui para treinar Capoeira ou falar de futebol? Que falta de respeito é essa?” Eu achava que eles não estavam nem aí pro meu treino. Aquele dia ficou bem marcado, porque eu fiquei chateada, nos outros dias, eu ia levando.

Quando o A se afastou, aquela história minha e do Y não estava resolvida completamente, ele foi para Espanha, em 2007, e, na mesma época, eu vim pra cá (Porto Alegre), a gente não teve tempo de tentar resgatar uma relação de amizade. Ele tinha total confiança no A, confiava no B, e em mim não. Aí, ele fala: “Não, a Fabi de jeito nenhum! Vai ter que ser o B, a Fabi não vai ficar responsável pelo grupo, ela pode ajudar, mas a pessoa que vai estar à frente do grupo é o B”. E foi o que aconteceu. O B ficou responsável oficialmente, só que não oficialmente dentro das paredes do grupo, eu puxava mais treino do que ele.

Ser mulher é difícil, por que tu não tem a mesma... como eu vou dizer...um respeito que um homem tem quando está à frente de um grupo. É sempre mais difícil. Até tu ser reconhecida, tu tens que caminhar muito mais. Pra ti ter ideia, agora, as pessoas, nesse ano, depois que eu recebi o título de trenel em Salvador, foi que as pessoas começaram a me enxergar como uma liderança dentro do grupo, porque até então, a Fabi era a ajudante que puxava treino. Eu ter recebido o título; na hora, eu fiquei muito assustada porque eu, mulher branca, na Bahia, recebendo o título. Gaúcha, branca, mulher, na terra deles, sendo reconhecida. Por um lado, eu fiquei pensando que isso é histórico. O fato de eu ter morado lá uns anos, ter vivido o Zimba em Salvador, foi intenso aquilo, me considero um pouco baiana, sempre digo que a minha segunda terra é a Bahia. Eu acho que esse reconhecimento aconteceu lá por conta disso.

Eu sabia que, ao mesmo tempo, era uma coisa boa, mas que a cobrança é muito grande, principalmente em Salvador. Quando é aluno, é só treinar, tu só pega a parte boa, treinando, tocando berimbau. Quando tu deixas de ser aluno, as pessoas acham que é bom, maravilhoso, eu não vejo assim. Ter um reconhecimento da comunidade é bom, mas, ao mesmo tempo, tem uma responsabilidade grande, que não é tão legal, tem que encarar e amadurecer meio que na marra.

Eu tenho uma coisa meio espiritual com a Capoeira, eu lembro quando eu comecei a treinar, eu já tinha essa coisa de chegar no pé do berimbau e pedir para os

meus guias ali para que nada de mau me acontecesse: Meu Pai Ogum está aqui ao meu redor e nada de mau vai me acontecer.

Eu acho que tu estar numa roda, está sempre exposto. Hoje em dia, é mais tranquilo, mas, no início, principalmente, eu tinha bastante essa coisa de pedir ajuda ali, ainda peço, mas, antes, eu era mais medrosa. Essa conexão que a gente tem com a africanidade do tambor, do berimbau, sou apaixonada pelo berimbau. Eu sou da umbanda também.

Eu acho que essa coisa da africanidade, do ritmo, da ancestralidade, que tem ali, aquele ritual, que tem uma ligação forte espiritual na roda de Capoeira, não tem a religião que nem dizem os mestres, mas tem uma conexão espiritual muito forte ali.

Se eu for falar o que a Capoeira Angola fez na minha vida, tu não tem noção, porque ela transformou completamente meu jeito de ser, de agir e de pensar o mundo. Por exemplo, eu nasci e me criei numa família racista e, hoje, eu tenho pavor quando eles falam. Já levantei da mesa, bati boca, me indispus por causa disso, porque a maioria dos meus amigos é negra, e eu amo eles de paixão.

Eu era uma pessoa fechada, eu não gostava de me expor em lugar nenhum, eu não falava em público, se eu tivesse que falar, eu ficava vermelha. Eu lembro que as primeiras vezes que eu entrei numa roda de Capoeira, eu tremia toda, e, durante muitos anos, eu fiquei nervosa. Eu rezava no pé do berimbau por conta disso, eu pedia ajuda para conseguir me expor, porque aquilo ali é uma exposição, estar no meio de uma roda, as pessoas olhando o que eu ia fazer, se eu ia errar ou não. Mas, eu gostava tanto da Capoeira que eu enfrentava, esse enfrentamento de ter que falar, ter que se expor, conviver com as pessoas que se conectam com essa arte, elas já têm uma coisa mais aflorada do que as outras, não só nessa arte, nas outras artes também, mas especificamente como eu faço parte, eu sinto isso.

Tem gente que está a vida inteira dentro dela e não sabe o que é ser Capoeira, um angoleiro, uma angoleira. Quer entrar na roda para bater, essas coisas que a gente sabe que acontece. Não tem educação, não sabe chegar numa roda, saber esperar o momento certo de tocar um berimbau, respeitar tanto faz se for uma mulher ou um homem. A gente sabe que, até hoje, acontece de ir às rodas e os homens sempre acharem que eles é que tocam, que eles tudo podem, eles, eles, eles.

Fui a uma roda aqui em Porto Alegre, e um pinta me tirou pra jogar, eu não vou citar nome para não ser deselegante, um cara da Regional, quis meter o pé na minha cara de qualquer jeito, para mostrar que ele era bom. Isso aconteceu comigo não faz

muito tempo, eu estava jogando com uma amiga e um contramestre da Regional atravessou a roda e mandou a minha amiga sair, e eu: “Como assim?”. Eu não estava entendendo. E ele: “Eu sou contramestre, na hora que eu quiser eu termino um jogo e entro para jogar, não é verdade?”. Perguntando ao dono da casa e esse não falou nem sim nem não.

As duas no pé do berimbau prontas para continuar o jogo, ele atravessou a roda, mandou ela sair e disse que era a vez dele jogar. Se o jogo tivesse acabado, mas, não, a gente foi para o pé do berimbau pra continuar o jogo. Ele entrou ali para me pegar, entendeu? Ele queria bater no meu rosto de qualquer jeito, um jogo horrível. Já passei muito por isso, de jogar com uns caras, e eles quererem tirar uma onda para cima de ti porque tu é mulher, querem ganhar de ti de forma bruta, não na Capoeira, na elegância.

Quando tu tá fazendo um jogo de Capoeira, tu está construindo um diálogo, é um jogo de pergunta e resposta. Já cansei de levar rasteira linda, de eu dar risada, cair, porque é dentro do jogo. Agora, tu levar uma chapa³¹, de qualquer jeito, em qualquer lugar e de qualquer forma, até pode acontecer uma chapa dentro do jogo, agora vir a pessoa naquela insistência, naquela arrogância, isso é muito desconfortável. A mulher sofre muito isso, mais do que o homem. Outras coisas parecidas já aconteceram, de não conseguir pegar um berimbau na roda.

Aquele dia ficou marcado por que eu percebi o quanto estavam sendo machistas, não só o cara que tentou me bater, mas o contramestre dono da casa também, ele não soube se posicionar pela política da boa vizinhança. Para o capoeirista fazer a coisa certa, ele tem que se posicionar, passar por chato. Se tu deixa no oba-oba, que tudo pode, tu perde referência, história, tu perde a tua identidade.

A gente sabe que, quando está à frente de um grupo, por ser mulher, tu vai ser muito testada e não vai ter esse respeito, vão chegar e vão querer bater de frente. Nós, mulheres, temos que fazer, temos que mostrar na fala e na conduta que a gente sabe o que a gente está fazendo. Tu ganha umas parcerias e perde outras, por que a Capoeira é uma tradição, é muito complexa, tem coisas que são detalhes, que se deixar passar, quando tu vê, vira outra coisa. A roda é um ritual que tem que ser respeitado, e tem que respeitar a pessoa que está no gunga³². As pessoas vão às rodas, aí tem uma mulher no

³¹ Movimento direto aplicado com a sola do pé.

³² Berimbau que possui o som mais grave é tocado pela pessoa mais antiga na Capoeira ou aquela que está comandando a roda.

gunga, e não respeitam porque é mulher. Vai respeitar porque eu tô no gunga, é minha casa e aqui é assim. Tem umas inimizades, mas faz parte.

Tu tens que te permitir que as pessoas te conheçam para que elas te respeitem, e isso não acontece de um dia pro outro. É importante ser bem recebida, independente de ser mulher ou homem. Eu quero chegar numa roda e não quero que me vejam a figura feminina, quero que me vejam como uma pessoa que está entrando pra jogar, pra cantar e pra tocar.

O dia que acontecer das pessoas terem essa mentalidade, que somos capoeiristas, somos angoleiros e angoleiras, e o que importa é a energia que tu está passando pra roda, o que importa é a tua forma de jogar, de cantar, e que a tua pessoa que está ali compondo a roda, está somando. Quando as pessoas passarem a te enxergar como um ser humano, não porque é mulher ou homem, aí a coisa vai crescer. Senão, não vai crescer, e vai ficar sempre aquela coisa de que a mulher não tem capacidade igual aos homens, que no fundo a gente sabe que eles sempre pensam. Deles não darem berimbau porque é mulher, é feio demais. Vamos reconhecer a pessoa pelo que ela é, pela caminhada dela.

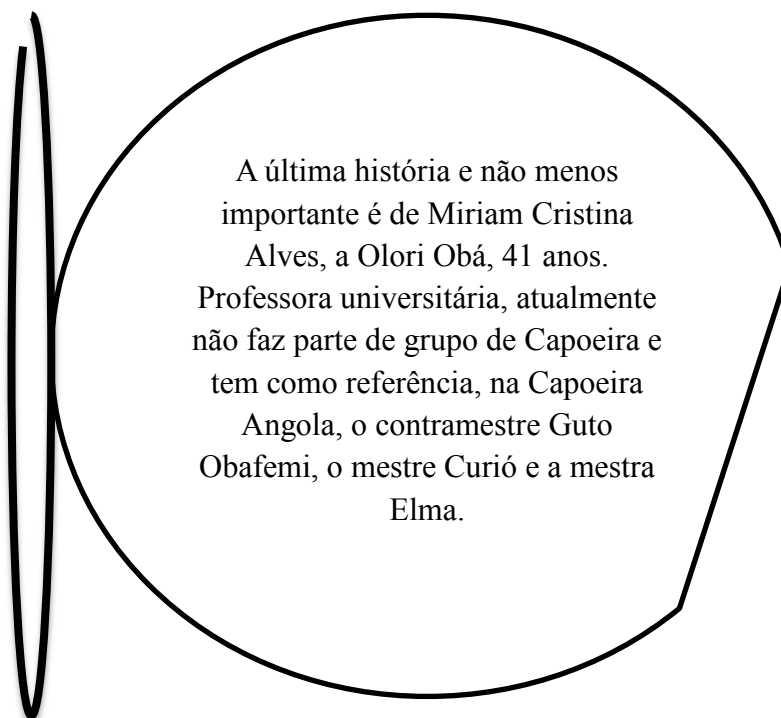
Uma palavra que eu uso bastante é resistência, porque a gente é testada mil vezes mais do que os homens. Começa pela força braçal, os músculos que a gente não tem. Muitos homens já disseram, na minha caminhada: “Fabi, a tua Capoeira é a tua Capoeira, têm coisas que tu faz que eles não fazem, a mandinga que tu tem, e eles podem querer fazer igual a vida inteira e não vão conseguir, porque eles não têm isso dentro deles”. Então, eu vejo isso como uma resistência e um diferencial, a mulher traz outro *plus* para a Capoeira que o homem não tem, uma energia diferente. A forma de a mulher cantar, adoro escutar uma mulher cantando, a gente quase não ouve nas rodas. A gente fica sempre para trás, esperando que a oportunidade seja dada.

A Capoeira tem delicadeza, mas as pessoas levam muito a Capoeira Angola pro pau, pra luta, essa coisa de confrontamento; no entanto, ela tem outra ligação, e a mulher busca essa ligação, que é jogar com o outro, na mandinga, na malícia.

Nesses últimos tempos, eu tenho visto as meninas se engajando em treinar, cantar, eu fico toda orgulhosa, porque me entristece um pouco, na Capoeira, é o fato das mulheres sempre se afastarem. Daí, eu me lembrei da minha história, e foi ao contrário eu sempre quis ficar. Algumas, eu me lembro pela caminhada delas, mas a grande maioria desiste por causa do parceiro ou por causa da família, eu sei que tem a questão de ter filho e tal. A mulher tem direito de ser feliz, tem direito de fazer aquilo que ela

gosta e sempre abre mão da vida delas em função da família, os homens não fazem isso. Por que sempre a mulher tem que sair da Capoeira? Eu fico sem entender, se é uma coincidência achar que na vida delas não precisam mais da Capoeira ou se pelo fato de ser um mundo machista aí se afasta ou se pelo fato delas terem uma convivência familiar machista.

A gente sabe que o homem vai querer abafar a mulher, eu acho que essa coisa que a sociedade impõe para a mulher, dela ter que ser super mulher, tem que trabalhar na rua, tem que cuidar da casa, tem que cuidar de filho, tem que fazer tudo, decidir as coisas e ainda fazer a Capoeira, é muito pesado. A sociedade influi para que a mulher se afaste da Capoeira, não é a Capoeira que faz com a mulher se afaste.



“O nosso corpo, a nossa expressão, também é uma verdade que precisa estar colocada ali em diálogo, por isso a resistência permanente” (Olori Obá).

Para eu poder falar de como é que se abriu a Capoeira Angola na minha vida, eu também tenho que falar um pouquinho da minha vivência na Capoeira Regional, para poder, inclusive, entender a passagem de uma para a outra.

Na verdade, eu tive contato com a Capoeira em 2001, quando eu trabalhava, acho que era no governo Olívio, e fazia residência em saúde mental. Tinha um programa Verão com Vida do governo que eram atividades de veraneio no litoral gaúcho. Eles contratavam profissionais, pessoas para trabalhar com atividade física na praia. E eu estava no segundo ano da residência, eu acho que muito cansada, e resolvi ir dar aula de ginástica na praia. Um das colegas da faculdade me chamaram: “A gente tá indo pra praia dar aula, quer ir junto?”. Então eu aproveitei as minhas férias da residência para ir pra praia dar aulas de ginástica. Na minha equipe, tinha um capoeirista que dava aula de Capoeira, então eu comecei a fazer aula com ele. Eu dava aula de ginástica, e ele me dava aula de Capoeira na praia, foi assim que eu comecei.

Acabou o veraneio, resolvi procurar Capoeira em Porto Alegre, cheguei a fazer uns treinos com o F, mas ele dava aula na zona sul, e eu moro na zona norte; enfim, era muito distante e tal, e tinha mais a residência. Era muita coisa.

Eu ia passear nos finais de semana no Brique e acabei conhecendo o G. P., que fazia capoeira ali na Redenção. Eu comecei a treinar com ele, aqueles treinos malucos, eu fazia tudo aquilo. E eu já tocava berimbau e treinava bastante, só que aquilo começou a me incomodar, a Capoeira, a forma de treino, enfim, a esportivização e tal. Eu também não sabia muito bem o que era, mas eu sabia que tinha alguma coisa que me incomodava.

E, nisso, eu indo para o Brique nos finais de semana, eu conheci a Capoeira Angola, vi uma roda, aí deu! Me encantei. É isso que falta, é isso que eu quero. Eu percebi a expressão, os valores civilizatórios da matriz africana ali colocados. Várias pessoas ali, antigas, participando da roda, e eu olhando, só observando, não entrava naquela roda. Procurei o R. na academia dele, só que eu percebi que ele meio que quis me explorar. Eu não queria de graça, eu ia pagar, mas tem um limite. Eu sei que tem que manter o espaço, mas, de repente, ele identificou que eu teria possibilidade de pagar, aí achei que ele meio que abusou assim, na forma de me cobrar, de trabalhar aquilo comigo, não fui mais.

Comecei a experimentar aqui e ali, mas continuava fazia um treino ou outro com o G. P., no entanto, eu não encontrava um grupo local que me encantasse, como eu me encantei com aquela roda, naquele dia. Uma roda muito marcante pra mim, e eu queria encontrar um espaço que potencializasse esse encantamento.

O G. P. era meu amigo e tal, eu continuei treinando com ele, mas, na perspectiva de encontrar outra Capoeira. Treinei com ele bastante tempo, levei a Capoeira para a residência. Eu provoquei o F. e o G. P. a trabalharem Capoeira com os moradores do São Pedro³³ com os quais eu trabalhava, porque eu não tinha possibilidade de dar aula de Capoeira, não tinha essa qualificação. Eu comecei a trabalhar com oficinas de Capoeira e eles iam e me davam esse suporte.

Eu comecei a desenvolver oficinas de Capoeira no São Pedro e, aí, depois, na Vila São Pedro, que tinha um trabalho de aproximação das duas comunidades por causa dos residenciais terapêuticos. Eu tenho uma foto lá, o G. fazendo uma roda no meio da Vila com a criançada e tal, tinha a ver com esse projeto, isso foi todo o ano 2001.

³³ Hospital Psiquiátrico

Somente em 2006, quando eu encontro uma formação que um professor estava organizando, encontro a Pedagogia do Axé. Começo, então, a procurar alguns elementos da tradição de matriz africana em vários grupos, e a buscar esse conhecimento, essa formação. Eu fazia terapia de grupo, oficinas terapêuticas, e, trabalhando com aquelas oficinas, comecei a me dar conta que a musicalidade da Capoeira mobilizava os pacientes, os usuários do SUS da saúde mental; mas, eu também não entendia muito bem o porquê.

Eu sempre fui alguém que acompanhou a tradição de matriz africana por causa da minha avó, mas não fui iniciada cedo. Tinha alguns fragmentos ali que eu precisava tentar conectá-los novamente. E, aí, nisso, eu encontro essa formação chamada Pedagogia do Axé, um dos organizadores era do Africanamente, e foi aí que eu conheci o X, em 2005. Essa formação se estende para 2006. Eu passo a contribuir com a ONG, não a escola de Capoeira, num sentido mais amplo, com as atividades de educação que ali existiam, e me aproximo então da Escola de Capoeira Angola do Africanamente.

O X estava num processo de retomada da Capoeira dele, buscando um local, então, eu o acompanho, ajudo todo esse processo de aluguel lá daquele espaço que vocês conheceram. Em toda aquela construção, eu estava junto. Aí, eu comecei a treinar a Capoeira Angola propriamente dita. E vou para Salvador para conhecer melhor a Capoeira, é quando eu conheço também o mestre Curió e a mestra Jararaca...

Foi uma necessidade de encontrar elementos que se identificassem com essa matriz civilizatória que até então era muito frágil, assim, na minha construção identitária, e, aí, a Capoeira vai ajudar nesse sentido. A Capoeira Angola vai junto também com a minha iniciação na tradição de matriz africana, as duas, elas vão reorganizar, reestruturar meu processo de subjetivação, da minha identidade, assim de existência enquanto mulher negra, enquanto mulher negra capoeirista, enquanto mulher negra na tradição de matriz africana iniciada nessa tradição. Então, tá tudo junto, não tá separado. A Capoeira era mais um elemento, e, ainda, mais um elemento que me constitui enquanto sujeito que tem uma ancestralidade, que veio desse continente, que veio de todas essas pessoas que sofreram vários processos.

Hoje, eu tenho muita nitidez de tudo que isso representa pra mim, mas, naquela época, não; eu estava tentando encontrar elementos. Tu imaginas, depois de 2001 até 2005, tentando encontrar isso. E, em 2005, foi a partir do Africanamente, que eu encontrei. Acaba que minha referência de Capoeira Angola inicia a partir do Africanamente, da Capoeira que o X me ensinou.

Obviamente, que a luta, a militância dentro disso, eu sempre tive. Eu também levo essa militância para a Capoeira Angola. A gente faz então o “Adão, Adão, cadê Salomé, Adão”, em março de 2007, daí, eu começo a questionar: e as mulheres da Capoeira Angola? E o X me diz: “Tem a Ale, tem a Vivi...”, aí ele vai nominando várias meninas. Então, vamos chamar essas meninas para começar a fortalecer essa Capoeira. Por outro lado, ao mesmo tempo em que tinha essa perspectiva militante intelectual de pensar a Capoeira, eu também treinava muito porque, a partir da prática, eu também queria desenvolver a corporeidade da Capoeira Angola. Essa foi uma fase, um período, inclusive, lá mesmo no Africanamente, a gente vai desenvolver alguns projetos, a partir do Capoeira Viva, e, aí, a Capoeira passa a ter um outro sentido de reorientação pra mim.

Todo lugar que eu vou, tem Capoeira hoje; qualquer coisa que eu faço, a Capoeira vai aparecer, por exemplo, quando eu retorno para o trabalho na escola, foi no ano passado, a Capoeira estava lá. Eu dava aula de Capoeira Angola para os alunos; então, ela sempre aparece. Agora, na universidade, na prática, ela ainda não apareceu, mas os elementos estão ali colocados. São os elementos dessa matriz que eu procuro colocar vivos no meu cotidiano.

A gente tem trabalhado com um conceito a partir da perspectiva afro-centrada, das quais são esses elementos civilizatórios invariantes que estão presentes em várias manifestações culturais da tradição africana no Brasil. Assim como o batuque é um deles, a Capoeira também é uma delas, e, para mim, eles são muito associados, são elementos de um mesmo complexo civilizatório. Eu trabalho nesse sentido, e, mesmo na Educação, eu fazia isso, e, ao mesmo tempo, no processo terapêutico eu fazia isso, claro que são enfoques diferentes, trabalhos diferentes.

Eu lembrei que meu primeiro questionamento sobre Capoeira, antes do Adão Adão, foi na graduação em Educação Física, eu me lembrei de duas cenas que eu questionava a esportivização da Capoeira e da dança afro. Eu lembro que entrevistei o professor Anchieta e o R., então, ali foi meu primeiro diálogo sobre alguns questionamentos, sobre que Capoeira é essa que estava sendo produzida e com elementos muito fortes do capitalismo, por exemplo.

Em 2008, eu engravidado, e, ali, eu tive problemas, como ter que fazer repouso parar de treinar e não podia fazer atividades muito intensas. Eu posso dizer, sim, a gravidez acabou me afastando, o que era um pouco das discussões que a gente fazia. Como é que é isso? Eu acabei vivenciando.

A Capoeira continuou comigo a partir do Projeto Ori Inú Erê, que era o projeto que a gente fazia no terreiro, lembra? A prática, o pensar a Capoeira, eu também comecei a dar aula de Capoeira a partir do projeto Ori Inú Erê. Então, quando eu ganho a Joana, a minha relação mais orgânica vai ser a partir do projeto mesmo e de alguns momentos que eu vou contribuindo com atividades do grupo e tal, mas, questões mais pontuais. E a vida vai nos levando pra outros caminhos, né? É mestrado, é doutorado, são várias questões que a gente vai desenvolvendo e que, para nós mulheres, têm algumas coisas que acabam ficando sempre em segundo plano, e a Capoeira foi uma delas. Primeiro, porque eu engravidei, aí, eu não podia praticar, e, depois, eu não conseguia retomar, tanto que até hoje treino, treino... Várias tentativas eu fiz, mas eu não consegui porque a gente vai assumindo vários compromissos, outras responsabilidades, como mãe, como trabalhadora, um conjunto de coisas.

Quando tu constitui família, tem filho, como é que vai ficar a noite inteira fazendo Capoeira? Essa era uma das pautas que a gente discutia lá no Adão, Adão, e eu lembro que os meninos tinham muita dificuldade de entender isso, devem ter ainda.

Acho que a questão que está colocada para nós mulheres – a sociedade acaba nos levando a colocar algumas coisas em segundo plano, tendo em vista todas as exigências que são colocadas pra nós. Quer dizer, a gente tem que ser supermulheres, supercapoeiristas. É algo que acaba sendo meio que impossível, né? E, aí, tem vários tipos de cobranças, porque tu tem que ser supercapoeirista. Isso não teve mais sentido pra mim, ser supercapoeirista deixou de ter sentido.

A Capoeira, ela se constituiu como um elemento que faz sentido não pela prática em si, mas por tudo que ela representa pra mim. Por isso que ela fazia sentido a partir do projeto que eu consegui educar a partir da Capoeira, conseguia dialogar com aquelas crianças a partir da Capoeira, seja pelo movimento, seja pelas histórias, seja por todo o contexto que ela carrega. E, aí, foi isso que eu acabei levando. O que eu tenho de Capoeira tem a ver com isso que a gente pode chamar de uma essência, a gente pode chamar de valores, valores civilizatórios de matriz africana. Isso, pra mim, hoje, se constitui como mais importante da Capoeira Angola.

Eu lembro que, mesmo na escola pública, uma coisa é tu estar num projeto que todas as crianças estão a fim de estar ali fazendo, mas, mesmo quando eu estava na escola pública, eram esses valores da Capoeira Angola que me subsidiavam num processo de educação daquelas crianças. Eu passei a entender ali e olhando lá para

aquela formação Pedagogia do Axé o quanto a Capoeira tinha uma pedagogia do axé, ou seja, a força vital ali colocada. E era em cima disso que eu trabalhava com eles.

Para mim, um elemento fundamental é saber tocar os instrumentos, saber cantar, sem isso não tem Capoeira Angola. E é a mesma coisa num batuque, se eu não sei cantar, se eu não sei tocar, se eu não sei dançar, não tem batuque, são elementos que sozinhos eles não fazem sentido.

Trabalhando com crianças esses valores do canto, do toque, do compartilhamento, da coletividade que eu aprendi na Capoeira. E, quando os pais viram as crianças tocando pandeiro, cantando, perceberam o quanto aquilo ali era organizador.

Eu entendo que a Capoeira tem elementos fundamentais que contribuem para o processo educativo, a gente só não sabe lidar com eles, a gente usa aquilo que é mais superficial, os elementos da movimentação corporal, mas, isso é só um elemento que é o bonito, que é a plasticidade, isso é apenas um elemento. A Capoeira Angola me ensinou isso, que era o que, para mim, faltava quando eu fazia Capoeira Regional, era muito movimento, eu era muito boa naqueles movimentos, mas era só aquilo. Assim como eu precisei me iniciar na tradição de matriz africana, eu também precisei me iniciar na Capoeira Angola.

Eu tive numa roda em Alegrete e aí toquei, cantei, só não joguei porque eu estava de vestido, e, aí, um menino: “Tu é angoleira?”. Eu disse: “Sou”. Mas era uma roda de Regional, por que ele identificou? Pela forma como eu cantei, pela forma como eu toquei, só pode ter sido por isso; porque ele não me viu jogar. Ele não viu o meu corpo em si, mas ele viu outros elementos. “Tu é capoeirista?” Eu digo que sou. Não estou treinando, mas eu sou capoeirista.

Porque eu me iniciei? Eu considero, entendo, sinto e percebo da minha formação Olori que meu nome também tem a ver com isso; tem a ver com o meu processo iniciático na Capoeira Angola, assim como eu me iniciei no batuque. E esses dois elementos são constitutivos hoje dessa pessoa que tu chama Olori Obá.

Eu lembro situações, principalmente no início, quando a gente não domina muito bem o corpo, o movimento sai. Teve um menino, que eu bati nele, mas, foi mesmo sem querer, e, aí, ele veio com violência. Aquela coisa do macho de mostrar. Acho que todas nós passamos por isso ou situações de machismo, mesmo dentro desse contexto. A

gente tá numa sociedade estruturada pelo machismo, não tem como ele não atravessar a Capoeira e a Capoeira Angola. Acho que meu professor também trouxe muitos elementos machistas e muitas dificuldades em perceber e identificar isso.

Eu acho que essa truculência, vamos dizer assim, dos meninos em relação às meninas no jogo da Capoeira, eu lembro que sempre estava muito presente, e, quando a gente questionava era mal entendido. Eu sou uma pessoa grande, sempre tive força, e acabou que eu também sempre joguei pesado com os guris, no sentido de que eu não tava nem aí se tivesse que chutar a cara de um, mas, aí, eles me chutavam também. Isso é verdade, tanto que com algumas meninas, às vezes, eu cuidava para não machucá-las.

Assim como eu fui criando estratégias contra o racismo, fui criando estratégias para o enfrentamento do machismo também. Pensando aqui contigo, talvez uma delas que eu tenha construído foi essa de não ter medo de jogar com os guris, que mesmo com medo, eu ia lá e jogava, e se tivesse que bater, eu ia bater, mesmo que eu tivesse que apanhar. No geral, eles eram mais fortes do que nós, mesmo eu sendo pesadona, grande. Eles acabam sendo mais fortes do que nós. Talvez essa tenha sido uma estratégia de resistência que eu acabei construindo para me colocar, para impor também minha corporeidade num jogo, por exemplo; porque eu sei que intelectualmente eu ganhava. Se eu tivesse que fazer um debate, eu sabia que ia ganhar, mas, eu também tinha que ganhar no jogo, entende? E isso tem a ver com a violência sofrida, porque é uma forma de tu resistir, então, tu vai para o enfrentamento, tu vai para a batalha, para o *front*.

Sobre acolhimento, acho que não teve uma roda de Capoeira Angola, um grupo, que eu tenha visitado que eu não tenha sido bem acolhida. Esse sentimento de continuidade um do outro, compreender que mesmo eu fazendo parte de um grupo aqui, é Capoeira Angola, que tem elementos que a gente se identifica; isso sempre foi muito presente.

Eu lembro que eu passei um tempo no Rio de Janeiro, fiz uns treinos e não me lembro do nome do professor, mas eu lembro que ele trazia alguns elementos um pouco diferentes da Capoeira que eu fazia aqui em relação à movimentação corporal. O quanto a minha Capoeira estava influenciando as meninas de lá, essa troca, assim, acho que isso é positivo. Onde tiver Capoeira Angola, a gente chega, mesmo que, às vezes, existam alguns conflitos, atritos; o acolhimento acho que faz parte dessa dinâmica, eu sempre me senti acolhida dentro desse espaço.

Eu posso dizer um espaço que eu não fui acolhida, foi em Salvador, na academia do mestre Bimba. Fui assediada, era outra lógica, era um comércio, questão de valor

mesmo. Quando eu visitei o mestre Curió, eu fui acolhida, fui bem recebida, conversamos e joguei. O acolhimento estava ou não estava presente, mas, em geral, na Capoeira Angola, eu sempre me senti muito bem acolhida, e, principalmente, pelas mulheres.

A mulher representa a manutenção e a resistência dos elementos fundamentais da matriz africana, mas, principalmente, do lugar da mulher. A nossa resistência, a nossa presença, a nossa persistência representam a manutenção ou a tentativa de reestruturação ou resgate dessa presença fundamental da mulher na Capoeira; a Capoeira pensada enquanto um elemento dessa matriz, desse complexo civilizatório. Uma vez que as mulheres sempre tiveram papel fundamental nessa matriz civilizatória, não pode ser diferente na Capoeira, porque ela é da mesma matriz. Então, onde é que se perdeu? Em algum momento se perdeu. E, enquanto eu resisto, tu resistes, a mestra Janja resiste, as mulheres estão aqui, fazendo parte desse complexo, por mais que hoje ainda seja um universo majoritariamente dos homens, de um poder hegemônico masculino, diferentemente das tradições religiosas de matriz africana, onde o poder ainda é muito forte da mulher.

Na Capoeira Angola, eu acho que a gente perdeu um pouco isso, acho que nós representamos esse resistir de mostrar que as mulheres também são importantes nesse lugar, com corporeidades distintas; enfim, com outra forma de se expressar – mas, ela faz parte desse universo, não tem como, ele é complementar. Essa complementariedade é do masculino e feminino, sem pensar homem e mulher, mas masculino e feminino mesmo. Tanto que, por exemplo, todos nós somos constituídos de dois orixás, um masculino e um feminino, sempre. Eu nunca vou ter dois orixás masculinos ou dois femininos. Isso tem que dizer alguma coisa, que o masculino e feminino são complementares e diferentes, mas complementares. A gente faz movimentos de querer medir forças iguais, eu já passei por isso, hoje, eu não faria mais, faria de outra forma, outras estratégias. Mas eu entendo que as mulheres buscam resistir nessa perspectiva desse matriarcado que foi um pouco esquecido na Capoeira Angola, na Capoeira de um modo geral. Eu acho que nós somos símbolos dessa resistência, dessa matriz.

Imagina o que é um jogo de uma mulher, da sua plasticidade do corpo feminino com o homem brutalizado e querendo agredir, isso não faz sentido. O homem pode, com a plasticidade do corpo masculino, interagir, de uma forma complementar, aos movimentos e não querer submeter o outro à sua corporeidade, esse que é o problema.

Esse valor não é nosso, esse valor é ocidental, cristão, eurocêntrico. E a gente resiste, a nossa corporeidade resiste a isso.

Por isso, a nossa presença é fundamental por que senão a hegemonia desse corpo masculino brutalizado vai ser a única verdade, e não é! O nosso corpo, a nossa expressão, também é uma verdade que precisa estar colocada ali em diálogo, por isso, a resistência permanente.

3. ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS: O QUE NOS PASSA, O QUE NOS ACONTECE, O QUE NOS TOCA

As memórias compiladas anteriormente demonstram, em última análise, o protagonismo e a potência da presença feminina nos espaços da Capoeira. A capoeirista, destacadamente, no espaço porto-alegrense, expressa muita coragem, prova que seu jogo nunca termina, recomeça diariamente. A arte da Capoeira pode ser a “arma” das mulheres, não somente como defesa física, mas como estratégia diante das opressões vividas cotidianamente; como a objetificação dos corpos femininos, os abusos e desqualificações dentro e fora das rodas de Capoeira.

Essas seis mulheres fazem considerar-se politicamente os efeitos de seu empoderamento através dessa prática cultural. Igualmente, a finalidade desta dissertação é dar visibilidade ao que poderia estar destinado ao silêncio e ao esquecimento, valorizando suas contribuições na/para Capoeira Angola, reconhecendo-as dentro desse universo como capoeiristas e lideranças ativas nesse movimento.

Embora a Capoeira seja uma prática associada ao universo masculino, é a história de uma arte popular tomando novos rumos, incluindo experiências, redefinindo e alargando as noções históricas tradicionais. As mulheres foram excluídas, não da Capoeira, mas das narrativas sobre Capoeira. “Da história, muitas vezes a mulher é excluída. É-o primeiramente ao nível do relato [...]” (PERROT, 1998, p.185). Os testemunhos, em geral, são masculinos, por isso, fazer o registro da presença feminina é uma tentativa de “democratização da memória” (SALVATICI, 2005) da Capoeira Angola em Porto Alegre.

Para Joan Scott

[...] inscrever as mulheres na história implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva quanto as atividades públicas e políticas. (SCOTT, 1989, p. 75)

As pesquisas existentes mostram a participação das mulheres na Capoeira; no entanto, não há muitos registros historiográficos da sua presença no passado. As experiências narradas por essas capoeiristas, na história da Capoeira Angola, são apenas

fragmentos da história, experiências que foram reavivadas a partir de relatos de memórias, envolvidas por sentimentos conflitantes; contudo, trazem, em si, superação, resistência, formas diferentes de aprender a lidar com as adversidades.

Capoeira em Perspectiva Histórica

A Capoeira é reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), tornando-se um exemplo das possibilidades de permanências de determinadas práticas culturais em processos mais longos de duração, capazes de criar conexões entre presente e passado.

A memória coletiva e a oralidade são as principais fontes para a historicização da Capoeira no Brasil, o que significa dizer que os elos com o passado foram sendo construídos, elaborados e transmitidos de geração em geração, criando continuidades e rupturas em práticas culturais pouco registradas na forma escrita. As trajetórias das práticas da Capoeira foram criando caminhos insuspeitáveis, em geral, cercados de narrativas carregadas por mistérios, segredos, mitos, mestres, personagens emblemáticos e discursos conflitantes. Trata-se de memórias narradas, individualmente ou coletivamente, movidas por descontinuidades e seleções que afetam as lembranças e explicações relativas ao passado (ALBERTI, 2004).

A Capoeira no Brasil possui relações com práticas culturais e religiosas, experimentadas no continente africano, antes e durante a diáspora negra realizada em virtude do comércio escravista transatlântico; porém, o detalhamento desse processo de trocas iniciado com a escravização é ainda tema inconcluso. Segundo o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional),

a dificuldade em estabelecer as origens da capoeira nos aspectos geográficos, culturais e etimológicos pode ser explicada devido a sua diversidade. Manifestações intimamente ligadas às culturas locais ganharam contornos específicos de acordo com os contextos em que se desenvolveram. A capoeira, dessa forma, é reconhecida como fenômeno cultural urbano, cuja história permeia o passado e o presente. (IPHAN, 2007, p. 12).

No continente africano, não se tem registros da Capoeira propriamente dita, entretanto, é possível reconhecer algumas manifestações semelhantes, como por exemplo, a Ladja da Martinica³⁴ ou o N'golo³⁵ do sul da África. No Brasil, a Capoeira desenvolveu-se nos centros urbanos, principalmente, em cidades portuárias.

No período Imperial, a Capoeira era considerada uma contravenção; os negros cativos eram penalizados com chibatadas e os libertos eram enviados para o serviço militar forçadamente. Ainda, nesse período, existiram as maltas de Capoeira, que eram grupos conhecidos e temidos pela maioria da população. Pesquisas apontam (LEAL, 2008), (OLIVEIRA; LEAL, 2009) sobre a incidência de Capoeira em outros Estados do país como Pará e Pernambuco, desviando um pouco das principais referências como Rio de Janeiro e Bahia.

Com o fim da escravização, a Capoeira é inserida no Código Penal em 1890. A partir de então, os praticantes são reprimidos com extrema violência. A criminalização da Capoeira, no passado, fazia parte de um conjunto de ações de desvalorização da cultura negra, pretendendo manter sua subalternidade. Ao mesmo tempo em que fora proibida, alguns poucos teóricos que a defendiam pendiam para a ideia de que a Capoeira deveria tornar-se símbolo da cultura brasileira, como ginástica nacional, voltada totalmente para a esportivização, ou seja, um branqueamento simbólico. Seria a representação da mestiçagem, a Capoeira não era mais legado negro, mas, sim, a representação da mistura de negros, índios e brancos. Uma tentativa de apaziguar ou, melhor, enfraquecer a herança africana, misturando-a e retirando sua identidade e referência cultural. Esse processo está vinculado ao momento histórico em que as políticas do estado brasileiro explicitamente buscaram o branqueamento da população, influenciadas por teorias raciais produzidas dentro e fora do Brasil. Essas políticas estiveram historicamente vinculadas à interdição nos processos de posse de acesso à terra, ao trabalho assalariado e à educação das populações negras e indígenas, em especial, no período pós-abolição. Correlata à essa política, está a ideia de apropriação cultural do que é de origem não branca, no caso dessa análise, a Capoeira.

O processo de transformação das práticas da Capoeira no Brasil, especialmente, a partir do discurso de legitimidade e de institucionalização das mesmas, inicia-se, com mais vigor, na década de 30, durante o Estado Novo. Tais mudanças podem ser

³⁴ Ladja é um tipo de luta dança, de origem negra, praticada na Martinica.

³⁵ O N'golo é dançado por rapazes no sul de Angola, durante o ritual da puberdade das meninas. Coices e golpes que lembram os movimentos da Capoeira.

relacionadas com as políticas públicas vinculadas aos ideais de branqueamento presentes no século XIX e XX, em nosso país, e incorporados por grupos singulares de praticantes de Capoeira (FRIJERIO, 1989). Existem várias denominações e formas de organização, na atualidade, para tais práticas.

No caso específico desta pesquisa, observa-se não só o número crescente da presença feminina na Capoeira, mas também a presença de pessoas não negras nesta arte, que é ancorada em uma matriz africana cuja cosmologia tem como fundamento o acolhimento reunindo pessoas de diferentes origens, como explicitado nas falas de Elma e Fabiane

Às vezes eu questionava muito o fato de eu não ser negra, e por que essa paixão, essa identificação? E essa missão com a Capoeira Angola, que é da cultura africana, o que era isso? De outra vida né? Que eu vim nessa vida para fazer, para me revelar. E, aí, também minha força cabocla, que a Capoeira é negra e cabocla. Sou descendente dos Awá-Guajá [...] (Elma, entrevista em 2016)

Eu ter recebido o título, na hora, eu fiquei muito assustada, porque eu mulher branca, na Bahia, recebendo o título. Gaúcha, branca, mulher, na terra deles, sendo reconhecida [...] (Fabiane, entrevista em 2016).

Entretanto, é possível perceber, pela fala dessas capoeiristas, que o aumento significativo de pessoas não negras na Capoeira também pode estar relacionado ao processo acima descrito das políticas de branqueamento do Estado, que afetaram também a arte no início do século XX, no Brasil. Se não tivesse mudado isso no passado, será que tantas pessoas brancas estariam praticando Capoeira na atualidade? O presente pode estar relacionado com este passado. Se a Capoeira continuasse sendo criminalizada, muitas pessoas, inclusive, não estariam a praticando. Atualmente, alguns grupos de Capoeira Angola vêm discutindo e se empenhando em promover ações que visam incluir e incentivar a presença de mais pessoas negras na prática da Capoeira.

Nos últimos tempos, pessoas não negras têm sido maioria em muitos grupos, uma evidência disso é que, das seis entrevistas que fizeram parte deste estudo, quatro delas são brancas e duas negras, incluindo a autora, ou seja, a maioria é branca. As pessoas brancas, por estarem em posição de privilégio, considerando que possuem melhores condições econômicas, têm mais oportunidade de estarem acessando cultura,

enquanto que a população negra tem diminuído nos espaços da Capoeira, como ressalta Araújo (2016)

[...] marcada pela forte presença de pessoas não-negras (em muitos lugares estas nem sequer estão presentes ou são absoluta minoria), os mais diversos perfis profissionais, resultado de níveis de escolarização mais elevados, marcada também pela presença cada vez maior de mulheres. Neste caso, se o número de homens negros na capoeiragem vem sendo reduzido à medida que a capoeira avança em direção aos novos espaços sociais que constituem a chamada economia da capoeira (incluindo principalmente os territórios fora do Brasil), a exígua presença de mulheres negras é hoje tema de muitos debates. De forma quase inacreditável já se discute, inclusive, estratégias afirmativas de permanência das pessoas negras no interior da capoeira (2016, p.86).

Manoel dos Reis Machado, o mestre Bimba, foi o grande responsável pela modificação da Capoeira nos anos de 1930, criou a Luta Regional Baiana, a Capoeira Regional, inserindo golpes de outras lutas, tornando a arte uma prática combativa. Em sua academia, por exemplo, a Capoeira estava sendo transmitida para sujeitos que pertenciam à elite baiana, a Capoeira começava a ser ensinada para outro público na ocasião (VIEIRA, 1998).

Outro capoeirista, o baiano Vivente Ferreira Pastinha, o mestre Pastinha, foi quem organizou e deu início há outro movimento no universo da Capoeira, dando visibilidade e reconhecimento à Capoeira Angola. Este mestre abriu a primeira academia para ensinar a Angola, em 1941, o CECA, Centro Esportivo de Capoeira Angola na cidade de Salvador/BA (IPHAN, 2007). Durante este período, a Capoeira já não era mais considerada crime. No entanto, não era motivo para que a sociedade mudasse a visão negativa que tinha em relação à Capoeira, dessa forma, “[...] a sociedade racista brasileira levaria ainda muito tempo para conduzir seus intentos de descaracterização e elitização das culturas afro-brasileiras no Brasil, renovando suas formas de dominação” (ARAÚJO, p.37, 2015).

A Capoeira Angola diferencia-se da Regional em vários aspectos. É possível notar a diferença pelos movimentos e golpes, pela musicalidade e pelo ritual; todavia, principalmente, pelos objetivos que cada uma delas se propõe a cumprir. A Capoeira Angola procura preservar valores culturais e históricos, entendidos como manifestação ancestral identificada com cosmovisões africanas, enquanto que a Regional é compreendida, nessa escrita, como prática voltada mais ao esporte e a competição.

Uma questão que também chamou atenção foi o fato de que quatro, das seis mulheres que fazem parte deste trabalho, tiveram o primeiro contato com a Capoeira Regional, migrando posteriormente para a Capoeira Angola. A seguir, têm-se alguns trechos de suas narrativas a respeito do assunto.

[...] mas isso aí tá estranho, está faltando alguma coisa, um pouco da musicalidade, mas eu sabia que não era aquilo, tão estranha a Capoeira dela. [...] Não teria como ser outra arte, também não teria como ser a Capoeira Regional porque a proposta é diferente, é uma proposta competitiva (Inajara, entrevista em 2016).

Eu ia ao Brique da Redenção, via as rodas de Capoeira Regional, gostava, achava legal, mas tinha alguma coisa que para mim “não batia”. Conversei com um amigo: “Eu gosto das rodas de Capoeira, mas tem alguma coisa estranha”. Comentei algo do tipo. E ele: “É porque tu não conhece a Capoeira Angola” (Alessandra, entrevista em 2016).

E eu já tocando berimbau e treinando bastante, só que aquilo começou a me incomodar, a Capoeira, a forma de treino, enfim, a esportivização e tal. Eu também não sabia muito bem o que era, mas eu sabia que tinha alguma coisa que me incomodava. E, nisso, eu indo para o Brique nos finais de semana, eu conheci a Capoeira Angola, vi uma roda, aí deu! Me encantei. É isso que falta, é isso que eu quero. Eu percebi a expressão, os valores civilizatórios da matriz africana ali colocados (Olori Obá, entrevista em 2016).

Antes mesmo de aprofundarem seus conhecimentos sobre a arte da Capoeira, Inajara, Alessandra e Olori Obá sentiram que a Capoeira Regional não era o que realmente buscavam e imaginavam encontrar, e, quando conheceram a Capoeira Angola, identificaram-se imediatamente; pode ser a esportivização, a competitividade bem marcada naquela prática, e, indo mais além, a desvinculação dos valores contidos em expressões culturais vinculadas às matrizes africanas. A Regional é uma prática que se moldou aos padrões aceitos por uma sociedade racista, que intencionava reprimir tudo que estivesse vinculado ao negro. A forma encontrada para a aceitação social foi torná-la esporte nacional (FRIGERIO, 1989).

As capoeiristas disseram que tinha algo “*estranho*”, que “*não batia*”, “*algo que incomodava*” quando tiveram contato com a Capoeira Regional. O que faltava, na Regional, pelo visto, encontraram na Capoeira Angola, como falou Olori Obá: “*a expressão, os valores civilizatórios da matriz africana ali colocados*”. Determinados critérios adotados pela Capoeira Regional demonstraram um distanciamento desses valores citados por Olori Obá. Dessa forma, a nova modalidade adotou a “[...] condição de hegemonia que lhe assegurava o status de esporte (ou luta marcial), [...] assentados

num projeto de nacionalização e embranquecimento cultural [...]” (ARAÚJO, 2015, p.17). Essa condição, provavelmente, fez com que elas não se identificassem com tal estilo.

A divisão da Capoeira em Angola e Regional, por um lado, fortaleceu aqueles que defendiam as raízes africanas como base da Capoeira; no entanto, por outro lado, dividia o movimento da arte como um todo. A Capoeira estava dividida entre aqueles que pretendiam torná-la ginástica nacional, aceita em sociedade, desde que se tornasse ascética e disciplinadora, e os que faziam questão de não se esquecer de onde provinha a raiz da arte.

Parece que a Capoeira, em sua dimensão plural, vai se moldando às necessidades dos tempos e dos capoeiristas. Tem-se de levar em conta que as articulações de elementos históricos e processos de (re)invenção cultural são partes da relação entre passado e presente. Simone Pondé Vassallo (2003) fala sobre o processo de construção do paradigma de pureza do jogo da Capoeira reivindicado pela Capoeira Angola no período de 1930 e 1960. A pesquisadora afirma que as distinções entre Regional e Angola não podem ser tratadas como pureza ou degradação, mas, sim, como modos distintos de construção simbólica, de afirmação de identidade e de negociação de um espaço na sociedade. Ou seja, como práticas de movimentos cujas trajetórias não são indeterminadas, mas insuspeitáveis.

Fragmentos da Capoeira no Rio Grande do Sul

Mesmo que a História tenha calado muitos episódios relacionado aos capoeiras do passado em solo gaúcho, Jane Mattos (2009) e Vinicius Nunes (2013) realizaram preciosas pesquisas e descobertas a respeito. A documentação existente sobre a Capoeira é muito escassa, no Estado do Rio Grande do Sul, o que ocorre de maneira geral, em todo território brasileiro. Aqueles que pretendem pesquisar sobre a Capoeira do passado precisam debruçar-se sobre processos criminais, crônicas esparsas de jornais antigos, inventários e notas de roda pé em pesquisas relacionadas à escravidão. Trata-se de um trabalho minucioso e investigativo.

Tais pesquisas permitem dizer que há fragmentos sobre as histórias das práticas de Capoeira em solo gaúcho, especialmente a partir do século XIX. Exemplos desses fragmentos estão referenciados nas pesquisas de Jane Rocha de Mattos, sobre a

presença da Capoeira em Porto Alegre, publicados no artigo intitulado *Pulera e Birú: Índícios da capoeira na Porto Alegre dos séculos XIX e XX*; igualmente, no Trabalho de Conclusão de Curso, de Vinicius Cardoso Nunes, intitulado *Capoeira Rio Grandense: Uma análise da manifestação cultural escrava na Região Sul do Estado nos séculos XIX e XX*, encontra-se vestígios da prática da Capoeira em Pelotas e Rio Grande.

Em sua pesquisa, Nunes (2013) utiliza como fonte o artigo escrito por Rodolpho Xavier intitulado *A Capoeiragem*, publicado na edição do dia 5 de maio de 1956, no jornal A Alvorada, sobre a prática da Capoeira em Pelotas, e um processo crime datado de 1850, sobre a morte de um capoeirista na cidade de Rio Grande.

Mattos (2009) aborda, em seu artigo, a temática da Capoeira em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul durante os séculos XIX e XX, no período de transição do trabalho escravo para o livre. A pesquisadora utiliza como fontes de pesquisa, periódicos, processos criminais, documentação de polícia, crônicas e inventários. É possível supor que a Capoeira no Rio Grande do Sul surgiu com a vinda dos escravizados para este território, contudo, não se pode precisar exatamente suas primeiras aparições, dada a falta de registros precisos sobre o assunto na historiografia. Quando se tratava de prática cultural de escravizados, não era interesse das classes dominantes preservar a memória e fazer registro de tais vivências, principalmente, no que tange a Capoeira, tida como algo ameaçador e de moral muito duvidosa.

O que corrobora para tal afirmação é o lugar onde as fontes são encontradas, assim como os tipos de documentos que fazem alusão à Capoeira, sejam processos criminais, registros de polícia, periódicos e crônicas, na maioria das vezes, apresentando a Capoeira como prática criminosa. A Capoeira era considerada crime e, anteriormente ao ano de 1890, contravenção. Porém, o que se deve perceber eram as intenções em enfraquecer, desvalorizar e desqualificar uma prática que se espalhou em solo brasileiro e que tinha em seus principais objetivos a liberdade, tanto do corpo, como da mente. O que levou essas pessoas a criarem tal manifestação é perfeitamente compreensível, devido a todo sofrimento e opressão vivido sob o regime escravocrata.

Nas pesquisas utilizadas como fonte para esta pesquisa, não se tem notícias sobre mulheres que fossem conhecedoras da arte da Capoeira no Rio Grande do Sul.

Isso demonstra carência de trabalhos que abordem esse assunto e, também, evidencia a pouca visibilidade da mulher na Capoeira em solo gaúcho.

Em relação a registros historiográficos a respeito dos mestres da atualidade no Rio Grande do Sul, foi encontrado um Trabalho de Conclusão de Curso na área da Educação Física, de Ederson Alberto Teixeira Dornelles (2011) intitulado *Monsueto, Nino Alves e Churrasco: A reconstrução da História dos primeiros mestres de capoeira em solo gaúcho*. Tal pesquisa é composta por um histórico da Capoeira gaúcha, elaborado por meio de depoimentos dos mestres mais antigos da Capoeira do Rio Grande do Sul. Conforme aponta a narrativa, o movimento da Capoeira teve seu início por volta de 1970, foi neste período que os primeiros grupos iniciaram suas atividades. A Capoeira da contemporaneidade vincula-se a esse movimento.

Também se teve acesso a um trabalho audiovisual realizado por Magnólia, uma das entrevistadas para este estudo, o projeto Angola POA, que buscou registrar a história da Capoeira em Porto Alegre, na atualidade, a partir de narrativas de alguns mestres e uma mestra. Trata-se de uma produção audiovisual que reuniu doze lideranças da Capoeira Angola que já viveram e constituíram grupos e fizeram história na cidade. É um importante projeto audiovisual sobre o registro da história da Capoeira da atualidade em Porto Alegre.

Em relação à história ou registros da Capoeira na atualidade, afora o Projeto Angola POA, pode-se dizer que a história da Capoeira na cidade de Porto Alegre é pouco conhecida. Na revisão de literatura realizada para fins desta pesquisa, poucos são os registros historiográficos sobre a Capoeira no sul do país. Igualmente às práticas culturais vinculadas à negritude, diferentemente de outras capitais do Brasil como, por exemplo, Salvador e Rio de Janeiro.

Mulheres Capoeiras na História

Ao se pensar o espaço das mulheres na História, em geral, ou nas práticas da Capoeira, em específico, pode-se afirmar que a perspectiva feminina tende a ser de menorização, estigmatização e condicionamento a determinados lugares sociais. Autoras como Michelle Perrot (1992) destacam que na historiografia, por exemplo, durante séculos a figura da mulher foi invisibilizada ou excluída da História, uma vez que, por muito tempo, as narrativas dessa ciência trataram majoritariamente dos grandes homens e de seus feitos.

Falar da história da Capoeira sem ter como referência os homens, é um fato; entretanto, o que não pode ser deixado ao esquecimento é que existiram mulheres que

conheciam e praticavam a arte da Capoeira. Embora haja pouco registro de memória, existe uma documentação de periódicos da época que citam mulheres portadoras de notável valentia e habilidades corporais (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Em relação às pesquisas realizadas sobre mulheres na Capoeira, em experiências fora do Rio Grande do Sul, utilizei como referência os livros “*Capoeira, Identidade e Gênero: Ensaio sobre a história social da capoeira no Brasil*”, de Josivaldo Pires de Oliveira e Luiz Augusto Pinheiro Leal (2009), que traz informações de grande relevância sobre a presença feminina no universo da Capoeira do passado, e, ainda, o livro “*Mestres e capoeiras famosos da Bahia*”, de Pedro Abib (2013), que reuniu algumas histórias também referentes às mulheres capoeiras.

Segundo Oliveira e Leal (2009), o que é possível perceber sobre essa história é que eram mulheres destemidas, transgressoras da ordem imposta ao comportamento feminino, que precisava ser controlado, principalmente em relação à linguagem corporal das mulheres. Para os autores, “o corpo feminino deveria ser contido naquilo que poderia significar para a sociedade” (p.137).

As histórias sobre mulheres capoeiras do passado são apenas fragmentos do que era a vida de tais mulheres. Infelizmente, os casos que se tem conhecimento são, em geral, devidos às raras pesquisas que têm como fonte notícias e matérias de jornais, que depreciavam o comportamento das mulheres, que conviviam nos espaços públicos frequentados por homens, em maioria. Via de regra, nenhuma das narrações fazia alusão positiva às mulheres que circulavam nos espaços públicos. Muitas delas eram as

[...] ganhadeiras, cuja atividade econômica de venda de seus produtos dependia quase que exclusivamente da sua circulação pelas ruas em busca dos compradores de suas mercadorias. Outras mulheres também circulavam pelas ruas em busca de seus afazeres, outras ainda, para o oferecimento de seus serviços, como era o caso das prostitutas. (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 118-119)

Ao se comparar ao século XIX, onde se sabe de pouquíssimas evidências e registros da presença feminina nas práticas de Capoeira, pode-se afirmar que, gradativamente, mais e mais mulheres foram se tornando capoeiristas. Atualmente, existem grupos, coletivos, encontros, diversos movimentos, não só na Capoeira, mas em

diferentes ações, liderados por mulheres, para obtenção de maior espaço para discussão e igualdade de direitos.

As mulheres têm tido maior representatividade na Capoeira, e tal movimento crescente tem acontecido tanto no Brasil, como no exterior; expresso na presença de mulheres em diferentes grupos ou ações coletivas para troca de experiências e discussões sobre a presença feminina na arte. É a história da arte popular tomando novos rumos, incluindo experiências, redefinindo e alargando as noções tradicionais. No entanto, mesmo diante da importância e da representativa presença da mulher na Capoeira ainda se registra pouco sobre elas.

Para dar visibilidade à presença de mulheres na arte da Capoeira Angola, dividiu-se a análise acerca das experiências em: **A Capoeira como espaço de tensões e resistências**, como as seis mulheres **pensam e vivem a presença feminina no espaço da Capoeira Angola**, tendo como proeminência a experiência de cada uma em ser mulher e a compreensão da diferença de serem mulheres praticando e ensinando a arte da Capoeira. E, ainda, a **Capoeira Angola como espaço de formação e múltiplas aprendizagens**, como se verá a seguir.

3.1 MULHERES CAPOEIRAS: VIVENDO E PENSANDO A PRESENÇA FEMININA NA ARTE

*Dizem que é o sexo frágil, que tamanha enganação*³⁶...

As narrativas construídas para esse estudo, em última análise, destacam-se por expressar a potencialidade com que as mulheres vivem e pensam a sua presença na Capoeira. Ao escutar, transcrever, ler e reler tais narrativas, construí categorias de análise acerca das experiências dessas mulheres, contemplando aspectos recorrentes. A **Capoeira como espaço de tensões e resistências** é uma categoria analítica que reúne conceitos e ideias bastante presentes nas entrevistas, quais sejam: superação, persistência, resistência, reinvenção de si mesma e da Capoeira, violência, machismo e sexismo. Nessa perspectiva, elaborei uma escrita destacando como as seis mulheres **pensam e vivem a presença feminina no espaço da Capoeira Angola**, tendo como

³⁶ Ladainha de Samme Sraya Aboud Santos.

proeminência a experiência de cada uma em ser mulher e a compreensão da diferença de serem mulheres praticando e ensinando a arte da Capoeira. E, ainda, a **Capoeira Angola como espaço de formação e múltiplas aprendizagens**, destacando temas como: tornar-se mulher, reconhecer ancestralidades, ética, equidade e educação das relações étnico-raciais e de gênero, vínculos com a religiosidade e solidariedade.

A partir das narrativas das capoeiristas acerca de suas experiências, lembrando, como diz Larrosa (2016)³⁷, que as práticas educativas, basicamente, foram pensadas, a partir de dois pontos de vista: o par da ciência/tecnologia e do par teoria/prática (p.35). Destaquei a valorização do conceito de experiência ou, melhor ainda, o par experiência/sentido, na perspectiva de que ele permite pensar as práticas educativas de outro ponto de vista. Segundo o autor, “[...] explorar o que a palavra experiência nos permite pensar, o que a palavra experiência permite dizer, e o que a palavra experiência nos permite fazer no campo pedagógico” (LAROSSA, 2016, p.38).

Para este momento analítico, além das mulheres que contam essa história, na continuidade desta roda que aqui proponho, chamei Rosângela Costa Araújo para auxiliar na reflexão da Capoeira enquanto prática educativa e formativa; Eduardo David de Oliveira para ajudar a compreender conceitualmente ancestralidade; Michele Perrot e suas contribuições tratando da presença das mulheres na história; Marilena Chaui para discutir ética e violência; Paulo Freire para tratar da perspectiva de empoderamento; e Jorge Larrosa, que emprestou seu olhar sobre a experiência e suas possibilidades de tessitura.

Capoeira como espaço de formação e múltiplas aprendizagens

A Capoeira, como prática cultural, é dinâmica e contém movimentos de transformação, conforme as temporalidades e espacialidades em que se desenvolve. É possível afirmar que o componente educativo desta arte está presente nas experiências e nas falas dos mestres mais antigos, como é o caso do Mestre Pastinha. Segundo Araújo (2015), Mestre Pastinha possuía a preocupação em tornar a Capoeira uma prática “[...] educativa e lúdica, a fim de dar-lhe status científico, para ser aceita mais tranquilamente pela sociedade hegemônica” (p. 72). Para a autora,

³⁷ Larrosa, Jorge. Tremores: escritos sobre a experiência. 1 ed.; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

foi importante mostrar a sabedoria do mestre em buscar “saídas” para o desprestígio do capoeirista, lutando para a preservação desta prática tão tradicional, mostrando que era impossível dialogar também com os valores da cultura dominante. Assim, a capoeira era preservada e, em certo sentido modificada, aperfeiçoando-se, ou seja, se adequando aos novos tempos (ARAÚJO, 2015, p.72).

Tal aperfeiçoamento e modificação têm relação com seu caráter educativo e formativo. O presente estudo destaca esse caráter educativo, na Capoeira Angola, através da análise dos impactos dessa prática na vida das seis mulheres aqui reunidas, assim como na reflexão acerca de como elas se compreendem enquanto educadoras dentro da arte. Tais impactos expressam-se em aprendizagens relativas ao reconhecimento de ancestralidades e religiosidades, ao desenvolvimento de noções como ética, solidariedade, horizontalidade das relações humanas, equidade racial e de gênero, e educação das relações étnico-raciais.

Vejamos o que nos conta Elma:

Quem me faz eu me tornar mestra são meus alunos, eu aprendo todo dia e acho que é mais isso, a relação de horizontalidade humana que tem na Capoeira Angola, é o respeito pelo ser humano independente da função, da graduação; a gente respeita a todos; o respeito é horizontal não porque você é mais ou menos, mas porque você está. [...] Para mim, é tudo que eu penso, tudo vem dela, do princípio dela que eu vou analisar alguma coisa, é o princípio da Capoeira que me orienta, do fundamento dela que eu me relaciono com as pessoas³⁸ (entrevista em 2016).

O princípio da Capoeira, construído na trajetória de Elma como mestra de Capoeira, inclui a participação do coletivo e a ação colaborativa no processo da própria formação e da formação de suas alunas e alunos. Trata-se de um princípio pedagógico diferenciado na relação entre quem ensina e quem aprende. Dialogando com Rosângela Costa Araújo (2015), ressalta-se que “[...] é na relação mestre-discípulo que encontraremos as maiores inovações no campo da educação” (p. 13). É na relação que se estabelece com a Capoeira e com “o outro” que se constrói essa experiência de tornar-se mestra, e, nesse sentido, a Capoeira passa a “guiar a vida”. Aqui, as palavras da mestra encontram eco com as de Larrosa (2016) quando afirma que “a experiência

³⁸ Procedimento utilizado para transcrição do trecho da entrevista para diferenciar de uma citação bibliográfica, conforme as normas da ABNT.

me forma e me transforma, me constitui, me faz como sou, marca minha maneira de ser, configura minha pessoa e minha personalidade” (p. 48).

Destaco que Elma, durante a entrevista, repetindo as palavras de seu mestre, afirma não que possui alunos e, sim, companheiros de estudo. Identifica-se, nessa afirmação, a relação de horizontalidade como fundamento educativo da Capoeira Angola, capaz de construir uma relação diferenciada. Elma tem como referência o que a Capoeira lhe oferece como princípio e leva isso para sua vida, para a relação com o seu grupo. Trata-se, portanto, de uma prática formativa

[...] que em muito se distancia, na educação escolar, da relação professor-aluno, constituindo-se no condutor de uma cadeia destes princípios e valores que melhor esclarecem este *contínium* da rede de compromissos e solidariedades (ARAÚJO, 2015, p.51).

A relação mestra e discípula (o) têm princípios diferentes da pedagogia bancária escolar, envolve afeto, proximidade, sedução, é uma relação pessoal que vai acontecendo aos poucos, e os ensinamentos são segredos revelados gradualmente. Essa dinâmica educacional vai permitir desenvolver a conscientização da “rede de compromissos e solidariedades” (ARAÚJO, 2015), que envolvem aprender e estar na Capoeira. Os conhecimentos adquiridos na prática da Capoeira Angola são partilhados da esfera individual para a coletiva, incluindo as experiências de aprendizagens vivenciadas que se baseiam em uma busca de valores necessários para a formação individual do ser humano e a sua importância para as relações em grupo como o respeito, a ética e a solidariedade. Rosângela Costa Araújo ensina que,

[...] a dimensão pedagógica da tradição pode ser apreendida nos conteúdos mitopoéticos das narrativas, inventariando a construção coletiva da história, a partir do reconhecimento de si próprio enquanto protagonista da sua própria história, fazendo-se com e em meio ao grupo, ressignificando tempo-espaço-liberdade, pela ética que está associada à solidariedade, sobretudo através da estética que, pela corporeidade, compreender-se ser e estar no mundo, com os outros (ARAÚJO, 2015, p.88).

Magnólia e Inajara trazem outros dos exemplos sobre a dimensão pedagógica da Capoeira. Diferentes da experiência de Elma como mestra de Capoeira, aqui serão

destacadas as possibilidades educativas a partir da vivência na Capoeira Angola destacadas pelas entrevistadas enquanto praticantes. Vejamos algumas narrativas:

[...] através da Capoeira, eu pude aprender várias coisas, eu aprendi a me comprometer, a estudar, a me conhecer como gente dentro da Capoeira Angola. Através da Capoeira, eu quis estudar, fazer faculdade, aprendi a me dedicar realmente para alguma coisa e saber que tinha capacidade para isso. A Capoeira, ela dá tanta coisa que eu ainda nem descobri tudo o que ela pode dar. [...] Tem uma coisa que acontece na Capoeira Angola quando a gente vai tendo contato com os mestres, eles são senhores de uma cultura bem humilde, simples, que se tu não tivesse, na Capoeira, ia passar por ele na rua e não ia nem imaginar que toda aquela sabedoria está dentro daquele corpo, daquele ser. A Capoeira me fez ficar mais atenta para as pessoas, o que elas guardam dentro delas (Magnólia, entrevista em 2016).

[...] As minhas oportunidades começaram através da Capoeira, é o fio condutor de tudo: de educação, de respeito ao outro, de saber a sua vez, de parar e ouvir. Por isso que eu acho que a Capoeira tem esse valor educacional (Inajara, entrevista em 2016).

Para Magnólia, assim como para Inajara, a pedagogia da Capoeira Angola conferiu-lhes possibilidades de educar-se e educar a partir dos valores contidos na arte, citando, como exemplo, o comprometimento com elementos que vem da cosmovisão africana, que está presente na Capoeira Angola, servindo de orientação para a vida. É o aprendizado da pequena para a grande roda. Para Inajara, a Capoeira é “*o fio condutor de tudo*”, ela aprende e destaca que as oportunidades de sua história pessoal surgiram como consequência dessa vivência, reconhecendo seu valor educacional.

Magnólia diz a partir da Capoeira aprendeu a ser comprometida e ter responsabilidades, percebendo-se capaz. Outro elemento importante na sua fala é a sensibilidade ao olhar e apreender a sabedoria que está presente nas pessoas idosas, o que pode ser associado a uma postura ética que ao se perceber, percebe também o outro.

Isso aconteceu, pois, no processo de formação e de tornar-se capoeirista, ela vivenciou momentos que permitiram que se descobrisse enquanto “gente” dentro da Capoeira, ou seja, se descobrisse capoeirista, “[...] o que indubitavelmente passa pela formação de uma consciência calcada em afirmação e afinidade, onde ao se descobrir, descobre também o Outro e o seu entorno” (ARAÚJO, 2015, p. 75).

Ao reconhecer as múltiplas aprendizagens possíveis na prática da Capoeira, enfatiza-se a experimentação ética e seu vínculo com a descoberta da ancestralidade presente nesse processo. Eduardo David de Oliveira entra nesta roda para ajudar a

compreender conceitualmente ancestralidade como “[...] uma categoria analítica que contribuiu para a produção de sentidos e para a experiência ética (OLIVEIRA, 2012, p.30)”. “[...] Uma atitude que faz sentido se confrontada com o legado dos antepassados” (p.43).

A ancestralidade contribui para produção de sentido da experiência ética baseada na relação de respeito e reconhecimento para com os antepassados (OLIVEIRA, 2012), apoiada nesse autor e orientada por ele, destaquei algumas das falas de Elma, Magnólia e Inajara, onde relatam suas próprias experiências sobre os elos estabelecidos com os antepassados.

As experiências citadas pelas capoeiristas representam a ética que baliza suas interações, reflete-se nas suas relações dentro e fora da Capoeira, reconhecendo que são esses intercâmbios que possibilitam conexões, indo desde o reconhecimento pelos mestres da Capoeira e de outras manifestações da cultura popular às lideranças e representantes da hierarquia em um Terreiro, citados por Elma como referências na sua maneira de ensinar. Vejamos:

[...] Tinha a relação dos mais novos respeitar os mais velhos; os velhos mestres que estava ali na figura do mestre Pato, que vinha trazendo a figura do mestre Sapo, do mestre Canjiquinha, e, paralelo a isso, a gente tinha as mestras e mestres de outras manifestações populares de São Luís (Elma, entrevista em 2016).

[...] as minhas referências são do terreiro de Umbanda da minha família, as entidades, os orixás, a mãe de santo, mamãe pequena, ogã, uma ekédi, que é o cargo que eu ocupo dentro do terreiro. Em meio a essa hierarquia, nós temos posições porque nós servimos o terreiro e a comunidade de lá. Eu trago essa mesma vivência, essa forma, para dentro do nosso grupo, a fonte é o terreiro. Como viviam nossos antepassados, nossos ancestrais que trazem essa forma divinamente. E eu tento trazer isso para os meus alunos, meus companheiros de estudo [...] (Elma, entrevista em 2016).

Nos trechos explicitados, fica evidente a importância que o Terreiro tem como referência para a vivência de Elma na Capoeira, e ela leva isso para dentro do grupo, promovendo o encontro e fortalecimento com as raízes culturais populares, estabelecendo vínculos com os antepassados e com as ancestralidades ressignificadas no tempo presente. A linhagem de Capoeira é representada na figura do mestre e também na influência das mestras e mestres da cultura popular na vida de Elma, através do reconhecimento e do respeito para com eles enquanto continuadores e zeladores de

saberes ancestrais; ensinamentos que foram deixados pelos antepassados (os mortos) e preservados pelos vivos. Os mais velhos, por sua vez, transmitem e também fazem a manutenção desses saberes, dando continuidade, passando aos mais jovens os saberes deixados por aqueles que já se foram representando, e mantendo, assim, elos com a ancestralidade.

Inajara também destaca isso, afirmando que a Capoeira é a sua identidade, um vínculo ancestral até então desconhecido, e, na prática da Capoeira, identifica que a herança vinda dos antepassados é o suporte para afirmar essa identidade enfatizando que

[...] Capoeira Angola é minha identidade, é uma coisa que sempre esteve comigo, só que eu não sabia. Essa herança que veio dos meus antepassados (Inajara, entrevista em 2016).

Ela afirma sua identidade como mulher negra na relação desenvolvida a partir da vivência com a Capoeira Angola; identifica, também, assim como Elma, o vínculo com os antepassados, conferindo-lhe uma postura de reconhecimento. É possível compreender, a partir das narrativas, que os elementos da cosmovisão africana existentes na filosofia da Capoeira Angola possibilitam uma forma diferente de ver o mundo e reconhecer-se dentro dele.

Por cosmovisão africana, baseada na vivência dentro da Capoeira Angola, entendo que são valores, fundamentos e ações que se misturam a vários elementos como: circularidade, valorização dos saberes dos mais velhos, pertencimento, alteridade, equidade, oralidade, musicalidade, saberes e valores que foram passados de geração em geração – o que em muito se distancia dos valores cultivados pelo modelo ocidental. Compreendendo e concordando com Oliveira (2012) em relação à cosmovisão africana, ele diz

Alojada no útero da ancestralidade está a cosmovisão africana, isto é, sua epistemologia própria que, por ser absolutamente singular e absolutamente contemporânea, partilha seus regimes de signos com todo o mundo, enviesando sistemas totalitários, contorcendo esquemas lineares, tumultuando imaginários de pureza, afirmando multiplicidade dentro da identidade. Fruto do agora, a ancestralidade ressignifica o tempo do ontem (2012, p.40).

Assim como Inajara, Olori Obá menciona que os elementos da matriz africana presentes na Capoeira Angola contribuíram para o fortalecimento da sua identidade enquanto mulher negra, que reconhece na ancestralidade seus vínculos identitários.

[...] encontrar elementos que se identificassem com essa matriz civilizatória que até então era muito frágil, assim, na minha construção identitária, e, aí, a capoeira vai ajudar nesse sentido. [...] A Capoeira Angola vai junto, também, com a minha iniciação na tradição de matriz africana, as duas, elas vão reorganizar, reestruturar meu processo de subjetivação, da minha identidade, assim de existência enquanto mulher negra, enquanto mulher negra capoeirista, enquanto mulher negra na tradição de matriz africana iniciada nessa tradição. Então, tá tudo junto, não tá separado. A capoeira era mais um elemento, e, ainda, mais um elemento que me constitui enquanto sujeito, que tem uma ancestralidade, que veio desse continente, que veio de todas essas pessoas que sofreram vários processos (Olori Obá, entrevista em 2016).

Olori Obá encontra, nas tradições de matriz africana, elementos que contribuem para sua formação e iniciação tanto na Capoeira Angola, como na religião; que a constitui “*enquanto mulher negra, enquanto mulher negra capoeirista*”, fortalecida a partir de subsídios encontrados nessas vivências, auxiliando o seu processo de subjetivação e individuação dentro de uma comunidade. Ela vê na Capoeira, assim como na iniciação da tradição de matriz africana, uma maneira de se reconhecer enquanto alguém que possui uma ancestralidade.

Dizem que a Capoeira é dos negros, eu sou negra, quero fazer Capoeira. Eu não me identificava com nenhuma outra coisa que não fosse a Capoeira. Eu precisava me identificar com aquilo que era referência da minha cor. [...] Eu cresci em um ambiente aonde a cor da pele era feia, o cabelo era feio. As atitudes das pessoas negras, na maneira de ser, era feia. Tinha que se moldar, tinha que ser diferente. [...] É aí onde eu queria achar uma maneira de mostrar às pessoas que tinham a mesma cor da pele que eu, que elas não eram bandidas, não eram pobres, não eram marginalizadas, não eram feias ou mal arrumadas, não eram coitadas (Inajara, entrevista em 2016).

Inajara cresceu escutando que tudo que estava relacionado aos negros era ruim ou feio. Mesmo assim, ela buscou e encontrou, na Capoeira, os subsídios para afirmar uma identidade negra positivada, contrariando e não se deixando levar pelas imposições de padrões estéticos e culturais brancos. A religiosidade de matriz africana está entre os elementos mais sensíveis de preconceito racial na sociedade brasileira. Destaca-se o fato

de que se vive numa sociedade racista e racializada, cuja compreensão analítica é fundamental para compor a compreensão das narrativas das mulheres desse estudo.

De acordo com o senso do IBGE, 45% da população é composta por pessoas negras³⁹, todavia, as estereotípias de um padrão branco europeu ainda persistem. No Brasil, enfrenta-se um tipo particular de racismo, que se esconde atrás de uma suposta “democracia racial” ou “mito da democracia racial”, contudo, é na esfera privada que o jogo da discriminação ocorre (SCHWARCZ, 2012).

[...] Mito este que difunde a crença de que, se os negros não atingem os mesmos patamares que os não negros, é por falta de competência ou de interesse, desconsiderando as desigualdades seculares que a estrutura social hierárquica cria com prejuízos para os negros (BRASIL, 2005, p.12).

Mesmo com a implementação de políticas de reparação e promoção da igualdade das relações étnico-raciais, a exemplo das Leis 10.639/03⁴⁰ e 11.645/08⁴¹, que criaram o artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), inserido no conjunto das políticas afirmativas para a promoção da igualdade racial, o racismo é algo que permanece na sociedade brasileira, como uma chaga. O que contribui para isso é a falsa ideia de que são harmoniosas as relações entre os diferentes povos que formam a nação.

O corpo também é alvo de opressão, deve ser contido, “[...] segundo um código escrito que a cinge, espartilha-a, vela-a, enluva-a da cabeça aos pés [...]” (PERROT, 1998, p.200). A expressão negra que dança, canta, se expressa, não poderia ser mostrada porque indicava algo que passava dos limites; a família de Inajara e a sociedade lhe oprimiam, esperando que ela se moldasse aos padrões baseados e influenciados por um modelo ocidental, branco e contido, pois a cultura do negro é vista como algo inadequado.

Inajara viu, na Capoeira, uma forma de se libertar, de ser aquilo que ela sentia pulsar no seu íntimo, e buscou encontrar um lugar, ou um modo de vida que ela se

³⁹ Fonte: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

⁴⁰ Responsável pela criação do artigo 26 A na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), instituidor da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica em nosso país.

⁴¹ A Lei 11.645/08 regulamenta a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em todos os níveis de ensino.

sentisse à vontade com a sua negritude e consigo mesma. A singularidade da Inajara é afirmar-se enquanto pessoa negra social e culturalmente, buscando uma identidade positiva, e é na Capoeira que ela encontra essa possibilidade, apropriando-se dela. Inajara percebeu muito cedo que as influências que estavam postas se distanciavam e negavam aquilo que representava a negritude.

No parecer das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, está explicitado que

É importante tomar conhecimento da complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra em nosso país. Processo esse, marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos (BRASIL, 2005, p.15).

Na fala de Inajara, percebe-se que sua construção identitária foi um processo bastante complexo, ao mesmo tempo em que ela sente e sabe o peso que representa ser uma mulher negra em nosso país, ela contraria o que a sociedade racista tenta impor aos descendentes de africanos. No núcleo familiar, ela se sente oprimida, assim como na esfera social, mas compreende que

Quando a gente vive numa família, ela é prejudicada por aquela sociedade que está ali oprimindo. Às vezes, os próprios familiares se tornam opressores da gente (entrevista em 2016).

No ambiente familiar, é tensionada e reprimida sua negritude; contudo, ela compreende que a atitude familiar é influenciada pela sociedade racista que impõe tais padrões. Outrossim, Inajara vê, na Capoeira, uma forma de se libertar dessa opressão, tendo de lidar com isso tanto no âmbito familiar, quanto fora dele “[...] O racismo é, por assim dizer, um regime de signos que sobrecodifica todos os outros signos de seu sistema e remete a uma atitude contra o negro e a negra [...]” (OLIVEIRA, 2012, p.36).

Indo contra essas imposições, Inajara demonstra uma atitude muito corajosa, porquanto conhece e vivencia a crueldade do machismo e do racismo; entretanto, não esmorece, pelo contrário, busca maneiras de ir contra aquilo que lhe oprime, afirmando-

se como mulher negra. Inajara evidencia a noção de que assumir sua negritude era uma forma de se empoderar e mostrar à sociedade que os negros têm valor, são uma referência positiva, indo contra preconceitos impostos desde sua infância.

Dessa forma, destaca-se que a Capoeira, enquanto espaço de educação e relações interativas, cria movimentos que se interseccionam com a perspectiva da Educação das Relações Étnico-Raciais, mesmo que essa seja pensada para espaços escolares.

A presença feminina no espaço da Capoeira Angola

Tendo como ponto de partida a reflexão anterior, que destacou a importância da presença das mulheres para construir uma Capoeira plural e ética, destaquei aqui os elementos de superação, mandinga, empoderamento e resistências que a Capoeira proporciona, por meio das narrativas dessas seis mulheres, que aprendem lutando e resistindo, mesmo que não seja um ambiente amplamente favorável para elas. Vive-se em uma sociedade machista, sob o olhar hegemônico dos homens brancos; assim como em relação à negritude, o hegemônico também assola as mulheres, o ser mulher, o feminino. A Capoeira, sendo um universo majoritariamente masculino, não teria como ser diferente.

Ser mulher dentro da Capoeira é trazer vida, é trazer vontade de vencer, de se superar. [...] Quando eu entrei na Capoeira, já fui invadindo, me apropriando dos espaços que eu sempre acreditei que era meu, e acredito que é (Inajara, entrevista em 2016).

Se em tempos remotos as mulheres tiveram menos espaços, tanto na sociedade, quanto na prática da Capoeira, vive-se agora, como exposto nas palavras de Inajara, momentos outros em que a presença feminina se conquista através da apropriação de espaços antes tidos como exclusivamente masculinos. A presença do sexismo na Capoeira, por exemplo, foi recorrente nos relatos aqui analisados, evidenciando traumas e necessidade de reação. Por sexismo compreendo as distintas formas de dominação masculina, inspirando-me em Bell Hooks (2013), quando alega que

não há ninguém entre nós que não sentiu a dor do sexismo e da opressão sexista, a angústia que a dominação masculina pode criar na vida cotidiana, a infelicidade e o sofrimento profundos e inesgotáveis (p.103-104).

Magnólia também confirma essa experimentação na vivência da arte, com a seguinte fala:

Às vezes, a gente nem lembra que é mulher, vai só vivendo. E as pessoas vão lembrando a gente. Normalmente são de formas ruins, invasões ou descrédito. Porque quando a gente tá no meio da Capoeira, está só querendo se divertir, viver, querendo sentir o momento. Aí, vão acontecendo coisas, e a gente percebe que aconteceu porque eu sou mulher (entrevista em 2016).

A expressão “*nem lembramos que somos mulheres*”, acompanhada da narrativa “*aí, vem alguém e lembra, mas de uma forma ruim*” é bastante instigante no sentido de pensar essa dominação que se estabelece cotidianamente, em movimentos de visibilidades e invisibilidades. Igualmente, as outras cinco capoeiristas também relataram sentimentos e compreensões acerca de momentos em que foram ou são tratadas de forma diferenciada por alguns homens no ambiente da Capoeira. Maria José Somerlate Barbosa (2005) destaca que nem sempre o tratamento diferenciado se dá de forma negativa, todavia, temos muito que avançar, pois

se ainda há alguns mestres, contra-mestres, professores e instrutores de capoeira que insistem em separar as mulheres dos homens ou em tratá-las de maneira diferenciada, de um modo geral, há respeito e consideração e, em muitos casos, as mulheres recebem dos encarregados das academias, das agremiações e dos grupos de capoeira um tratamento condigno ou até especial. Mesmo que, em certos círculos na capoeira, haja um duplo sistema de valores, de muitas formas simplesmente ecoa o que acontece na sociedade com um todo. A experiência da mulher na capoeira e as discriminações que sofre não divergem muito do que acontece em outras agremiações, na escola ou no trabalho. Isto não significa que seja louvável ignorar as atitudes machistas ou a moral dupla existente em alguns círculos de capoeira. Qualquer tipo de discriminação é deplorável e um exame da dinâmica de gêneros, em termos comparativos, não serve para desculpar o comportamento misógino; serve apenas para explicar que a dinâmica de gêneros na capoeira não é atípica nem anômala (BARBOSA, 2005, p.20).

Para Guacira Lopes Louro (1997), gênero é uma construção social e histórica, produzida sobre as características biológicas culturalmente solidificadas. No século XIX, acentuou-se a racionalidade dessa divisão sexual, onde as funções e papéis de homens e mulheres se dividiram, apoiando-se nas descobertas da medicina e da biologia (PERROT, 2010), determinando o que é papel da mulher e o que é papel do homem. As capoeiristas desta pesquisa dizem que essa “diferença” de tratamento acontece pelo fato de serem mulheres.

Magnólia conta que não pode simplesmente se divertir porque sente que esperam dela o que a sociedade construiu como função social do gênero feminino: mulher não bate, é delicada, frágil, tem determinadas atitudes no período menstrual, etc. Dentro da própria Capoeira, se estabelece também papéis diferenciados para homens e mulheres. O conceito de gênero abarca o que a Magnólia explicita em sua fala:

[...] Algumas vezes, em situações de roda, tu não está querendo ser tratada como uma mulher, e, daqui a pouco, cantam uma música “Menina Bonita”, tu está ali para jogar Capoeira, [...] parece que quer todo o tempo te lembrar que tu é uma mulher, em vez de te lembrar que tu é uma capoeirista (entrevista em 2016).

Magnólia, em última análise, parece estar reinventando o que é ser mulher e capoeirista. Essas seis mulheres podem estar, nas suas práticas culturais, mostrando que mulher pode, sim, jogar Capoeira e que, ao fazerem isso, estão transformando e reinventando a própria prática. Até pouco tempo, homens e mulheres se separavam em distintas práticas cotidianas, inclusive na Capoeira, com expressões compartilhadas no senso comum, como por exemplo - *mulher faz isso e homem faz aquilo*. Porém, algumas mulheres estão, em seus processos de empoderamento, redescobrimo-se enquanto tais e recriando a sua própria participação na Capoeira. As diferentes sociedades do passado e do presente dão funções diferentes para homens e mulheres. Não quer dizer que só homem ou só mulher possa fazer isso ou aquilo, as mulheres dessa pesquisa estão mostrando que o limite não é intransponível. Entretanto, algumas mulheres e homens ainda aceitam condições restritivas vinculadas ao gênero; além da padronização do jeito de amar, da mulher e do homem, assim como a padronização do jeito de ser mulher ou homem na Capoeira. Tudo isso está em transformação, assim como na sociedade, e essa transformação é demonstrada através das práticas socioculturais vividas no dia-a-dia.

Para Michele Perrot, as pesquisas feministas contribuem para uma reavaliação do poder das mulheres, tendo como intenção subverter o ponto de vista da dominação dos homens sobre as mulheres, buscando chamar a atenção “[...] para a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua “cultura” e a existência dos seus poderes” (PERROT, 2010, p. 170).

No caso desta pesquisa, as seis mulheres expressaram não aceitar sem resistências, na prática da Capoeira, o que seria o senso comum compartilhado acerca das *coisas de mulher e de homem*. Elas mostram que podem tocar o berimbau, jogar, liderar grupos, pode ser mestra, trenéis, lideranças, protagonistas, como narrou Fabiane:

As pessoas vão às rodas, aí, tem uma mulher no gunga⁴², e não respeitam porque é mulher. Vai respeitar porque eu tô no gunga, é minha casa e aqui é assim! Às vezes, tem umas inimizades, mas faz parte. É importante ser bem recebida independente de se eu sou mulher ou homem. Eu quero chegar numa roda e não quero que me vejam a figura feminina, eu quero que me vejam como uma pessoa que está entrando pra jogar, pra cantar e pra tocar (entrevista em 2016).

De acordo com Rosângela Costa Araújo as mulheres têm sido

contraventoras de várias linguagens de subordinação à “supremacia masculina” estas avançaram por sobre as representações binárias nas relações de gênero, modificando as paisagens dos recentes centros urbanos, conciliando atividades e atitudes diversas na aquisição e defesas de espaços para estar e transitar (ARAÚJO, 2016, p.88).

A palavra superação apareceu com frequência nas narrativas. Destaca-se o fato de que mesmo que Inajara e Fabiane ocupem um espaço que lhes é de direito, precisaram superar e enfrentar situações de preconceito, pois, embora ambas se sintam à vontade neste ambiente, apontam também a necessidade de transpor obstáculos até o momento. Superação remete à ideia de mudança de uma situação ruim para boa, transpor algo que está posto, como por exemplo, os limites corporais, a musicalidade, a assimilação dos saberes contidos na arte, além disso, a oposição por parte de alguns capoeiristas diante da presença feminina. A segregação social e política a que as

⁴² Berimbau que comanda a roda e possui o som mais grave.

mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito [...] (LOURO, 1997, p.17).

No século XIX, alguns etnólogos tendiam a apresentar as mulheres como passivas e oprimidas, incidindo-lhes papéis, funções e tarefas que se apoiavam em relações sociais não conflituosas, mais complementares do que adversárias, ou seja, equilibrada e o que desestabilizou esse equilíbrio foi a revolução econômica (PERROT, 2010). Um desejo de inverter os aspectos historiográficos tradicionais e mostrar a presença real das mulheres na história mais cotidiana é o que Michelle Perrot busca realizar e deseja com seus estudos sobre a história das mulheres, mais voltados para a partilha do que o conflito, baseados “[...] na existência de uma esfera, de um “mundo das mulheres” caracterizado pela sua sociabilidade, suas formas próprias de expressão, sua “cultura”, em suma” (PERROT, 2010, p.172). Compartilho das mesmas intenções da autora, observo as mulheres desta pesquisa criarem seus próprios espaços, as estratégias elaboradas para permanecerem na arte as fortalecem, e, dessa forma, se empoderam, inventando maneiras de vivenciarem a cultura da Capoeira, definindo suas esferas de atuação. Todavia, a intenção não é motivar o conflito entre homens e mulheres capoeiristas, mas compreender e fazer o registro das formas que as mulheres elaboram essas relações, por vezes conflituosas, e como interagem no ambiente da Capoeira cotidianamente, o que é de suma importância devido às representações muitas vezes equivocadas. Porém, não se pode deixar de refletir que “[...] a análise do poder das mulheres também é um jogo de poder” (PERROT, 2010, p.172).

As dificuldades ainda existem, baseadas na reprodução do mito do poder masculino, ideia herdada de séculos anteriores; tais visões geram preconceitos em relação às mulheres, cooperando para que existam dificuldades em reconhecer que elas estão lutando e trabalhando pela Capoeira e, em consequência, dando continuidade a ela.

Entretanto, a luta não é de todas, muitas ainda mantêm a postura de submissão, por uma razão de hierarquia, talvez, ou será que é porque esse é o funcionamento do mundo, simplesmente reproduzimos, assim somos ensinadas e formatadas todos os dias, em todos os contextos. Para complexificar essa resposta vincula-se tal postura ao modelo hegemônico que assola a experiência, assola o que dele se diferencia. Segundo Larrosa (2016), “vivemos nossas vidas como se não fossem nossas, porque não podemos entender o que nos acontece, porque é tão impossível ter uma vida própria quanto ter uma morte própria” (p. 54), os motivos podem ser muitos. No entanto,

quando apoiam posturas e ideias machistas, se omitindo ou ficando em silêncio diante de alguma situação de violência que outra mulher ou até mesmo ela venha sofrer, acabam contribuindo negativamente, e isso quer dizer consentimento; mesmo que todas as seis digam que a mulher é combativa e ocupa seu espaço.

Conforme Alessandra

A mulher, na Capoeira, eu acho que representa tudo, e, ao mesmo tempo, é feito de tudo para não ser nada. Os capoeiristas dizem que a Capoeira é feminina, eles sabem disso, mas eles tentam abafar isso o tempo todo” (entrevista em 2016).

Na fala de Alessandra, confirma-se o fato de que alguns homens ainda têm dificuldades em aceitar a presença das mulheres, mesmo que eles tenham o conhecimento da existência dos elementos simbólicos e mitológicos associados à feminilidade na Capoeira, pois

[...] poder também tratar da presença feminina através de aspectos mitológicos, simbólicos e analíticos da estrutura organizacional da capoeiragem, aqui centrada em participações observantes sobre suas formas de se representarem, lutarem e enfocarem uma estética própria que possibilite o desmonte dos elementos de subalternidades atrelados ao gênero (ARAÚJO, 2016, p.87).

Para Magnólia, igualmente se evidencia essa problemática da “subalternidade atrelada ao gênero”, desta vez relacionada à capacidade da mulher e como os homens demonstram isso

Um homem jogando com uma mulher ou tocando e cantando e não sendo tão bom quanto ela, acho que eles se sentem humilhados e não aceitam isso, é da própria criação deles. Agora, se a pessoa tá com medo e quer ser só ela a redentora do poder e do conhecimento, a oportunidade desses recursos, isso acaba sendo uma ameaça. [...] Quando a gente começa a procurar as razões disso, só consigo encontrar essa da ameaça de se expor, porque, de certa forma, eles acham que a gente é inferior. Tu ser exposto por alguém que é “inferior” a ti, para eles, é pior (entrevista em 2016).

Magnólia manifesta que alguns homens consideram a mulher como inferior, e, além disso, a posição privilegiada de poder ocupada pelos homens é ameaçada quando a mulher se destaca e demonstra suas habilidades na arte da Capoeira. No entanto, como afirma Rosângela Costa Araújo (2016), a feminilidade presente na simbologia da Capoeira pode contribuir para que essa visão de subalternidade relacionada ao gênero seja transformada.

A “*vontade de vencer*”, expressa por Inajara, indica que para estar nesse meio é preciso ter persistência. As mulheres precisam constantemente provar sua capacidade de vencer os desafios impostos dentro e fora da Capoeira. Apesar disso, elas não esmorecem, porque estão sempre em busca de ocupar esse espaço dignamente. Quando não é mais possível “frear” esse movimento feminino, alguns homens reagem com diferentes tipos de violências, sejam psicológicas, físicas ou gestos de desqualificação, tentando intimidar a presença feminina.

A presença e atuação da mulher na Capoeira Angola pode ser uma oportunidade para homens e mulheres capoeiristas refletirem sobre questões que os distanciam de alguns valores vinculados a elementos da cosmovisão africana, como referido por Olori Obá. Elementos das tradições africanas ressignificados nas práticas da Capoeira, como a importância do lugar ocupado pela mulher, a simbologia da Capoeira Angola expressa isso, uma vez que está vinculada a elementos da feminilidade como afirmam Elma e Alessandra:

A ginga vem de um nome de uma mulher. Capoeira, pra mim, é essa força da mulher. A força de que venha o que vier ela está sempre se transformando. Se você for ver na história da Capoeira, ela se transformou, está sempre aberta à flexibilidade da mudança. A Capoeira é amorosa, mas ela é perversa também. É o bote da cobra, é o poder da mudança, das estratégias, da mandinga (Elma, entrevista em 2016).

Elma associa a força que existe na mulher com o poder de transformação que a Capoeira possui, porque, ao longo dos tempos, a Capoeira veio se transformando e, mesmo assim, não perdeu seu potencial, nem a força para continuar existindo. Compreende-se que, assim como a Capoeira, as mulheres demonstram flexibilidade no trato, mas sem deixar de combater, na forma como elaboram os fundamentos contidos na arte da capoeira, como agem e o que assimilam durante o processo de aprendizagem na prática, levando isso para suas vidas.

Alessandra destaca a invisibilidade da presença das mulheres na Capoeira e como a história contribuiu ocultando essa presença, refere também à reincidência de falas, no meio da capoeiragem, de associação da simbologia da Capoeira ao feminino, no entanto, ao mesmo tempo que reiteram tal ideia, se contradizem nas ações.

Sempre existiu mulher na Capoeira, mas isso não é divulgado e é pouco mencionado. O que tanto falam na Capoeira Angola: Não é a força, é a malícia. Até mesmo a ginga vem do nome de uma mulher. Tem a lenda que o berimbau era o corpo de uma menina. Tudo que tu vai explicar da Capoeira é ligado à simbologia da mulher, e por que isso não é respeitado? Por que a mulher não é respeitada? É um medo que a sociedade tem (Alessandra, entrevista em 2016).

As referências à presença de mulheres e à existência de símbolos femininos na Capoeira, destacadas por Elma e Alessandra, mesmo que por vezes invisibilizadas, são características da arte que podem ser aqui ressaltadas. Alessandra, por exemplo, afirma, em consonância com Elma, que a ginga da Capoeira provém do nome de uma mulher, a Rainha Nzinga Mbandi Ngola, de Matamba e Angola⁴³. É mencionada, também por Alessandra, a lenda do berimbau sobre as “[...] aventuras de uma menina que, tendo desaparecido após a ação de um “homem mau”, teve o seu corpo transformado no berimbau” (ARAÚJO, 2016, p.87). Esse é um exemplo de simbologias que vinculam feminilidade à Capoeira Angola, no entanto, mesmo diante dessa referência, há o entendimento, demonstrado na fala de Alessandra, de que a figura feminina ainda não é respeitada. Entretanto, é o reflexo da sociedade, culturalmente enraizado em leis não escritas, mas aplicadas cotidianamente, como afirma Inajara

[...] A mulher tem que estar fazendo outra coisa, tem que estar se preparando pra casar, cuidar da família, menos para estar protagonizando uma coisa de valor para a sociedade (entrevista em 2016).

Essa fala demonstra que, para a sociedade machista e patriarcal na qual vivemos, a mulher não deveria estar fazendo Capoeira e, sim, se dedicando às atividades domésticas. Ela diz “*uma coisa de valor para a sociedade*”; mesmo a Capoeira sendo considerada patrimônio cultural imaterial, como citado anteriormente, enfrenta diversos

⁴³ Para saber mais: http://nzinga.org.br/pt-br/Rainha_Nzinga.

preconceitos herdados de tempos advindos, principalmente relacionados ao possível vínculo ou proximidade com as religiões de matriz africana. Provavelmente, o lugar da mulher também não é na Capoeira, caso se analise a sociedade como um todo. Acredita-se que a sociedade, a qual Inajara possa ter se referido, é a comunidade da Capoeira em si, e, nesse espaço, a presença feminina também é tensionada.

Pelos relatos, têm sido mais valorizadas, a habilidade corporal e a competitividade – aquela ou aquele que mais tem destaque ou quem dá mais golpes certos no outro; enquanto a amorosidade, a malandragem e o jeito mandingueiro e cortês durante o jogo têm sido esquecidos ou deixados em segundo plano. Exemplificada na fala de Fabiane:

O que acontece é que os homens têm essa mania de acharem que para fazer um bom treino de Capoeira têm que fazer mil e um movimentos, [...] isso e aquilo, acrobacias. Na Capoeira Angola antiga, nem existia essas acrobacias, eu sei que existe hoje em dia, mas tudo bem. Não pensam na parte de diálogo, de pergunta e resposta, na expressão corporal [...]. Já passei muito por isso, de jogar com uns caras, e eles quererem tirar uma onda para cima de ti porque tu é mulher, querem ganhar de ti de forma bruta, não na Capoeira, na elegância (entrevista em 2016).

Em alguns núcleos de Capoeira Angola, a amorosidade, a cordialidade, a malandragem e a sagacidade, como dizia mestre Pastinha: sem precisar apelar para a força física, perderam espaço para movimentos corporais mirabolantes ou ataques violentos desnecessários, e a energia feminina da Capoeira, em algum momento, se perdeu. Como destaca Olori Obá

As mulheres estão aqui, fazem parte desse complexo, por mais que hoje ainda seja um universo majoritariamente dos homens, de um poder hegemônico masculino, diferentemente das tradições religiosas de matriz africana, onde o poder ainda é muito forte da mulher. Na Capoeira Angola, eu acho que a gente perdeu um pouco disso e acho que nós representamos esse resistir de mostrar que as mulheres também são importantes nesse lugar; com corporeidades distintas, enfim, com outra forma de se expressar; mas, ela faz parte desse universo, não tem como, ele é complementar. E essa complementariedade é do masculino e feminino, sem pensar homem e mulher, mas masculino e feminino mesmo. (entrevista em 2016).

Na fala de Olori Obá, ela traz o exemplo das religiões de matriz africana e o poder da mulher vinculado a essas tradições. A Capoeira Angola, como parte dessas matrizes, se distanciou um pouco dessa referência; a resistência da mulher, por sua vez, em estar presente, é uma forma de lembrar a sua importância para o equilíbrio e a complementariedade das energias femininas e masculinas, tão importantes para que a prática aconteça de forma harmoniosa entre homens e mulheres.

Contudo, não tenho a intenção de afirmar que a mulher capoeirista transformou sua prática em algo homogêneo, porque outras mulheres ainda são submetidas a não elaborar seus empoderamentos; no entanto, a partir das narrativas, foi possível afirmar que as seis mulheres se empoderaram e, ao mesmo tempo, se tornaram mulheres fortalecidas com a Capoeira, modificando-a também como o retorno aos princípios vinculados a uma prática não violenta, mais sintonizada com os fundamentos da Capoeira Angola.

A seguir, mostra-se como esse empoderamento se faz em alguns relatos:

Não me lembro da minha vida antes da Capoeira, como eu era, o que eu queria fazer. Ela foi essa ferramenta de me reconhecer enquanto mulher, enquanto cabocla, isso me trouxe para a Capoeira [...] Eu não imaginava que aquela menininha lá do interior, que a Capoeira Angola fosse me transformar nessa mulher que eu sou hoje [...] (Elma, entrevista em 2016).

[...] essa característica da relação da cultura do terreiro, do Vô Congo com o grupo N'zambi, ali está minha família, minha mãe, eu aproximo minha família da família da Capoeira, e me fortalece muito essa união. Eu fico muito forte, empoderada. Mesmo sem estar em uma reunião discutindo o que é empoderamento, feminismo, me sinto ali muito forte (Elma, entrevista em 2016).

Na fala de Elma, fica nítida a importância da Capoeira Angola e da cultura do Terreiro para sua formação e empoderamento como mulher, esta ideia de empoderamento, sobretudo na vivência com a Capoeira, vincula-se também a identificação de sua origem cabocla. Esses elementos como bases educativas para tornar-se a mulher transformam-na em uma mestra de Capoeira. Autoconhecimento como sinônimo de empoderamento: eu me torno mulher e conquisto espaços nessa condição, ao mesmo tempo, transformo esses espaços que conquisto. Antes de conhecer a Capoeira, Elma cita que não lembra como era e o que queria fazer. Ao mesmo tempo

em que a arte ajuda a consolidá-la enquanto mulher, transforma-se, uma vez que, com a presença feminina, esta prática já não é mais a mesma, reforçando assim a ideia de que a Capoeira é uma prática cultural em constante transformação, comprovando isso pela presença das mulheres.

A Capoeira na vida de Elma provocou um direcionamento, indicando que a Capoeira pode ser uma ferramenta de educação e orientação para a vida, assim

Propiciando o entendimento de outras práticas formativas para valorizar também outras produções do conhecimento (com destaque para o “tempo de dentro”), este modelo de comunidade cultural nos aproximava também do rompimento da ignorância (pela denúncia) e dos obstáculos à formação das identidades nos sujeitos (ARAÚJO, 2015, p.88).

Para Magnólia, o aspecto de empoderamento deriva das experiências boas e ruins vivenciadas por ela. Empoderamento ou *empowerment*, na perspectiva de Paulo Freire, (1987) é um processo político de determinados segmentos da sociedade, que, a partir das próprias experiências, na construção de uma cultura “[...] se empenha na obtenção de poder político” (p.138), lutando para transformar as relações sociais de dominação.

Na fala de Magnólia, ela relata o seu processo de empoderamento a partir das experiências tidas na/com a Capoeira.

Para mim, Capoeira me fortaleceu muito como mulher, até nessas questões que a gente estava falando, dessas pequenas violências, essas coisas chatas, e também me fortaleceram. [...] Eu vejo que mudou bastante, na minha vida, o meu posicionamento como mulher no mundo. Eu sei do machismo, eu sei do problema que é chegar numa roda sozinha [...], mas, eu vou ir e vou lidar com isso e vou sair de lá mais fortalecida. Eu vou saber que vai ter homens que vão vir falar, mas, eu vou ter que ter uma resposta, uma postura (entrevista em 2016).

Assim como Elma, Magnólia tem a Capoeira como instrumento que contribuiu para que ela se fortalecesse como mulher, em um espaço onde ser mulher significa aprender a lidar, enfrentar as adversidades e se posicionar diante de situações desconfortáveis. Magnólia se educa na Capoeira, adquire experiência e vai se aprimorando; dessa maneira, torna-se possível também educar aqueles que cometem

algum ato de cunho machista, intencionalmente ou não. É importante dizer que nem todos os homens querem continuar a ter essas atitudes, muitos desejam desconstruir tais comportamentos, o problema é que são educados em uma sociedade machista, e isso afeta não só as mulheres, mas os homens também. No momento que se aprende a comunicar e lidar com tais situações, se educa o outro também. Como dito por Alessandra:

Eu percebo que esse incômodo, essa opressão, não incomoda só as mulheres; nessa sociedade machista, não são só as mulheres que sofrem, os homens também sofrem, muito. Só que eles têm o papel de dizer que não. E tudo que eles sofrem, reproduzem com as mulheres [...] (entrevista em 2016).

Pelos relatos, é possível perceber que a mulher tem diferentes maneiras de enfrentar o embate à sua presença, não necessariamente utilizando a força física ou outra forma de violência, mas, sim, utilizando um fundamento presente na filosofia da Capoeira Angola, através do que a própria arte ensina: a mandinga.

A Capoeira tem delicadeza, mas as pessoas levam muito a Capoeira Angola pro pau, pra luta, essa coisa de confronto, ela tem outra ligação, e a mulher busca essa ligação que é jogar com o outro na mandinga, na malícia (Fabiane, entrevista em 2016).

Fabiane destaca como as mulheres lidam e utilizam a artimanha conhecida como mandinga, ou seja, uma maneira criativa para lidar com situações problema, evitando apelar para o combate direto, buscando levar isso para o jogo propriamente dito, colocando em prática outra perspectiva, baseada na filosofia da Capoeira Angola. A mandinga pode ser compreendida como um recurso estratégico para a capoeirista, no sentido de oposição ao jogo violento, por exemplo. A criatividade, a brincadeira, a sagacidade, o aprender a *sorrir para o inimigo e apertar a sua mão*⁴⁴, são habilidades que a (o) capoeirista desenvolve para lidar com as adversidades. A mandinga, assim, desvela-se não apenas como possível forma de manifestação da capacidade de resistência criativa, mas também como mística de conexão religiosa. Pode-se também

⁴⁴ Expressão usual entre capoeiristas para expressar significados de mandinga.

remeter mandinga a ideia da Capoeira como prática cultural, que se transforma na medida da ação dos sujeitos em seus contextos sócio históricos.

Outra questão interessante é que, em função da ausência de referências femininas no meio da Capoeira, Elma relata que encontrou nas mestras da cultura popular maranhense, além dos vínculos com a ancestralidade como citado anteriormente, formas de elaborar seu empoderamento enquanto mulher:

Bebi da fonte de Dona Teté, que era uma mulher negra, lavadeira, e, na hora que se vestia, pegava sua caixa, virava, assim, um empoderamento muito grande. Uma figura de grande importância de grande valor na cultura. Aquilo foi me reforçando e dando um norte do que é nossa cultura, de quanto valor ela tem, e quanto empodera e alimenta a nossa autoestima, fortalece a gente enquanto ser humano, enquanto mulher. [...] Não tinha capoeirista mulher na época, a referência era sempre do masculino, as referências femininas, eu fui buscar nas mestras de tambor de crioula, nas coreiras, na mestra de cacuriá, Dona Teté, na Dona Elza que é mestra de caroço, aí me deparei com aquela figura do mestre Pato, que era homem, tinha um sistema de educação patriarcal (entrevista em 2016).

A fala de Elma demonstra o quanto referências femininas são importantes para a autoestima e empoderamento das mulheres; pela carência de referências femininas na Capoeira, ela vai ao encontro de mestras da cultura popular, que enriquecem a sua vivência como mulher na Capoeira, como contraponto à educação patriarcal tida na figura do mestre. Não é que existam poucas mulheres na Capoeira, existem muitas mulheres que possuem muito conhecimento a respeito da prática, no entanto, é necessário considerar que Elma vivencia essa situação nos de 1980, no Maranhão; o movimento de mulheres, a partir destes anos, já havia constituído, conforme Araújo (2015), uma base sólida, contudo, nos grupos da Bahia. Essa realidade, entretanto, não reflete a maioria dos estados brasileiros, uma vez que Elma relata não haver referências femininas na Capoeira do Maranhão, mesmo assim, ela encontra uma forma de se fortalecer, aproximando-se de mulheres da cultura popular maranhense, arranjando um jeito de driblar essa ausência de referências femininas na arte da Capoeira.

Mais uma questão que merece atenção é a permanência ou não de mulheres na prática e o que elas pensam sobre isso. Duas das seis entrevistadas já não participam ativamente do movimento por razões que serão explicitadas nos seus relatos a seguir.

Conforme Alessandra, o motivo de seu afastamento da Capoeira foi porque

[...] no ano que mais “bombou” o evento, começaram a cogitar a ideia de que os homens participassem. E, novamente, eu fui a única que não concordei com isso e me retirei das reuniões porque, para mim, perdia a característica principal do evento. Isso foi motivo para eu ser rechaçada, hostilizada a ponto de levar uma rasteira em uma roda de Capoeira que não era do nosso grupo, mas de alguém lá de dentro. Não foi bem uma rasteira, foi um pontapé na panturrilha de uma maneira muito estúpida. [...] A liderança do grupo não estava presente e nem quis tomar conhecimento da questão. Eu entendi o recado, que era “saia!”. Saia daqui com a sua ideologia, sua liberdade e seu posicionamento. Levei esse chute, torci meu pé, perdi espetáculo, perdi dinheiro, e nem sequer o colega que me machucou ligou uma vez para saber como é que eu estava. Que família é essa, que o irmão tá lá em cima de uma cama e o outro nem liga para saber. Depois dali eu vi que tinha que dar um tempo da Capoeira. Toda o movimento pela questão da mulher estava me dando essa resposta (Alessandra, entrevista em 2016).

Alessandra relata que o afastamento ocorreu por questões que envolveram o grupo que ela participava, pois havia uma preocupação da parte dela em manter algumas combinações relacionadas a um evento que acontecia anualmente, voltado para as questões de gênero na Capoeira. Primeiramente, foi delegada às mulheres a organização do tal evento, mas, quando o movimento foi crescendo, houve a intervenção por parte dos homens do grupo.

No ponto de vista de Alessandra, não era positivo incluir os homens naquele momento – que eles participassem das reuniões –, isso gerou alguns descontentamentos, que resultaram em conflitos declarados em uma roda de Capoeira. Do mesmo modo, a liderança do grupo parece não ter se empenhado em dar orientação e apoio ao pedido de auxílio de Alessandra, que resultou no seu afastamento da Capoeira.

Não é de hoje que a voz feminina encontra resistência em ser pronunciada e ouvida, no entanto, no relato em tela, somente Alessandra discordava do resto do grupo. Conforme ela disse, o evento foi ganhando maiores proporções, seria por isso as mulheres não teriam capacidade para conduzir e organizar tal atividade? Eles precisariam tomar parte nisso porque o sucesso não poderia ser das mulheres? Mesmo que alguns eventos e encontros de Capoeira sejam voltados para as demandas das mulheres, ainda acontecem sob a supervisão e coordenação dos homens.

No caso de Olori Obá, foram outros motivos que levaram ao seu afastamento, como se verá, a seguir.

Em 2008, eu engravidou, e, ali, eu tive problemas, como ter que fazer repouso, parar de treinar, e não podia fazer atividades muito intensas. E eu posso dizer, sim, a gravidez acabou me afastando [...] (Olori Obá, entrevista em 2016).

É evidente que existe um peso maior para as mulheres se considerarmos as jornadas duplas de trabalho, maternidade, gravidez de risco, e, muitas vezes, a exigência de que ela participe ativamente de todas as atividades do grupo ao qual está vinculada. Não que a mulher não possa ter essa dedicação, contudo, é preciso considerar as atribuições e demandas da vida cotidiana, como profissão, estudos e maternidade, conforme dito por Olori Obá

E a vida vai nos levando pra outros caminhos [...] é mestrado, é doutorado, são várias questões que a gente vai desenvolvendo e que, para nós, mulheres, têm algumas coisas que acabam ficando sempre em segundo plano, e a Capoeira foi uma delas. Acho que a questão que está colocada para nós, mulheres: o quanto é difícil, e que essa sociedade acaba nos levando a colocar algumas coisas em segundo plano, tendo em vista todas as exigências que são colocadas pra nós. Quer dizer, a gente tem que ser supermulheres, supercapoeiristas. É algo que acaba sendo meio que impossível [...]. Isso não teve mais sentido pra mim, ser supercapoeirista deixou de ter sentido (entrevista em 2016).

Maria José Somerlate Barbosa destaca que

Muitas mulheres levantaram esta polêmica, ponderando que a maternidade e outros papéis e afazeres na vida pessoal e profissional não lhe permitem uma dedicação exclusiva à capoeira. Neste caso, existe um paralelo também entre a posição da mulher na capoeira e a que ela ocupa no mercado de trabalho em geral (BARBOSA, 2005, p.23)

Ao mesmo tempo, as mulheres que a autora entrevistou em seu trabalho de pesquisa relataram que “[...] não veem biologia como um empecilho e que é comum que as capoeiristas continuem a jogar durante a gravidez, principalmente nos jogos menos acrobáticos” (BARBOSA, 2005, p.24), e, provavelmente, não é, entretanto, no caso de Olori Obá, a questão era de risco para a vida da criança que ela estava gerando em seu ventre. Coincidentemente, a cobrança social, e, em consequência, do grupo, recai sobre as mulheres que passam pela experiência da gravidez. É possível perceber essa situação nas falas em destaque, bem como em outro caso semelhante trazido por Magnólia, a seguir, relacionado ao fato de que algumas capoeiristas do grupo não estavam se dedicando integralmente à Capoeira por causa da gestação.

[...] várias mulheres engravidaram e tiveram que parar de treinar, ficaram fragilizadas, como um ser individual e potente dentro da roda. Senti, principalmente, essas mulheres começaram a querer se fortalecer de novo, só que de outra maneira. Mudaram os objetivos das mulheres, mais como capoeiristas mães, a violência doméstica que começou a aparecer nos relatos e denúncias (entrevista em 2016).

As mulheres que se tornaram mães naquele grupo apresentaram outras demandas, como a necessidade da discussão sobre a qualidade das relações entre elas e seus companheiros capoeiristas, possivelmente, vendo no grupo, a figura de apoio para auxiliar nessas questões; aquilo que acontecia na intimidade dos casais estava sendo denunciado por elas. Se acontecerem conflitos entre os casais, isso provavelmente afetará a frequência de um dos dois no dia-a-dia na prática da Capoeira. No caso citado, em particular, arrisco dizer que as mulheres estavam primeiramente sendo afetadas, talvez, fosse isso que elas estavam tentando denunciar: as violências que vinham sofrendo, e, por isso, estavam reivindicando o apoio das(os) companheiras(os) de grupo.

A cobrança também surge na fala de Fabiane, onde as mulheres precisam ser *supermulheres*, e Olori Obá referiu-se, anteriormente, sobre se tornar uma *supercapoeirista*. Para Fabiane,

[...] o homem vai querer abafar a mulher, eu acho que essa coisa que a sociedade impõe para a mulher, dela ter que ser supermulher, tem que trabalhar na rua, tem que cuidar da casa, tem que cuidar de filho, tem que fazer tudo, decidir as coisas e ainda fazer a Capoeira; é muito pesado. A sociedade influi para que a mulher se afaste da Capoeira, não é a Capoeira que faz com a mulher se afaste (entrevista em 2016).

No caso de Magnólia, outras questões foram apresentadas

[...] No ano de 2015, tiveram muitas pressões coletivas das meninas dentro do grupo por desejo de ter espaço, encontros, irem a atividades que interessavam a elas, atividades feministas, e, por outro lado, teve muita pressão de outros membros do grupo e do mestre em querer controlar um pouco esse movimento. Isso desgastou muito nossa relação, porque eu fui uma das meninas que mais pressionou nosso interesse, que era participar das atividades e se encontrar e tal, propor atividades feministas ali, que gerassem reflexão, e isso desgastou muito a minha relação pessoal com a liderança do grupo. Nesse meio tempo, tudo muda, [...] as pessoas mudam, então, o perfil do grupo mudou também, na minha visão pessoal. Entraram muitos, principalmente homens, da Capoeira Contemporânea, com valores da Capoeira Contemporânea, e não foram atualizados os valores que eram mantidos ali. [...] Começou a ter muita disputa desse grupo mais novo que entrou, querendo disputar com o pessoal mais antigo. Quem ia preparar a roda, quem ia tocar berimbau, quem ia jogar essa disputa por visibilidade. Ficou muito tempo sem ter esse bate-papo sobre a mulher na Capoeira (entrevista em 2016).

A necessidade de afastamento, de acordo com a fala de Magnólia, surgiu a partir do momento que ela percebeu que a liderança e alguns membros do grupo queriam *controlar* os interesses das mulheres, para que elas não aprofundassem e trocassem informações com outras que se interessavam pela discussão e reflexão sobre a qualidade das relações de gênero na Capoeira. Também houve influência da mudança de valores mais afinados com a Capoeira Contemporânea daqueles que estavam chegando ao grupo, mais voltados à competição por visibilidade, o que resultou na dominante masculinidade, indicando um retrocesso para a conquista e visibilidade das mulheres naquele espaço de Capoeira.

A Capoeira como espaço de tensões e resistências

A roda, agora, entra em um momento tenso, pois, de acordo com as falas das capoeiristas, é possível entender o quanto as atitudes de alguns homens contra as mulheres nas rodas de Capoeira são violentas e causam sofrimento, demonstrando que nós mulheres temos ainda muita luta pela frente.

Marilena Chaui (2011) entra na roda para explicar o significado da palavra violência e auxiliar nessa reflexão

A palavra violência vem do latim *vis*, força, e significa: 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) modo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror (CHAUI, 2011, p. 379).

No trecho a seguir, Elma declara que sofreu diversos tipos de violências, provavelmente, com a intenção de intimidá-la e fazer com que desistisse de estar na Capoeira – como se não tivesse o direito de ocupar tal espaço, nem mesmo sendo uma mestra de Capoeira. Tal relato demonstra que a luta contra a opressão masculina está apenas começando. Por meio das falas das capoeiristas, é possível compreender com

mais nitidez a que é ser mulher praticando Capoeira e como a violência de gênero está atrelada a isso.

[...] Vinham com um discurso de desqualificação, desvalorização, de me retirar de rodas, situação extremamente constrangedora e violenta. Violência de várias formas, psicológica, moral, sofri tudo isso na minha caminhada, mesmo sendo mestra, depois de formada, e a gente vai aprendendo e se fortalecendo. Eu sofri muito, mas nunca desisti. (Elma, entrevista em 2016).

Elma enfrentou variados tipos de violências, mesmo assim, ela se fortalece e não desiste. A mestra ou o mestre é a autoridade máxima na hierarquia da Capoeira, em teoria, homens e mulheres devem ser respeitados por sua experiência e sabedoria, entretanto, alguns homens ferem tais fundamentos, e, muitas vezes, exclusivamente, por se tratar de uma mulher ocupando tal posição.

Outro exemplo, dessa vez citado por Magnólia, ao que tudo indica, se tratava de uma “brincadeira”.

Certa vez, eu fui a uma roda de largo, festa, não é roda de Capoeira Angola ou Regional, é uma roda de tudo. Tinha até uns mestres que eu conhecia, mas, eu fui meio que sozinha ou fui com a Karine, não lembro. Eu estava jogando, era jogo de compra, e, aí, entrou um mestre que eu já conhecia e fiquei tranquila. Ele, em vez de jogar comigo, me pegou, me levantou, tipo no colo, acima da cabeça, e girou comigo no ar e me jogou na galera, que nem show de rock, e gritou: “Olha a mulher aí!” (Magnólia, entrevista em 2016).

Nota-se que nem todas as situações que acontecem são consideradas como violência, porém, obviamente, não deixam de ser. Magnólia não pareceu incomodada com essa situação. Nesse caso, há uma naturalização referente a este tipo comportamento por parte de quem o sofre, e, também, por quem o pratica. O capoeirista pegou e jogou uma mulher em cima das pessoas, não um homem. Que motivos teve o capoeirista para tratá-la desse modo? Ele nem deu chance para que um jogo pudesse acontecer e arremessou-a para fora da roda. Provavelmente, por acreditar que Magnólia é alguém que não merece respeito, que nem deveria estar ali ou por não considerar essa atitude como violência, para ele deve ser natural tratar as mulheres dessa forma.

Outro caso será relatado onde o contrário se revela, sem tons de “brincadeira”, entretanto, uma circunstância de violência declarada, vivenciada por Fabiane. Aqui a situação pareceu mais uma afronta, um abuso de poder abonado pela hierarquia da Capoeira, onde um contramestre interrompeu o jogo que ela fazia com outra mulher para desafiá-la. Se ela estivesse jogando com um homem, talvez, ele não tivesse tido tal atitude.

Fui a uma roda aqui em Porto Alegre e um pinta me tirou pra jogar, eu não vou citar nome para não ser deselegante, um cara da Regional, e quis meter o pé na minha cara de qualquer jeito, para mostrar que ele era bom. Isso aconteceu comigo não faz muito tempo, eu estava jogando com uma amiga, e um contramestre da Regional atravessou a roda e mandou a minha amiga sair, e eu: “Como assim?”. Eu não estava entendendo. E ele: “Eu sou contramestre, na hora que eu quiser eu termino um jogo e entro para jogar, não é verdade?”, perguntando ao dono da casa, e esse não falou nem sim, nem não. Ele entrou ali para me pegar, entendeu? Ele queria bater no meu rosto de qualquer jeito, um jogo horrível. [...] Aquele dia ficou marcado por que eu percebi o quanto estavam sendo machistas, não só o cara que tentou me bater, mas o contramestre dono da casa também, ele não soube se posicionar pela política da boa vizinhança (Fabiane, entrevista em 2016).

Elma, Magnólia e Fabiane narram situações bem pontuais, o que remete àquilo que está posto na sociedade. Marilena Chaui (2011) cita como exemplos as diferentes formas de violência: o machismo, “[...] o racismo, o sexismo, a intolerância religiosa, sexual e política [...]” (p. 383). De acordo com a autora, aquele que comete o ato não considera isso como forma de violência, pois “[...] a sociedade não percebe que as explicações oferecidas são violentas porque está cega ao lugar efetivo de produção de violência” (CHAUI, p.383). E, no que toca a Capoeira Angola, existe um discurso de não violência; todavia, atos violentos continuam acontecendo em várias situações nesse meio, principalmente, contra as mulheres.

As situações que foram narradas pelas capoeiristas vão ao encontro do que Marilena Chaui (2001) menciona sobre a sociedade não considerar determinadas formas de violência como tais. A autora destaca que, no Brasil, criou-se um mito da não violência, sustentando uma imagem do povo brasileiro como “[...] ordeiro e pacífico, alegre e cordial, mestiço e incapaz de discriminações étnicas, religiosas ou sociais, acolhedor para os estrangeiros, generoso para com os carentes, orgulhoso das diferenças regionais [...]” (CHAUI, 2001, p.383), o que, na realidade, oculta várias formas de

violência, indicando uma “justificativa” para a não configuração declarada do ato violento, implicando na sua naturalização.

Ninguém na roda se posicionou contra a violência que sofreu Magnólia, aos olhos do público que assistia aquilo não passava de uma “brincadeira”, mas em minha análise ela tem um conteúdo simbólico profundo, vinculado ao desrespeito do mestre em relação a ela como mulher e capoeirista. E, no caso de Fabiane, embora sejam situações diferentes, as pessoas que estavam na roda também não fizeram nada, nem mesmo o capoeirista que comandava a roda. A violência simbólica e concreta acontece, e nem sempre as relações sociais cotidianas problematizam as mesmas, inclusive dentro das práticas culturais da Capoeira.

Apesar do sofrimento, todavia, essas mulheres resistem, buscam e encontram maneiras de darem continuidade à prática elaborando estratégias para resistirem e permanecerem na Capoeira. Pode-se perceber isso pela fala de Olori Obá

[...] elas buscam resistir nessa perspectiva desse matriarcado que foi um pouco esquecido na Capoeira Angola, da Capoeira de um modo geral. Eu acho que nós somos símbolos dessa resistência, dessa matriz. Por isso, a nossa presença é fundamental, por que senão a hegemonia desse corpo masculino brutalizado vai ser a única verdade, e não é! O nosso corpo, a nossa expressão, também é uma verdade que precisa estar colocada ali em diálogo, por isso a resistência permanente (Olori Obá, entrevista em 2016).

Uma palavra que eu uso bastante é resistência, porque a gente é testada mil vezes mais do que os homens (Fabiane, entrevista em 2016).

No trecho da fala de Olori Obá, ela traz a presença feminina como um símbolo de resgate do matriarcado, tendo como referência tradições religiosas vinculadas à matriz africana; valores não tão estimados por alguns praticantes da Capoeira, notadamente por atitudes muitas vezes brutalizadas ou de desqualificação em relação às mulheres. O corpo e a expressão feminina são possibilidades de resistência, diálogo e oposição à hegemonia masculina.

Fabiane relata que, por ser mulher, ela será muito mais testada do que se fosse um homem praticando a Capoeira, nota-se, nas falas, que a presença feminina ainda é motivo de desconfiança, como se a mulher não tivesse a mesma capacidade do homem. De acordo com Guacira Lopes Louro, para que seja possível conhecer a origem desta problemática, é necessário compreender que

As justificativas para as desigualdades precisam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 1997, p.22)

Além da origem deste problema ser histórica, social e cultural (LOURO, 1997), possivelmente o que contribui também para essa desigualdade é fato de que exista um número bem maior de mestres e professores formados e formadores, por isso, ver a mulher como protagonista, seja na roda ou na liderança de um grupo, por exemplo, pode ser considerado atípico. Igualmente, pode significar que o machismo impregnado na sociedade se reflete na Capoeira, onde a mulher é considerada, por vezes, como incapaz de realizar determinadas atividades, como se verá, a seguir, no relato de Magnólia.

Se eu estou tocando e tem dois homens tocando ao meu lado, sempre vão pedir pra mim, sempre vão achar que eu estou cansada, que eu não consigo, que eu tenho que passar o berimbau. Eu acho que é muito machismo querer que as mulheres sempre passem o berimbau. Isso acontece em todas as rodas, isso é uma violência, mas a gente está tão perto de outras violências que isso acaba se tornando normal, que já sei que vou pra uma roda e vou ter que lidar com isso. (entrevista em 2016).

De acordo com Rosângela Costa Araújo, deve-se considerar

[...] a pluralidade de formas de expressão da violência, [...] destacando a baixa expectativa em torno da própria formação destas no que diz respeito ao aprendizado da capoeira, denotando a permanente crença na sua fragilidade e, conseqüentemente, na (de)limitação dos espaços a que estas estão autorizadas a atingir e transitar. Isto pode nos permitir reafirmar a existência de uma dominante masculinidade [...] (2016, p. 86).

Na situação descrita por Magnólia, de “sempre” pedirem o berimbau primeiro para a mulher que está na bateria tocando, reflete a baixa expectativa na formação e capacidade das mulheres. Essa permanência de uma dominante masculinidade reproduz a desigualdade e, em muitas situações, faz estremecer as relações entre as/os capoeiras, no caso de alguns homens que não reconhecem e não fazem questão de dar espaço por acreditarem que elas não têm capacidade e/ou o direito de estarem ocupando

determinadas funções, exclusivamente, por serem mulheres. Ainda que seja nos pequenos gestos e em diferentes situações, esses comportamentos se configuram como tipos de violências; ocorrendo por uma questão de gênero, como o exemplo citado por Magnólia; no entanto, as mulheres permanecem e resistem.

A experiência que as mulheres trazem para a Capoeira pode ser interpretada como um “jeito” diferente de conceber as coisas na resposta dada durante um ato violento, por exemplo, elas relataram que tentam não reproduzir ou fazer o mesmo. As mulheres respondem de outra maneira às provocações e adversidades, mais afinada com a filosofia e princípios da Capoeira Angola. A resposta não é violenta, o que não quer dizer que seja uma atitude passiva, sem efeito, entretanto, é uma resposta dada com firmeza.

Diferente da atitude das outras cinco mulheres, Olori Obá relata

Eu acho que essa truculência, vamos dizer assim, dos meninos em relação às meninas no jogo da Capoeira, eu lembro que sempre estava muito presente, e, quando a gente questionava, era mal entendido. Eu sou uma pessoa grande, sempre tive força, e acabou que eu também sempre joguei pesado com os guris, no sentido de que eu não tava nem aí se tivesse que chutar a cara de um, mas, aí, eles me chutavam também. [...] Talvez essa tenha sido uma estratégia de resistência que eu acabei construindo para me colocar, para impor também minha corporeidade num jogo, por exemplo, porque eu sei que intelectualmente eu ganhava. Se eu tivesse que fazer um debate, eu sabia que ia ganhar, mas eu também tinha que ganhar no jogo, entende? E isso tem a ver com a violência sofrida, porque é uma forma de tu resistir, então, tu vai para o enfrentamento, tu vai para a batalha, para o *front*. (entrevista em 2016).

Michelle Perrot afirma que “as mulheres não são passivas nem submissas [...]. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos” (1998, p.212). Isso é demonstrado nas narrativas de Elma e Olori, embora Elma, em contraposição, diga:

[...] Nunca precisei deixar a Capoeira por conta disso (violência). Eu sabia que aquilo não era da Capoeira, mas daquele capoeirista equivocado, mas não era dela (entrevista em 2016).

As seis mulheres demonstraram que não são passivas, nem submissas, reagem, todavia, de modos diferentes. A força da mulher se comprova pela resistência e

insistência de permanecer em um ambiente que não favorece a presença feminina, lidando com isso diariamente. No entanto, nem por isso elas desistem; reafirmam sua capacidade diante das negativas masculinas. As capoeiristas contam suas experiências, situações que envolvem muitas tristezas e alegrias também, e como as superaram, resistindo. Tal força demonstra um jeito diferente de fazer Capoeira, representando uma das singularidades da presença feminina: a não violência.

Ao concluir esta parte percebo, nas narrativas das seis mulheres, que a cultura da Capoeira Angola impactou cada uma delas de diferentes maneiras, influenciando, guiando e orientando suas formas de ver o mundo, de se posicionar enquanto mulheres de diferentes origens no ambiente da Capoeira, cada uma delas com suas peculiaridades. Embora tenham vivenciado muitas situações desagradáveis, essas mulheres viram na Capoeira Angola a maneira de se empoderarem e se reencontrarem com suas origens ancestrais, sendo essa sua base educacional, política e ética para a vida.

ADEUS QUE EU JÁ VOU EMBORA, PELAS ONDAS DO MAR EU VIM, PELAS ONDAS DO MAR EU VOU EMBORA⁴⁵...

A roda desta pesquisa está chegando ao fim, todavia, as experiências e histórias das mulheres na Capoeira Angola continuam e, por isso, não se encerram aqui. Até mesmo o que deixei registrado com este estudo já se tornou passado, devido ao constante movimento da vida. Ter escutado os relatos de memórias das experiências das seis capoeiristas foi um grande aprendizado como pesquisadora, capoeirista, educadora e, principalmente, enquanto mulher. Realizo um grande desejo: fazer o registro, a guarda e o compartilhamento das narrativas dessas capoeiristas, buscando dar evidência ao que elas mesmas produziram de saberes. Dessa maneira, busco colaborar para promover a visibilidade da presença feminina na Capoeira Angola de Porto Alegre.

Não é possível mais olhar e entender a Capoeira sem a presença das mulheres. Mulher e Capoeira são indissociáveis no tempo presente. Acerca do passado, ainda temos lacunas por falta de pesquisas e registros diminutos, porém, é possível compreender que possa ter havido menos participação de mulheres na arte. Na atualidade, porém, são muitas as evidências de que essa prática cultural se transforma a partir da presença feminina. Minha intenção foi abrir caminho para outros trabalhos que se somem a essa premissa: não é mais possível falar de Capoeira sem falar de mulher.

Este trabalho, de alguma forma, consolida a ideia de que a Capoeira é uma prática cultural múltipla, plural, e que a presença das mulheres transformou essa prática, especificamente na experiência dos grupos de Porto Alegre. Uma prática cultural que é apropriada pelas mulheres e que é recriada por elas.

As memórias de experiências aqui relatadas também demonstram importantes contribuições para a Educação, na forma de ensinar e aprender a partir dos princípios da pedagogia da Capoeira Angola, fundamentados pela cosmovisão africana. A análise buscou destacar e reconhecer os processos que demonstram como essas seis capoeiristas se educam e educam na vivência da/com a Capoeira. Tal enfoque analítico enfatiza que essa prática cultural é igualmente uma prática educativa, com potencial para contribuir em ações de combate à discriminação de gênero e de raça. Nessa perspectiva, destaca a valorização da oralidade, da corporeidade, da arte, do aprendizado acerca do patrimônio cultural afro-brasileiro, presente na prática da Capoeira, através de sua diversidade de

⁴⁵ Música de despedida, autoria desconhecida.

elementos capazes de contemplar muitos dos temas citados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

Reconheço, a partir de meus estudos e revisão de literatura, as investigações sobre Capoeira como constituintes de um campo consolidado na academia, vigoroso e potente, com destacado crescimento do número de pesquisas sobre mulheres na Capoeira, sobretudo escrito por mulheres e intelectuais negras. Tal observação é destacada nas escritas de Rosângela Costa Araújo, a Mestre Janja. Na revisão de literatura, também percebi o aumento de trabalhos, em especial artigos acadêmicos, que trazem contribuições importantes para as discussões das relações de gênero na Capoeira. Meu trabalho se insere na perspectiva de contribuir com esses estudos.

As histórias das experiências dessas capoeiristas demonstraram que mulher e Capoeira são indissociáveis atualmente, queiram ou não os homens. Ao mesmo tempo, destacam que essa indissociabilidade resulta de conquista de mulheres que lutaram, superaram e resistiram, construindo processos de empoderamento, tornando-se mestras, professoras, praticantes, entre outras profissões, consolidando suas histórias de vida associadas à Capoeira.

O que é ser mulher na Capoeira é o que este trabalho está mostrando: antigamente a mulher não podia muitas coisas, hoje ela pode. As tensões e resistências vividas e ressignificadas por essas mulheres no meio da Capoeira, apesar de todo sofrimento que isso possa ter causado, demonstram sua força e capacidade de transformação em suas práticas culturais e cotidianas. As capoeiristas, sujeitas desta pesquisa, buscam e encontram maneiras para permanecerem neste universo e expressam isso como um jeito diferente, no modo de conceber as adversidades. Suas respostas não são violentas, o que não significa passividade, mas compreensão da diferença de ser mulher praticando a Capoeira Angola. Igualmente, elas demonstram que a expressão feminina é uma possibilidade de resistência, diálogo e oposição à hegemonia masculina presente na Capoeira e na sociedade de maneira geral. Ainda, existem muitas batalhas que nós, mulheres, precisamos enfrentar especialmente contra preconceitos advindos do machismo e sexismo presentes, dentro e fora das rodas de Capoeira.

As mulheres capoeiras presentes neste estudo relataram como vivem e pensam sua presença feminina na arte da Capoeira e como isso impactou suas vidas, demonstrando que se tornaram mulheres empoderadas, fortalecidas, que reconhecem seus vínculos ancestrais, dando significado a eles no presente, resgatando esses

fundamentos pela forma como atuam, aprendendo, ensinando e praticando a Capoeira Angola, *da pequena para a grande roda*, a roda da vida.

IÊ!!⁴⁶

⁴⁶ Brado que também é utilizado para o encerramento da roda de Capoeira.

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro R. **Mestres e capoeira famosos da Bahia**. 2 ed. – Salvador: EDUFBA, 2013.
- ALBERTI, Verena. **O lugar da história oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- _____. **Histórias dentro da História In: FONTES HISTÓRICAS**. Carla Bassanezi Pinsky (organizadora) 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2008.
- AMADO, Janaína. A CULPA NOSSA DE CADA DIA: Ética e História Oral. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 15, p. 145-155, abr. 1997.
- ARAÚJO, Rosângela Costa. **É PRETA KALUNGA: A capoeira angola como prática política entre os angoleiros baianos - anos 80-90**. Rio de Janeiro: MC&G, 2015.
- _____. Abrindo a roda: conhecimentos que gingam. **Z Cultural. Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea UFRJ**. Rio de Janeiro, Ano VIII, n.2, S/P, 2015. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/abrindo-a-roda-conhecimentos-que-gingam/>.
- _____. **Elas Gingam!**. CIAS Discussion, Japão, n. 64, p. 85-93, mar. 2016.
- BARBOSA, Maria José S. A mulher na Capoeira. **Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies**, Volume 9, p. 9- 28, 2005. Disponível em: https://sementedojojogodeangoladf.files.wordpress.com/2014/08/mulher_na_capoeira.pdf
Acesso em: 12 Dez., 2015.
- BARBOSA, Viviane M. Capoeira Angola na escola: uma alternativa à formação integral dos estudantes. 2013. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação/ UFRGS, Porto Alegre, 2013.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Promoção de Políticas da Igualdade Racial. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações**

étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

Brasília, 2004.

_____. **Dossiê Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como**

Patrimônio Cultural do Brasil – Brasília: IPHAN, 2007. Disponível

em: <<http://www.iphan.gov.br/bcrE/pages/folBemCulturalRegistradoE.jsf>> Acesso em: 15 abr. 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3 ed. São Paulo:

Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ:

Vozes, 2012.

CHAUI, Marilena. Ética e violência no Brasil. **BIOETHIKOS - Centro Universitário São Camilo**, v. 5, n. 4, p. 378-383, 2011.

DORNELLES, Ederson Alberto Teixeira. **Monsueto, Nino Alves e Churrasco: A reconstrução da História dos primeiros mestres de capoeira em solo gaúcho.**

(Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, A memória é de quem? Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar. In: **História da Educação**. Pelotas (8): 141-174, set. 2000.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. 3 ed. Rio de Janeiro – RJ: Paz e Terra Educação, 1987.

FRIGERIO, Alejandro. Capoeira: de arte negra a esporte branco. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v.4, n.10, jun., 1989. Disponível em:

http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_10/rbcs10_05.htm. Acesso em: 20 jun. 2015.

HALWBSBACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A Entrevista compreensiva: um guia para a pesquisa de campo**. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.

LEAL, Luiz Augusto P. **A política da capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará Republicano (1888-1906)**. Salvador, BA: EDUFBA, 2008.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. [S.L], n. 19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr. 2002.

_____. **Tremores: escritos sobre a experiência**. 1 ed.; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 2 ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 1997.

MATTOS, Jane. R. de. **Pulera e Birú: Indícios da capoeira na Porto Alegre dos séculos XIX e XX. (2009)**. Não paginado. Disponível em:

<http://www.webartigos.com/artigos/pulera-e-biru-indicios-da-capoeira-na-porto-alegre-dos-seculos-xix-e-xx/22017/>. Acesso em: 8 de set., 2015.

NUNES, Vinicius C. **Capoeira Rio Grandense: Uma análise da manifestação cultural escrava na Região Sul do Estado nos séculos XIX e XX**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2013.

OLIVEIRA, Josivaldo P. de; LEAL, Luiz A P. **Capoeira, Identidade e Gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da Ancestralidade como Filosofia Africana: Educação e Cultura Afro-Brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação - RESAFE**, [S.L], n. 18, p. 28-47, mai./out. 2012.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. 2ª ed. Paz e Terra, RJ, 1998.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. Lisboa: Afrontamento, 1996.

SALVATICI, Silvia. Memórias de gênero: reflexões sobre a história oral de mulheres. **História Oral**, [S.L], v. 8, n. 1, p. 29-42, jan./jun. 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez., p. 71-99, 1995. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1210/scott_gender2.pdf?sequence=1. Acesso em: 15 de Dez., 2015.

_____. **História das mulheres**. In: A Escrita a história: novas perspectivas / Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

VASSALLO, S. P. Capoeira e Intelectuais: a construção coletiva da capoeira “autêntica”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, V. 2, n. 32, p. 106-124. 2003.

Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2200/1339>>. Acesso em: 04 jul. 2015.

VIEIRA, Luiz Renato. **O jogo da capoeira**. Rio de Janeiro – SPRINT 2ª edição – 1998.

APÊNDICE**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu _____
Natural de _____, com idade de ____
anos, estado civil _____, profissão
_____, residente no endereço
_____.

RG _____ estou sendo convidada a participar de um estudo denominado “trajetórias de mulheres capoeiristas em Porto Alegre”, realizado pela mestrandia Viviane Malheiro Barbosa. A pesquisa tem por objetivo compreender as singularidades das trajetórias de mulheres capoeiristas, fazendo o registro e a análise dessas vivências e experiências educativas na Capoeira Angola. O estudo justifica-se dentro do conjunto de ações educativas para a promoção da igualdade racial em nosso país, efetivado a partir do artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A participação no referido estudo será no sentido de conceder entrevistas. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido sigilo.

Também fui informada de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo. A pesquisadora envolvida com o referido projeto Viviane Malheiro Barbosa é mestrandia no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na Linha de Pesquisa História, Memória e Educação, e com ela poderei manter contato pelos telefones (51) 33771270 ou (51) 84596934, ou pelo e-mail: vivimalheiro@hotmail.com.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas conseqüências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientada quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente de participação na pesquisa, haverá ressarcimento na forma de dinheiro.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2016.

Nome e assinatura

Nome e assinatura da pesquisadora responsável

ANEXO**ROTEIRO ENTREVISTA**

Nome

Idade

Escolarização

Profissão

Você faz parte de algum grupo ou coletivo de Capoeira Angola? Qual?

Que é/são seu/a (s) mestre/a(s)?

Quais as suas referências de mestra, mestre, professora ou professor?

PERGUNTAS:

O que te aproximou da arte da Capoeira Angola?

Quanto tempo você pratica a Capoeira Angola?

Você sempre treinou neste grupo?

Se não, por que razão saiu do(s) anterior(es)? Explique porque escolheu o grupo em que se encontra.

Por que Capoeira Angola? Qual o significado da arte para você?

Como foi seu processo de formação na Capoeira Angola?

Narre sua trajetória como mulher na Capoeira Angola.

Você já vivenciou alguma situação difícil, triste, desconfortável, desagradável, ou ao contrário, sentiu facilidade, abertura, acolhida, pelo fato de ser mulher praticando Capoeira Angola?

Quais mudanças foram impulsionadas pela Capoeira Angola em sua vida?

Para você, o que representa ser mulher no universo da Capoeira Angola?